MONS. SEVERINO BEZERRA
Levitas do Senhor

LIVRO: OS LEVITAS DO SENHOR — MONSENHOR SEVERINO

VOL. — I

ESTE LIVRO FOI APROVADO EM 30—04—82 PELO CONSELHO EDITORIAL DA FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO/CONEDI

920 Bezerra, Severino, Mons.
B574L Levitas do Senhor. Natal, Fundação José Augusto/CERN, 1985.
148p.

1. Clero. 2. Biografias cristãs.
I. Título.

Trabalhos de revisão final a cargo do jornalista AFRANIO PIRES LEMOS

ARQUIDIOCESE DE NATAL

GABINETE DO ARCEBISPO METROPOLITANO
Praça Pio X, 335 — Telefone 222-2904
CEP 59.000 — Natal-RN Caixa Postal, 227

Natal, 14 de julho de 1981

Mons. Severino Bezerra é o historiador da Arquidiocese de Natal. Desde muitos anos ele se acostumou a pesquisar, preservar, rever documentos históricos de nossa vida religiosa, desde os primórdios aos nossos dias. Esta pequena coletânia de biografias de sacerdotes nascidos no Rio Grande do Norte ou em outros Estados, mas, engajados em nossa Pastoral, quer ser um ponto de partida para novas e mais adentradas pesquisas, na área da vida religiosa do nosso Estado.

A Igreja de Natal é muito pobre em documentos históricos, e poucos têm sido os que se dispoem a se aventurar neste campo de estudos. Creio que o exemplo de Mons. Severino Bezerra pode servir de motivação eficaz para muitos que desejem se lançar no campo da pesquisa histórica do nosso Clero, onde sobressaem as figuras de santos, sábios, heróis e mártires. A Igreja católica do Rio Grande do Norte é muito rica de fatos que nos enobrecem e edificam. Talvez em toda história eclesiástica Brasileira nada se igualhe aos martírios de Ferreiro Torto, Uruassú e Cunhaú. Espero, com a graça de Deus, que o trabalho correto, paciente e edificante de Mons. Severino Bezerra seja esta semente lançada no terreno das boas intenções de muitos que podem, de fato, nos oferecer trabalhos como este, para fixar no presente o acontecimento que não passa.

Dom Nivaldo Monte
ARCEBISPO

Não toqueis os meus
ungidos.
I Crônicas — 16.22.

Introdução

A história do Clero, é a história da Igreja, por isso, aqui reuni biografias de cento e vinte e cinco sacerdotes, do Clero secular.

São biografias simples, cronológicas de grande número de filhos do Rio Grande do Norte e outros não rio-grandenses, mas, que trabalharam no Ministério paroquial e terminaram as suas vidas na graça de Deus.

Este trabalho fiz com a finalidade de serem lembrados pela geração presente, os sacerdotes que no passado foram verdadeiros guias do Povo de Deus.

Natal, 9 de junho de 1981

Mons. Severino Bezerra

MONS. AUGUSTO FRANKLIN MOREIRA DA SILVA

Monsenhor Augusto Franklin Moreira nasceu em Goianinha, no dia 19 de março de 1842, onde foi batizado na Matriz local a 8 de setembro do mesmo ano de seu nascimento, pelo vigário colado e Visitador diocesano, padre Manoel Ferreira Borges. Seus pais chamavam-se José Nicácio da Silva e Antonia Joaquina Moreira. O curso primário deve ter sido feito em escolas de sua cidade natal e os outros, inclusive os estudos maiores de filosofia e teologia, foram todos concluídos no Seminário de Olinda. Ordenado sacerdote a 10 de setembro de 1865, em Olinda, sendo oficiante o bispo diocesano dom Manoel do Rêgo Medeiros. Não se tem conhecimento onde foi celebrada a sua primeira Missa, se no Recife ou Goianinha. Depois de ordenado sacerdote, o padre Augusto Franklin, ficou exercendo o ministério paroquial lá mesmo em Pernambuco onde sempre residiu; no Rio Grande do Norte, o seu nome não é encontrado em paróquia nenhuma, nem mesmo no simples cargo de capelão ou coadjutor na diocese de Olinda, onde sempre trabalhou. Criada a paróquia de Gameleira, no interior de Pernambuco, o padre Augusto Franklin fez a instalação da referida paróquia a 31 de dezembro de 1868, sendo para essa paróquia nomeado primeiro vigário, em data de 22 de dezembro do mesmo ano. Deixando a paróquia de Gameleira, veio para Recife. A paróquia das Graças, criada a 22 de maio de 1870, foi instalada a 8 de setembro do mesmo ano, onde também o padre Augusto Franklin foi o primeiro vigário dessa paróquia. Da paróquia das Graças, passou para vigário da Boa Vista, ainda em Recife. Nessa paróquia última, foi vigário longos anos, sendo geralmente querido de seus paroquianos. Em 1895, na campanha sustentada contra a maçonaria pelo bispo dom Manoel dos Santos Pereira, o padre Augusto Franklin, como vigário da Boa Vista, apoiou o bispo. No tempo de vigário da Boa

Vista, o padre Franklin fundou o semanário católico "Era Nova" que foi diretor, tornando-se folha de grande circulação nos estados vizinhos. Em face do sucesso alcançado pelo seu jornal, foi elevado à dignidade de monsenhor camareiro do papa Pio X. Em 1894, Delmiro Gouveia o homem da Fábrica de Pedra, à margem do São Francisco, um dia recebeu um cartão do Mons. Augusto Franklin, vigário da Matriz de Boa Vista, em Recife, um ilustre potiguar, filho do município de Goianinha. O vigário era uma figura inconfundível entre o clero recifense. Estava remodelando a Matriz da Boa Vista, e mantinha o "Era Nova", folha católica lida e apreciada em todo o Nordeste. Delmiro leu o cartão do padre que dizia: "Delmiro, sei que o teu dinheiro fede a enxofre, manda-me 500$000, que desinfeto bem e aplicarei nas obras da Matriz. Augusto Franklin, vigário da Boa Vista". Delmiro disse meia dúzia de heresias, rindo enviou ao vigário a importância dizendo: "Gosto do homem ativo, aquele sacristão é dos meus". O monsenhor Augusto Franklin, faleceu no Recife, ainda sendo vigário da Boa Vista, no dia 8 de janeiro de 1906. Ao terminar a sua vida terrena contava o Monsenhor com 64 anos de idade e 41 de sacerdote. Está sepultado no cemitério de Santo Amaro, no Recife.

No arquivo paroquial de Goianinha, no Livro 2, na folha 114, consta o termo do seu batismo, que diz o seguinte: "Aos oito de setembro de mil oitocentos e quarenta e dois, batizei solenemente a Augusto, com seis meses, filho legítimo de José Nicácio da Silva e d. Antonia Joaquina Moreira, moradores nesta vila. Padrinhos Tenente Joaquim Francisco de Paula Moreira e d. Lourença Alexandrina de Oliveira. O Vigário Manoel Ferreira Borges".

PADRE AGNELO FERNANDES DE QUEIROZ

Dos padres filhos do Oeste do Rio G. do Norte, nascidos em Pau dos Ferros, está o padre Agnelo, que veio ao mundo no dia 14 de dezembro de 1875, filho de Francisca das Chagas Fernandes e Liberalina Gomes Queiroz. Fez o curso primário em Pau dos Ferros, onde residia com os seus pais e na idade determinada fez-se aluno do Seminário da Paraíba e aí estudou o curso secundário, continuando os estudos no curso superior, cujas matérias principais: filosofia, direito canônico e teologia moral e dogma. Terminado tudo foi se preparando para o sacerdócio, que foi iniciado pela

tonsura clerical, em 1894; ordens menores em 1895; diaconato, em 1899 e por fim o presbiterato que teve lugar na Catedral da Paraíba, a 4 de novembro de 1900. Primeira Missa a 11 do mesmo mês e ano, na Matriz de Pau dos Ferros. Sua primeira nomeação no ministério paroquial foi para coadjutor no Ceará Mirim de 1901 a 04, sendo vigário da paróquia o Monsenhor José Paulino Duarte e em 1905 se tornou o vigário da mesma, pela saída do Mons. José Paulino, ficando o padre Agnelo até 1911. Em janeiro de 1912, foi transferido para a paróquia de Caraúbas, no encargo de Patu. Não conseguiu saúde em Caraúbas e é assim que faleceu quando devia tomar posse da freguesia. Faleceu a 25 de fevereiro de 1912, em Caraúbas, onde foi sepultado. Anos depois, os seus restos mortais foram retirados do Cemitério de Caraúbas e levados para Ceará Mirim e colocados na parede da Capela-Mor, em lugar preparado e depois, por motivo justo, os ossos do padre Agnelo, foram retirados da Capela-Mor da Matriz e colocados em outro lugar preparado na parede da Sacristia e aí coberto por uma lápide de mármore, na qual estava esta inscrição em latim: "Hic ossa condutur et cineres Agnelli Fernandes prebiteri qui a Francisco et Liberalina Fernandes piis parentibus ortus XIX calendas januarii natuis CCLXXV sacerdotium Christi est evcetus pridie nonas novembris MCM. Hanc rexit Ecclesiam cui pastoris illuxit virtutibus boni brevi sed laboribus meritisque pleno consumato vitae cursu spiritum Deo redididit V calendas martii". Em 1937, os ossos do padre Agnelo foram retirados da Matriz do Ceará Mirim e levados para Angicos, onde repousam juntos aos de seu irmão Cônego Leão Fernandes. no Cemitério local, em um túmulo próprio. O padre Agnelo Fernandes, que muito trabalhou na paróquia do Ceará Mirim, foi muito estimado do povo, seus paroquianos, pelas suas virtudes sacerdotais e pelo modo de tratar os que lhe procuravam no serviço paroquial dessa grande comunidade.

PADRE ALEXANDRE FERREIRA NOBRE

Padre Alexandre Ferreira Nobre nasceu em Natal. Não temos prova documentada do ano do seu nascimento, mas julgamos ter sido em 1812 a 14. A ordenação sacerdotal foi a 19 de março de 1838, em Olinda pelo bispo diocesano Dom João da Purificação Marques Perdigão. A sua primeira nomeação foi para vigário da paróquia de N. Senhora da Apre-

sentação, em Natal e aí esteve nos anos de 1839 e 40, e ainda no fim de 1840, passa a coadjutor da mesma paróquia, quando o vigário era o padre Bartolomeu da Rocha Fagundes, que se tornou depois vigário colado. Criada em 1835 a paróquia de São Gonçalo e não sendo provida de vigário, o bispo Dom João Perdigão mandou o padre Alexandre fazer a bênção da Capela Mor da igreja de São Gonçalo, cujo ato teve lugar a 28 de novembro de 1839 e aí o padre Alexandre ficou como vigário interino até 1844 quando São Gonçalo teve um vigário permanente, na pessoa do padre José Paulo Monteiro, cargo que exerceu até morrer. Padre Alexandre é vigário de Touros nos anos de 1846 e 47. Em 1859 vai auxiliar o vigário José Paulo em São Gonçalo e Macaíba, até que sendo a sede paroquial de São Gonçalo transferida para Macaíba, em 1883 por ato de uma Lei da Assembléia provincial, o padre fixou residência na povoação de Igreja Nova e ai continuou fazendo batizados e casamentos, quando necessário, com aprovação do Vigário, que tinha residência em Macaíba. Na povoação de Igreja Nova, o padre Alexandre terminou a sua vida terrena, sendo sepultado na Capela local, onde não tem sinal algum indicando o lugar. Não constando no arquivo paroquial de Macaíba o termo de óbito do padre Alexandre, pessoas alí residentes informam que o seu falecimento foi no ano de 1894. A família Ferreira Nobre, sobretudo, os residentes em Natal, é grande, porém ninguém sabe informar a respeito do padre Alexandre. No século passado, a família Ferreira Nobre teve lugar saliente na sociedade de Natal, para isso citemos o Tenente Coronel Vicente Ferreira Nobre e Manoel Ferreira Nobre, este foi o primeiro que escreveu a história dos municípios do Rio Grande do Norte.

MONS. ALFREDO PEGADO DE CASTRO CORTEZ

A família Pegado Cortez tem extensão em municípios do Estado da zona agreste ao Seridó e mais acentuado no município de Arês. Alfredo Pegado nasceu no Engenho Baldum, do município de Arês, a 25 de agosto de 1876, filho do alferes João Pegado da Siqueira Cortez e Maria Paulina de Castro Cortez. Foi batizado no mesmo engenho Baldum pelo vigário de Arês, padre Basílio Freire de Alustau Navarro. Os estudos primários foram feitos em casa, ensinado por sua mãe e os secundários no Atheneu em Natal e nos Seminários

de Olinda e Paraíba, estudou o curso superior de filosofia, direito e canônico, teologia, moral e dogmática e liturgia. Início para o sacerdócio, a tonsura recebida em 1895, daí seguiram-se as ordens menores o subdiaconato e o diaconato, em datas diferentes e por último o presbiterato, recebido a 5 de novembro de 1899, na Catedral da Paraíba, pelo bispo diocesano dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques. A primeira Missa foi em Natal, por ocasião da festa de Nossa Senhora da Apresentação, a 21 de novembro de 1899. Permanecendo na Paraíba, após ordenado, aí teve sua nomeação para vice-Reitor do Seminário e professor do mesmo no tempo de 1900 a 02; diretor espiritual do Seminário de 1903 a 04 e somente em 1906 deixou a Paraíba e acompanhou a dom Joaquim de Almeida, para o Piauí, ficando aí até 1911. No ano de 1909 a 8 de novembro de 1909, o papa São Pio X, lhe dá o título de Monsenhor Camareiro e em 1911, Mons. Pegado acompanha dom Joaquim para Natal e então se torna membro do clero da diocese de Natal. Vigário em comissão na paróquia de Santa Cruz a 11 de maio de 1913 a março de 1914, sendo-lhe dado um padre coadjutor, na pessoa do sacerdote José Mendes, a quem passou depois a direção da paróquia, voltando para Natal. Por duas vezes, esteve no governo da diocese de Natal, quando esteve vaga; tendo o título de Governador do bispado; foi uma vez vigário capitular, eleito pelos Consultores diocesanos. Vigário Geral da diocese, desde dom Joaquim, até no Governo de dom Marcolino. Primeiro diretor do colégio Santo Antonio e primeiro reitor do Seminário de São Pedro. Foi Deputado, na Assembléia Legislativa do Estado, nos anos de 1918 a 26 quando se deu a perda do Mandato. Também em anos passados, ocupou o lugar de intendente do município de Natal. Professor do Atheneu; da Escola Normal e por muitos anos foi capelão do Colégio da Conceição. Esteve no sul do país, em Belo Horizonte e aí foi professor do Seminário Coração Eucarístico; em São Paulo foi vigário da freguesia Bica de Pedra, na Diocese de São Carlos. De regresso para Natal em 1917, esteve vigário de N. S. da Apresentação, Catedral de 1917 a 18. Em julho de 1922 a 23, voltou a se encarregar da Catedral. O Santo Padre Pio XI deu o título de Protonotário Apostólico, cujo título lhe foi entregue em cerimônia litúrgica solene na igreja Catedral. Confortado com os sacramentos da Santa Igreja e assistido por membros do clero diocesano e por pessoas de sua Família, faleceu santa-

mente a 22 de janeiro de 1941. Os seus restos mortais jazem no Cemitério do Alecrim, em túmulo da Família. Foi o Mons. Pegado um grande sacerdote e ilustre cidadão, benquisto de todos. No ensino se distinguiu na cadeira de matemática sobretudo. Amigo dos padres e do seu bispo. Teve sempre atenção aos seminaristas procurando formá-los na ciência e no cultivo da vocação.

PADRE AMARO THEOT CASTOR BRASIL

Padre Amaro Theot Castor Brasil, nasceu no município de Campo Grande, atual Augusto Severo, na fazenda Espírito Santo, hoje chamada Parahú, 1838. Foi ordenado sacerdote no Seminário de Olinda a 16 de junho de 1862, pelo bispo diocesano, dom João da Purificação Marques Perdigão. Tinha o padre Amaro 27 anos de idade quando teve começo a guerra do Paraguai e ele alistou-se para seguir para o campo de batalha e com ele foram os seus irmãos Manoel Martins Correia e Castro, o mais velho; Antonio Martins Correia e José Lucas Barbosa e todos regressaram ao Brasil, oficiais honorários do Exército. Como capelão militar, o padre Amaro saiu de Natal a 9 de junho de 1865 e voltou com com os irmãos em maio de 1870. Na guerra do Paraguai, como capelão esteve no combate de Potrero-Oveja a 28 de outubro de 1867. Foi dispensado do serviço a 6 de janeiro de 1870 por enfermidade. Vigário de Nova Friburgo em 1874. Coadjutor do Ceará Mirim em 1875. Vigário do Caicó de 1885 a 94. Vigário de Triunfo em 1895. Foi Alferes Capelão do 1.º corpo de Voluntários da Pátria. O Marechal Marquês de Caxias citou-o na ordem do Dia de 9 de novembro de 1867, elogiando seu corportamento no combate de Potrero-Oveja. O Pe. Amaro era inteligente, generoso, compreensivo e grande pregador sacro. Cavaleiro admirável e grande atirador, com todas as armas; valente e destemido, porém, arrebatado que o prejudicava pela incontinência na linguagem. Conta-se que o Pe. João Alípio da Cunha, quando vigário de Macaíba cobrou os emolumentos que o Pe. Amaro recebera de batizados feitos na sua paróquia, então o Pe. respondeu por escrito o seguinte: "Ao padre João Alípio da Cunha, vigário de Macaíba por infelicidade do povo e imprevidência do Bispo. Aí vai seu dinheiro porque só costumo ficar com o que me pertence e nunca com que os outros ganham por mim... De quem se preza de não ser seu amigo e muito menos seu

criado. A) Padre Amaro". De 1891 a 901 esteve vigariando Jucurutu. Tinha as imperiais Ordem de Cristo e da Rosa; Medalha de Mérito Militar da Campanha do Paraguai. Em 1901, zangado com todo o mundo foi embora para o Amazonas e em Manaus foi encarregado da paróquia de Maués, até que a 22 de agosto de 1906, contando 68 anos de idade e 44 de sacerdote, faleceu. O jornal "Voz Potiguar" de 2 de setembro de 1906, de Currais Novos publicou o seguinte:

> "Faleceu em Manaus este distinto sacerdote, padre Amaro, nosso coestaduano, que foi há anos vigário de Caicó. Fazemos chegar os nossos sentimentos a sua numerosa família".

PADRE ANTONIO BRILHANTE DE ALENCAR

Natural de Patu, cidade da região Oeste do Rio G. do Norte, onde nasceu, a 2 de maio de 1873, filho do Major Firmino Brilhante de Alencar e Benvinda Alves Feitosa. Matriculou-se no Seminário da Paraíba. Aí fez todos os estudos dos cursos secundário e o Superior de Filosofia e Teologia. A Tonsura em 1901, ordens Menores no mesmo ano, subdiaconato em 1903, diaconato em 1903 e por complemento a ordem do presbiterato a 13 de novembro de 1904. Primeira Missa celebrou na capela do Seminário da Paraíba a 15 do mesmo mês e ano da ordenação sacerdotal. A sua primeira paróquia foi o Açu onde se demorou cinco anos, nos anos de 1905 a 10. Também esteve vigário no Jucurutu de 1910 a 12, em Currais Novos de 1912 a 22. Outras muitas paróquias do Rio Grande do Norte esteve em anos diversos, sendo de nota: Serra Negra do Norte, Caicó, Florânia, Acari, Ceará Mirim, Taipu, Lajes, Goianinha, São José de Mipibu e em todas estas paróquias o padre Brilhante, como era mais conhecido, desempenhou bem o cargo que lhe foi confiado, dedicando todo o seu tempo ao minstério paroquial, só deixando quando não mais permitiam os incômodos de saúde. Foi vigário no espaço de trinta e cinco anos e todo no Rio Grande do Norte. Afastado do ministério passou então a viver tempo na sua propriedade próximo de Pedra Preta, que foi parte do município de Lajes e vezes outras em Natal. Sentindo cada vez mais aumentando os incômodos, resolveu definitivamente se fixar em Natal e na capital terminou os seus dias a 2 de janeiro de 1942, tendo então a soma de 69 anos de idade e 38 de vida sacerdotal. O padre Brilhante de-

vido aos seus trabalhos constantes no serviço eclesiástico, pôde juntar bens, sobretudo propriedades agrícolas-pastoris, em regular quantidade. No oeste do Rio Grande do Norte, a família Brilhante foi muito conhecida e temida. Os seus restos mortais se encontram em Natal, no cemitério do Alecrim.

PADRE ANTONIO FRANCISCO ARÊAS JÚNIOR

Padre Antonio Arêas, nasceu em Natal, no bairro da Ribeira, no ano de 1835, filho de Antonio Francisco Arêas e Inácia Genoveva Arêas. Os seus primeiros estudos foram feitos em Natal e depois, continuados no Seminário de Olinda, onde concluídos, aí foi ordenado sacerdote, pelo bispo diocesano, dom João da Purificação Marques Perdigão. Não se tem a data certa de sua ordenação, porque em 1855 não estava ordenado, mas, em 1859 já se encontra o seu nome, oficiando batismos na igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação em Natal. Exerceu o ministério paroquial nas freguesias de Escada, em Pernambuco e Bahia da Traição, na Paraíba. Capelão da Armada, na Campanha de Aprendizes Marinheiros do Rio G. do Norte. Foi um dos bons poetas do seu tempo e colaborador nos jornais de Natal e do Diário de Pernambuco, do Recife. Na Assembléia Legislativa Provincial do Rio G. do Norte, no biênio de 1860 a 61, ocupou uma cadeira de suplente e na guerra do Paraguai com o Brasil, tomou parte com o título de Alferes Capelão, pertencendo à Repartição Eclesiástica do Exército. Pediu reforma, para fugir a guerra e obteve demissão por decreto de 30 de setembro de 1865. Funcionário da Assembléia Legislativa Provincial. Filiado à Maçonaria e por ocasião da Questão Religiosa, publicou um panfleto intitulado "O Evangelho de Cristo perante a Igreja dos Papas" publicação que teve suspensão, como consequência, de suas ordens sagradas, pelo bispo de Olinda, dom Vital Maria de Oliveira. Era oficial Maior da Secretaria da Assembléia Legislativa, ganhando 100$ nos anos de 1882 a 86 quando foi demitido, voltando as mesmas funções a 7 de novembro de 1888 e aí permaneceu até a morte. Embora suspenso de ordens, ensinava o catecismo e não perdia a Missa dominical, na Matriz da Apresentação, que era celebrada às 9 horas. Conta o dr. Câmara Cascudo, no "O Livro das Velhas Figuras" uma vez estava fazendo uma "prática" na Igreja do Bom Jesus das Dores da Ribeira quando um atrevido largou dentro da nave um "busca-pé", chiando, fa-

lhando, espalhando terror no meio das saias do mulherio espavorido. Padre Arêas interrompeu o discurso imaginoso e, como estava, atravessou o templo e largou numa carreira olímpica, perseguindo o rapaz. Agarrou-o na Tatajubeira, entroncamento da rua Ferreira Chaves com a rua Frei Miguelinho, lavando-o-peito com uns safanões bruscos e eficientes. Voltou, noutro arranco fulminante, e retornou o fio do discurso, como se coisa alguma houvesse perturbado o fio da improvisação". Morreu no bairro da Ribeira, onde residia, a 27 de julho de 1899. Morreu suspenso de ordens, com 54 anos de idade. Era de estatura baixa, forte, impulsivo, poeta e bom orador.

No arquivo paroquial da Catedral, no Liv. 5 — fls. 113 — n. 113, de registro de óbitos consta este termo: "A 27 de julho de 1889 no bairro da Ribeira, faleceu da vida presente e sepultou-se no Cemitério Público Antonio Francisco Arêas. Sacerdote suspenso, idade 58 anos, natural desta Freguesia.

Fiz escrever este assento.
O pároco João Maria Cavalcante de Brito".

PADRE ANTONIO DIAS DA CUNHA

É natural de Martins onde nasceu a 15 de abril de 1825, filho de Francisco Maximiniano da Cunha e de Vicência Maria da Conceição. Com o professor Emiliano Pereira, em Martins, estudou as primeiras letras, também francês e latim e findando estes estudos, ingressou no Seminário de Olinda e aí foi ordenado sacerdote a 19 de novembro de 1847, pelo bispo diocesano Dom João da Purificação Marques Perdigão. Em julho de 1848, tomou posse do cargo de coadjutor da freguesia de Serra do Coité, na Paraíba, sendo aí vigário colado o padre Manoel Jácome Bezerra Cavalcanti. Com a restauração da paróquia de Santa Cruz em 1858, pois, um ato do poder legislativo em 1849, Santa Cruz deixou de ser paróquia e na restauração o padre Antonio Dias foi o primeiro vigário de 1859 a 66, quando então foi transferido para vigário colado de Apodi. Regeu a paróquia de Caraúbas de 1890 a 93. Em 1900, o padre Antonio Dias afastou-se de suas funções paroquiais por ter sido acometido de cegueira. No paroquiato do padre Antonio, em Apodi, ficou bem conhecida a questão de 1871 com o povo de Caraúbas, por motivo de sua insistência em não consentir a volta da imagem de São Miguel, que

pertencia à Matriz de Caraúbas e que na Matriz de Apodi estava de modo provisório, havendo do padre Antonio Dias desobediência ao mandato do vigário capitular de Olinda, Cônego João Crisóstomo de Paiva Torre. Em 1900, o padre Antonio Dias deixando o governo da paróquia por motivo de saúde, aí ficou residindo até 10 de junho de 1908, quando faleceu.

CONEGO ANTONIO FREIRE DE CARVALHO

Natural do Açu onde nasceu a 12 de junho de 1821. Nas escolas de sua terra natal, antes de cursar o Seminário de Olinda, recebeu as primeiras letras; fazendo o curso ginasial, filosofia e teologia no Seminário acima referido e aí foi ordenado sacerdote, pelo bispo diocesano dom João da Purificação Marques Perdigão, no dia 6 de dezembro de 1844, contando nesse tempo a idade de 23 anos. Voltando para o Rio Grande do Norte, foi logo assumir o cargo de coadjutor de sua terra, o Açu, onde era vigário colado, o padre Manoel Januário Bezerra Cavalcanti e aí demorou de 1844 a 45. Foi esta a sua primeira nomeação para exercer o ministério paroquial. O vigário Manoel Januário, foi muito estimado dos seus paroquianos. Do Açu foi transferido para Mossoró, onde exerceu também o cargo de coadjutor, ajudando o padre Antonio Joaquim, que era igualmente, vigário colado. Em Mossoró, o Cônego Antonio Freire permaneceu de 1850 a 56. Foi nesse período que Mossoró teve da Assembléia Legislativa Provincial, a categoria de Vila e Município, graças a ação do vigário Antonio Joaquim, como Deputado Provincial, isto no ano de 1852, então o Cônego Freire se elegendo vereador da primeira Câmara do Município quando foi escolhido para Presidente da mesma Câmara tornando-se desse modo, o primeiro administrador do município de Mossoró. A posse como Presidente da Câmara foi a 24 de janeiro de 1853 e o seu governo foi até 1856. Em fins de 1856 deixou Mossoró e o Rio G. do Norte, indo para Pernambuco, ficando em Caruaru, onde teve o cargo de Capelão. Em 1857, Caruaru foi elevado ao predicamento de Vila e Paróquia, e então o Cônego Freire que era capelão do lugar, passou a ser o primeiro vigário de Caruaru. Como já há tempo trabalhava em Caruaru e sendo muito estimado do povo, passou as-

sim a ser apelidado com o nome de padre vigarinho. Em Caruaru, foi grande o seu trabalho em favor do povo, no momento mais difícil, sobretudo quando surgiu o cólera morbus e o vigário voltou-se em auxílio dos seus paroquianos, máxime, os pobres, os desamparados nesse momento tão difícil, quando a peste da cólera dizimava grande parte dos destituídos de meios para se restabelecer. O sacrifício dispensado ao seu povo, veio como mérito, à dádiva do título de Cônego que lhe fora entregue pelo Cabido Diocesano de Olinda. O Cônego Antonio Freire, faleceu na sua paróquia — Caruaru, a 29 de fevereiro de 1908, sendo sepultado no Cemitério São Roque, da cidade. A Prefeitura de Caruaru, como homenagem, deu o seu nome à rua onde o padre residia com a denominação "Rua Vigário Freire" e na praça Henrique Pinto, foi colocado um busto do padre com dizeres alusivos e nas solenidades do Centenário do Município em 1856, o nome do Cônego Freire, foi lembrado como um dos maiores benfeitores da comunidade de Caruaru.

PADRE ANTONIO GERMANO BARBALHO BEZERRA

Era conhecido por padre Tote, natural do Açu, ignorando-se as datas de seu nascimento e de sua ordenação sacerdotal. Filho de Antonio Barbalho Bezerra e Inácia Barbalho Bezerra. É sabido que a sua ordenação foi nascida de um voto que fez à Nossa Senhora, em momento difícil de sua vida e é narrado o acontecimento seguinte: era ele vaqueiro de seu pai. Certa vez, foi à procura de uma rês transviada, embrenhou-se em um cerrado matagal, perdido a direção, desorientado, sem atinar com o caminho, passou parte do dia e da noite perdido. Lembrou-se então, de invocar os poderes divinos, fazendo um voto à Nossa Senhora, prometendo, se saisse daquela aflição, ir ser padre. Minutos depois, com surpresa, achava-se no terreiro da casa paterna. Alcançada a graça comunicou ao pai e, ingressando no Seminário, fez-se sacerdote. Foi vigário interino de 1879 a 87. Fundada a sociedade Libertadora Açuense a 13 de maio de 1885, com o propósito de libertar os escravos existentes no município de Açu, o que conseguiu a 24 de junho do mesmo ano, foi ele o seu Presidente. O padre Antonio Germano faleceu no dia 27 de novembro de

1897, no Seminário de Olinda, outras informações dadas, dizem que o padre morreu no Recife, no Convento de Nossa Senhora do Carmo.

PADRE ELIAS BARBALHO BEZERRA

Era natural do Açu, nascido no ano de 1823, irmão do padre Antonio Germano Barbalho Bezerra, os pais do mesmo, Antonio Barbalho Bezerra e Inácia Barbalho Bezerra. Ordenado sacerdote no ano de 1845. Foi coadjutor pró-pároco da freguesia, de São João Batista do Açu de 1859 a 66, servindo na capela do Rosário, na Varzea do Açu, bem como, coadjutor da paróquia de Macau de três de junho de 1875 a três de outubro de 1876. É ignorado a data de seu falecimento, parecendo ter sido no Açu, onde sempre viveu.

PADRE FRANCISCO TEODÓSIO DE SEIXAS BAYLON

Outro sacerdote natural do Açu, filho do capitão Leandro Bezerra Cavalcante de Albuquerque e Francisca Inácia da Conceição. Não se sabe a data de nascimento, nem de ordenação. Foi ordenado em Olinda, pelo bispo diocesano dom João da Purificação Marques Perdigão. Em 1837 já estava ordenado, exercendo o Magistério escolar em Natal, ocupando a cátedra de Latim no Atheneu Norteriograndense e nas eleições para juiz de paz em 1840 se recusou a fazer parte da mesa paroquial por não ter procuração e com outros assinou o memorial em que pedia a anulação das eleições para juiz de paz e vereadores. Exerceu o mandato de deputado da Assembléia Provincial de 1854 a 55, um biênio. Conseguiu a sua transferência de professor para o Açu, continuando no ensino do latim, já se notando sua presença em 1839 na sua cidade, cujo ensino, deixou de exercer em 1866, talvez por motivo de idade avançada. Também não se sabe quando faleceu, no Açu, a 20 de março de 1868, fez o seu testamento.

PADRE ANTONIO DE OLIVEIRA ANTUNES

O padre Antunes, como era conhecido era cearense, do Aracati, onde nasceu no ano de 1825. Filho de comerciante Joaquim Antunes de Oliveira e Inácia Moreira An-

tunes de Oliveira. Os seus primeiros estudos fez na sua terra Aracati, onde residia com os seus pais. Ordenado sacerdote a 30 de dezembro de 1850, cujos estudos do curso superior devem ter sido feitos no Seminário de Fortaleza, pois nos falta documento a respeito. Também nos falta documento quando veio para o Rio Grande do Norte, fixando residência no Ceará Mirim, onde tinha família dos Antunes. No ano seguinte de sua ordenação, já foi ocupar o cargo de Capelão do Exército, no ano de 1851, provavelmente em Fortaleza, de maneira que a sua presença no Rio Grande do Norte, é notada de 1863 por diante, quando no Ceará Mirim se tornou proprietário do Engenho "Umburanas", que obteve por compra ao Coronel Luiz Souto e nesse Engenho esteve também os seus pais. A permanência do padre Antunes, no Ceará Mirim foi de trinta e seis anos. Com a proclamação da República em 1889, ficou o município de Ceará Mirim, sob a direção de um octonato político, constituído de oito senhores e dentre estes, era contado o padre Antunes. Vivendo de boas finanças, adquiridas pelo seu trabalho, concorreu às suas custas, para a construção das torres da Matriz do Ceará Mirim, que no interior de uma das torres, uma placa de bronze está lembrando isto. Em 1909, foi vigário substituto no Ceará Mirim e antes dessa data, de 1869 a 83 esteve como vigário pró-pároco, provavelmente na mudança da sede paroquial de Extremoz para a Boca da Mata, atual Ceará Mirim. O padre Antunes, adiantado em idade e sentindo-se enfermo foi para Natal à procura de melhoras para a saúde e na capital veio a falecer no dia 5 de março de 1899, com 74 anos de idade e 49 de sacerdote. Não viveu em outra parte, mas, só mesmo no Ceará Mirim. Aqui está o seu termo de óbito, assinado pelo pároco de Nossa Senhora d'Apresentação, padre João Maria Cavalcante de Brito. Livro 6-fls. 54v. de óbitos do Arquivo da Catedral de Natal, diz o seguinte:

> "Aos cinco de março de mil oitocentos e noventa e nove, nesta cidade, faleceu de gastrite ulcerosa, o padre Antonio de Oliveira Antunes, natural do Estado do Ceará, morador em Ceará Mirim, hoje aqui residente, com setenta e quatro anos de idade, havendo sido encomendado por mim, que este faço.
>
> O Pároco João Maria C. de Brito"

O Jornal do Estado "A República", em março de 1899, deu esta notícia:

"Na idade de 73 anos, faleceu a 5 de março de 1899, nesta capital o respeitável sacerdote Antonio de Oliveira Antunes, agricultor no vale do Ceará Mirim". O "Diário de Natal" do dia 7 de março de 1899 fez longo noticiário da morte do padre Antunes.

PADRE ANTONIO JOAQUIM RODRIGUES

Padre Antonio Joaquim, era cearense nascido na cidade de Aracati a 5 de novembro de 1820. Os seus pais foram o português Antonio Joaquim Rodrigues e Vicência Ferreira da Mota, que em 1824 mudaram-se para Apodi e aí o filho foi estudar as primeiras letras na escola particular do professor Francisco Saturnino dos Reis. Depois de 1836, foi Antonio Joaquim, o filho estudar na escola pública do professor Inácio Francisco Dantas, no Apodi. Depois do curso primário, foi para a povoação do Martins estudar latim e mais preparatórios com o professor público, português Francisco Emiliano Pereira e nesta escola, também estavam os estudantes, depois padres Antonio Dias da Cunha, Cosme Leite, Matias Fernandes de Queiroz e outros. Em 1840, matriculou-se no Seminário de Olinda e aí foi ordenado sacerdote em 1843. Criada em 1842 a freguesia de Santa Luzia de Mossoró, Antonio Joaquim, sendo diácono, fez concurso para esta freguesia, foi aprovado e promovido em 1844, quando já sacerdote. A sua posse foi tumultuada pelo povo que não o queria como vigário e sim, o capelão padre José Antonio Lopes, já antigo no cargo, mas que, com a posse e o tempo decorrido, mesmo os adversários se tornaram seus amigos. Em Mossoró, o padre Antonio Joaquim fundou o Partido Conservador em 1848, pois o padre já era bem relacionado na localidade, contando já muitos amigos. Em 1852, por influência do padre Antonio Rodrigues, o povoado de Santa Luzia passou a município e a primeira eleição, feita na Matriz, para vereadores e juízes de paz, foi barulhada pelos adversários do padre. Aprovada a eleição pelos conservadores chefiados pelo vigário, no dia 24 de janeiro de 1853 foi instalada a primeira Câmara Municipal de Mossoró, tendo como presidente o padre Antonio Freire de Carvalho. O padre Antonio Joaquim foi deputado da Assembléia Le-

gislativa Provincial nos biênios: 1854-55; 1856-57; 1858-59; 1866-67 1868-69; 1870-71; 1872-73. Na Assembléia o padre conseguiu criação de cadeiras de instrução primária; Mesa de Rendas Provinciais; o distrito de paz de Areia Branca e o de São Sebastião e muitos outros atos em benefício de Mossoró. Apoiou, embora velho, o movimento abolicionista que se levantou em Mossoró em 1883, aplaudindo a libertação total dos escravos do Município e tomando parte ativa nas festas. Em 1858, o vigário demoliu a primitiva capela de S. Luzia e fez os alicerces da Igreja Matriz de Mossoró, no mesmo lugar, da referida capela e levou dez anos para fazer o corpo da igreja um pouco maior do que a primitiva, os corredores e a coberta. O vigário por motivo de idade e saúde, não podendo mais curar sua freguesia, as suas funções passaram a serem exercidas pelo seu coadjutor Padre João Urbano de Oliveira, que desde 1885 ocupava esse cargo de coadjutor, falecendo a 9 de setembro de 1894, com 74 anos de idade e 51 anos de vigário em Mossoró. Está sepultado na Matriz de Mossoró, atual Catedral.

"A República" de 1894 — publicou o seguinte: "Padre Antonio Joaquim — A 9 de setembro morreu em Mossoró o padre Antonio Joaquim, curou a freguesia por mais de 50 anos tendo ultimamente deixado de rege-la por não poder absolutamente o seu estado valetudinário e de cegueira. Morreu em avançada idade e paupérrimo; tudo quanto ganhava distribuia com os pobres de sua freguesia. Foi um pároco digno e exemplar e por isto era muito querido e respeitado de seus paroquianos, entre os quais gozou do maior prestígio. Foi Deputado no antigo regime, presidiu a Assembléia Legislativa em algumas sessões e por seus serviços foi condecorado com o grão de cavaleiro de Cristo e da Rosa. Natural do Ceará; Não deixou desafeto".

PADRE ANTONIO RAFAEL GOMES DE MELO

Padre Antonio Rafael, era pernambucano, da cidade de Goiânia, onde nasceu no ano de 1826, filho de Joaquim Rafael Gomes de Melo e de Francisca das Chagas de Melo. O curso primário fez em sua terra — Goiânia — e no Semi-

nário de Olinda fez o curso teológico e mais estudos necessários. Ordenado sacerdote a 8 de junho de 1849, pelo bispo diocesano dom João da Purificação Marques Perdigão. O padre Antonio Rafael, após a sua ordenação, ficou exercendo o ministério em Pernambuco, demorando vir trabalhar no Rio G. do Norte e aqui chegou em 1857, quando então, assume de modo provisório a direção da freguesia da Serra de São Bento, que estava vaga porque, aparecendo nesse ano de 1856, a epidemia da cólera, o vigário de São Bento, padre Jerônimo José Pacheco de Albuquerque Maranhão, abandonou a paróquia referida e assim o padre Antonio Rafael, por espaço de três meses, maio a julho, do mesmo ano de 1857 se tornou vigário de São Bento, pedindo depois exoneração do cargo. Em 1866, dez anos depois de ter saído de São Bento, o padre Antonio Rafael, volta ao Rio G. do Norte e é nomeado vigário de Santa Cruz, cuja posse no cargo foi a 7 de outubro de 1866, substituindo o padre Manoel Jácome Bezerra, vigário vizinho, na paróquia de Cuité, na Paraíba, que regia provisoriamente a freguesia de Santa Cruz. Em 1868, o padre Antonio Rafael, fez concurso para vigário permanente de Santa Cruz e sendo aprovado, nesse ano passou a ser vigário colado, de sorte que o seu paroquiato, na referida paróquia se estendeu por espaço de 24 anos, findando com o seu falecimento. Foi o segundo e último vigário lacado de Santa Cruz. O primeiro vigário colado em Santa Cruz, foi o padre Camilo de Mendonça Furtado. O vigário Antonio Rafael, faleceu na sua paróquia — Santa Cruz — às 4 horas da tarde, de 19 de janeiro, de 1890, contando 64 anos de idade e 41 de sacerdote. Foi sepultado na própria Matriz de Santa Cruz, junto ao altar-mor; porém, no paroquiato do Mons. Emerson Negreiros, a velha igreja paroquial, foi totalmente demolida, para dar lugar a outra maior, e assim, na nova construção, todos os ossos encontrados, dos antigos sepultamentos na igreja, foram removidos para o cemitério público da cidade e postos em vala comum, dentre esses ossos, estavam também os do ex-vigário padre Antonio Rafael Gomes de Melo. Na sua missão de vigário, foi cumpridor dos seus deveres, no cargo ministerial da freguesia, não dispensando de fazer cada ano as "desobrigas" paroquiais, no tempo oportuno, facilitando o povo de residências distantes, de sítios e fazendas, da Matriz, ao cumprimento pascal, no recebimento dos sacramentos: confissão, batismo, casamento, e unção de enfermos, não podendo fazer muito, dado o atraso do tempo; muito benquisto dos seus paroquianos,

participando sempre de sua presença no que se fizesse preciso.

No livro de óbitos, fls. 28 — n. 2 do primeiro cartório de Santa Cruz, consta este termo:

"Aos dezenove dias do mês de janeiro de mil oitocentos e noventa, nesta Vila de Santa Cruz, pelas quatro horas da tarde, faleceu nesta Vila o Vigário Antonio Rafael Gomes de Melo, de sessenta e quatro anos de idade, presbítero secular, natural de Pernambuco, residindo nesta Vila, filho legítimo de Joaquim Rafael de Melo e Francisca das Chagas Melo. Foi a sua morte natural, atribuída a uma apoplexia e vai ser sepultado na igreja Matriz desta Vila. Para constar, fiz este assento em que assino, José Alves da Fonseca, Tabelião Público, encarregado do Registro, o escrevi".

PADRE ANTONIO DE SOUZA MARTINS

Natural de Souza, na Paraíba, onde nasceu em 1818. É ignorado a sua filiação e a data de sua ordenação sacerdotal. É possível que tenha cursado o Seminário de Olinda e aí tenha se ordenado. Nos anos de 1845 a 48, num quadriênio, foi vereador na Câmara Municipal de Maioridade, nome que teve a cidade do Martins. De 1848 a 49 e de 1850 a 51, o padre Antonio Martins teve assento na Assembléia Legislativa Provincial, exercendo o mandato em duas legislaturas. Com cerca de 40 anos, no governo da paróquia quando foi acometido de grave moléstia que o impediu de exercer as sagradas funções sacerdotais e por isso em 1886 lhe foi dado um padre na pessoa de José Modesto Pereira de Brito, nomeado pelo padre Visitador Diocesano Pedro Soares de Freitas, assumindo o padre José Modesto, o cargo do pró-pároco até 1887, sendo substituído pelo italiano padre Vicente Giffone. O padre Antonio de Souza Martins, foi o segundo vigário de Martins, sendo vigário colado onde esteve de 1842 a 1883. Com a idade de 71 anos o vigário Antonio de Souza Martins faleceu a 15 de outubro de 1889. Nos anos de 1886 a 89 a paróquia foi dirigida pelos pró-párocos referidos. O padre Vigário Antonio de Souza Martins faleceu em Martins e lá estão os seus restos mortais.

PADRE ANTONIO XAVIER GARCIA DE ALMEIDA

Padre Antonio Xavier de Almeida, nasceu em Natal, no dia 13 de abril de 1797, sendo filho do professor Francis-

co Xavier Garcia e Bonifácia Nolasco de Almeida, que era irmão dos padres Miguelinho e Manoel Pinto. Fez os seus primeiros estudos em Natal e continuou no Seminário de Olinda, os quais terminados, recebeu o presbiterato na mesma cidade, em data que não é conhecida. Em Natal, fez parte do corpo discente do Atheneu, ensinando filosofia, motivo porque era chamado de padre Mestre. Professor desde 17 de janeiro de 1834. Foi vice-diretor do Atheneu, deputado provincial, na Assembléia Legislativa, da Província do Rio G. do Norte, em três biênios — de 1835 a 37; 1838 a 39 e de 1840 a 41. Foi eleito presidente da Assembléia Legislativa em 1836 e reeleito em 1837. Vice presidente da mesma nos anos de 1838, 39 e 40. Na Assembléia Legislativa, deu o seu voto favorável para criação da paróquia de Santa Cruz; criação do município de Patu. Primeiro diretor da Instrução pública da Província, de 1834 a 38. Vigário interino da paróquia de Nossa Senhora da Apresentação, de Natal de 1830 a 35. Vigário Foraneo, em 1836, nomeado pelo diocesano dom João da Purificação. Cônego Honorário e pregador da Capela Imperial. Vigário geral Foraneo, na Província do Rio G. do Norte com faculdade de nomear vigários — Vice presidente da Província, por carta imperial de 29 de maio de 1843. O padre Antonio Xavier Garcia de Almeida, faleceu em Natal, no dia 3 de setembro de 1845. Está sepultado na igreja Matriz de N. S. da Apresentação. No arquivo paroquial da Catedral de Natal, no livro n. 2-fls. 93, se encontra o termo com estes dizeres:

"Aos três de setembro de mil oitocentos e quarenta e cinco, faleceu da vida presente com sacramento da Extrema Unção, o Padre Mestre Antonio Xavier Garcia de Almeida, branco, morador nesta cidade, com idade de quarenta e nove anos, foi sepultado nesta Matriz, encomendado por mim, do que fiz este assento. Bartolomeu da Rocha Fagundes. Vigário Colado".

MONS. ANTONIO XAVIER DE PAIVA

Nasceu no antigo povoado Vera Cruz, que fazia parte do município de São José de Mipibu e que no presente é município autônomo, mas, está dependente da paróquia de São José. Nasceu Antonio Xavier a 26 de maio de 1850, filho de Teodosio Xavier de Paiva e de Maria Francisca da Conceição, depois Maria Xavier de Paiva. A aprendizagem das primeiras

letras foi feita em escola de sua terra — Vera Cruz — onde residia com os seus pais. Na idade precisa foi matriculado no Seminário de Olinda e aí estudou no curso secundário que terminado os estudos menores, foi para Roma a fim de aperfeiçoar-se melhor no curso teológico e aí na cidade de Roma, foi aluno do colégio Pio Latino Americano. No ano de 1871, foi ordenado sacerdote e logo após regressou ao Brasil, situando-se em Olinda e nessa cidade, no Seminário diocesano, lhe foi dado uma cadeira de professor. A sua demora como professor em Olinda, não foi de muito tempo, resolvendo voltar para o Rio G. do Norte, trazendo a sua provisão de coadjutor de São José de Mipibu, em cuja paróquia era vigário desde muitos anos e era colado, o Cônego Gregório Ferreira Lustosa, que era bem estimado de seus paroquianos. O padre Antonio Xavier, no cargo de coadjutor, resolveu fixar residência no povoado Vera Cruz, que era terra de seu nascimento e aí ficou até o ano de 1894, quando o Cônego Lustosa desapareceu da vida presente e então o padre Antonio Xavier deixa Vera Cruz e vem para a sede da paróquia — São José de Mipibu, quando se confirma no cargo de vigário, por provisão do bispo de Olinda, porque daquele ano 1894 São José de Mipibu era paróquia vaga. O seu paroquiato em São José foi longo, terminando também com a sua morte em 1930. O padre Antonio Paiva, foi um vigário muito querido do seu povo que sempre o procurava, não deixando de distribuir com os doentes a dose de homeopatia. No período de vigário de São José, teve vezes de se encarregar da direção da paróquia de Nísia Floresta, antiga Papari. Na legislatura de 1888 e 89, o padre Antonio Xavier teve assento na Assembléia legislativa da Província, não continuando depois de proclamada a República. Foi em 1910, agraciado pelo Papa São Pio X, com o título de Monsenhor Camareiro e não obstante esse título pontifício, o povo o chamava pelo simples nome de padre Antonio.

PADRE BARTOLOMEU DA ROCHA FAGUNDES

Padre Bartolomeu da Rocha, nasceu em Vila Flor a 5 de setembro de 1815 e foi batizado pelo vigário Francisco Antonio Lumachi de Melo, no mesmo ano do nascimento, no dia 8 de setembro, na então Matriz de Vila Flor. Filho de Bartolomeu da Rocha Fagundes e Florência Gomes de Jesus Fagundes. Aprendeu as primeiras letras com seu pai, que era escrivão e tabelião em Vila Flor. Findos os estudos primá-

rios, Bartolomeu seguiu para Olinda onde se tornou aluno do Seminário daquela cidade pernambucana. No ano de 1839, recebeu a Ordenação de presbítero, conferida pelo bispo diocesano, dom João da Purificação Marques Perdigão, indo celebrar a sua primeira Missa na Matriz de Nossa Senhora do Desterro, de Vila Flor. Outro irmão do padre Bartolomeu, professor na ordem dos padres Capuchinhos, chamando-se Frei Bento de Santa Florência. Padre Bartolomeu nomeado coadjutor pró-pároco da Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação de Natal, tomou posse a 6 de janeiro de 1839 em substituição ao vigário Dornelas. Vigário encomendado nomeado a 5 de abril do mesmo 1839, a 20 de novembro de 1843 já era Vigário colado, depois de aprovado em concurso feito. Muitas obras foram feitas pelo vigário Bartolomeu, para conservação da velha Matriz, recebendo auxílios dos presidentes da Província. Em 1862, construiu a torre da Matriz e no momento se colocou o relógio adquirido por subscrição popular. Na política o padre Bartolomeu se filiara ao partido liberal, sucessão do antigo partido sulista. Deputado provincial nos biênios de 1848-49; 1850-51; 1864-65; 1866-67. Foi 6.º Vice-Presidente da Província, quando também assumiu o Governo de 29 de julho a 6 de agosto de 1863. Cavaleiro da ordem de Cristo. Filiara-se à Maçonaria em Recife, na Loja Conciliação. Suspenso das Ordens sacras por não renunciar à Maçonaria a 23 de março de 1873. Também no mesmo tempo foram suspenso de ordens os padres Bartolomeu Fagundes de Vasconcelos, seu sobrinho e coadjutor da Freguesia, Antonio Francisco Areias e Francisco de Paula Soares da Câmara, por serem maçons. Para substituir o vigário Bartolomeu fora escolhido o padre Joaquim Francisco de Vasconcelos, sobrinho do vigário, nomeado a 5 de abril de 1873, que ao tomar posse, surgiram protestos, gritos e alaridos, contra a posse, que foi só dias depois na igreja de Santo Antonio. Embarcou doente para Recife a 23 de novembro de 1877 e lá faleceu a 2 de novembro, com 68 anos de idade. Foi vigário 34 anos, teve auxiliares dois codjutores, padre Bartolomeu F. de Vasconcelos. O primeiro foi empossado a 25 de março de 1865 e o segundo em 1873; seu coadjutor pró-pároco; padre Vicente Ferreira Lustosa Lima. De pequena estatura, magro, risonho, amigo prestimoso e dedicado acolhendo a todos; espalhava em esmolas e auxílios quando ganhava. Gozava de fama de orador excelente no sagrado e no profano. Ignora-se o lugar em que foi sepultado.

PADRE BARTOLOMEU FAGUNDES DE VASCONCELOS

Padre Bartolomeu Fagundes de Vasconcelos, era sobrinho legítimo do velho vigário de Natal, padre Bartolomeu da Rocha Fagundes e era conhecido pelo nome de padre Memeusinho. Dois outros padres com o mesmo nome — Joaquim Francisco de Vasconcelos, eram irmãos do padre Meumeusinho. Nasceu em Natal o padre Bartolomeu de Vasconcelos, a 5 de julho de 1833, filho de Joaquim Francisco Vasconcelos e Leonor Miquilina de Vasconcelos. Em Natal fez o curso primário e depois foi matriculado no Seminário de Olinda. Ordenado sacerdote pelo bispo diocesano, dom João da Purificação Marques Perdigão, em 1840. O seu nome só aparece no Ministério paroquial em 1859 até 69 quando foi coadjutor da paróquia de Nossa Senhora da Apresentação, em Natal, no paroquiato do seu tio padre Bartolomeu da Rocha Fagundes. De 1869 a 71 esteve no cargo de pró-pároco da mesma paróquia. No mesmo tempo que o seu tio foi suspenso de ordens, o padre Bartolomeu de Vasconcelos, foi também atingido pelo ato de suspensão de ordens, juntamente com os seus colegas padres Antonio Francisco Areas e Francisco de Paula Soares da Câmara. Nos anos de 1882 até 84 o padre Bartolomeu de Vasconcelos exerceu o magistério escolar, sendo professor numa escola primária, noturna, no bairro da Ribeira. Não exerceu cargo político, nem teve assento no poder Legislativo da Província. Padre Bartolomeu Fagundes de Vasconcelos, morreu em Natal, no dia 15 de abril de 1893, e foi sepultado no Cemitério do Alecrim, contando então, 60 anos de idade. Um jornal da época de Natal, publicou esta simples notícia: "Faleceu no dia 15 de abril de 1893, sendo dada a sepultura no dia seguinte o nosso antigo e estimado amigo padre Bartolomeu Fagundes de Vasconcelos, que desde longo tempo tinha sua saúde profundamente alterada por incômodos físicos e morais que concorreram muito para o término funesto que hoje pranteamos". Em outro registro diz deste modo: a padre Bartolomeu de Vasconcelos, conhecido por padre Memeusinho, era espírito comunicativo, folgazão, inquieto, conquistador de amizades, porém, malcriado, gênio em contra-posição com o tio padre Bartolomeu da Rocha Fagundes. Dizeres estes, no livro do professor Antonio Fagundes, "o Vigário Bartolomeu". No arquivo da Catedral de Natal, no livro 1D consta este termo".

"Aos vinte e cinco de julho de mil oitocentos e trinta e três, nesta Matriz, batizei solenemente a Bartolomeu,

nascido a cinco de julho de mil oitocentos e trinta e três, filho de Joaquim Francisco de Vasconcelos e Leonor Miquilina de Vasconcelos, brancos, moradores nesta cidade, foram padrinhos Bartolomeu da Rocha Fagundes e sua mulher Florência Gomes de Jesus, do que fiz este assento que assino. Antonio Xavier Garcia de Almeida, vigário Interino".

No mesmo arquivo, no livro 6, fls. 15-n. 24 de Óbitos, está este outro termo:

"Aos quinze de abril de mil oitocentos e noventa e três, faleceu nesta cidade o padre Bartolomeu Fagundes de Vasconcelos, com cinquenta e nove anos de idade, natural e morador nesta mesma cidade, recebeu os sacramentos da Igreja por mim, e foi sepultado no Cemitério público. Do que para constar mandei fazer este termo. O Pároco, João Maria C. de Brito".

PADRE BASÍLIO JOSÉ FREIRE DE ALUSTAU NAVARRO

Padre Basílio de Alustau Navarro nasceu em Papari, atual Nísia Floresta, em 1810, filho de Antonio Freire de Alustau Navarro e Vicência Gomes da Silva Freire. Estudou em Natal com o dr. Cipriano José Barata de Almeida. Não quis ser professor do Ateneu, em Natal; mantinha em São José de Mipibu uma escola particular, onde ensinava Latim e nessa escola foram seus alunos: Monsenhor Ferreira Lustosa Lima, Estevam Palhano, Manoel Laurentino Filho. Manoel José de Moura e outros. Fez concurso para a cadeira de instrução primária da vila de Papari e ai teve alunos que se distinguiram como d. Izabel Gondim. Foi rico em dinheiro e propriedades nos municípios de Natal, Papari e Arês. Em 1844, o padre Basílio fez uma petição à Assembléia Legislativa Provincial nos termos seguintes: Basílio Freire de Alustau Navarro, professor público de primeiras letras da povoação de Papari, no município de São José de Mipibu, Província do Rio Grande do Norte, desejando pela vocação, que sente, ascender ao sacerdócio carecendo para tal fim estudar a ciência principal e exigida pelos Estatutos Episcopais, sem a qual não pode e não lhe convém tomar esse estado, vem pedir a esta Assembléia Provincial, uma licença por cinco anos, a contar de primeiro de fevereiro do ano vindouro de 1845, para o referido fim com a percepção do seu ordenado, e

obrigação de manter a sua Aula às expensas suas com um substituto idôneo durante esse tempo de seu impedimento. Sendo esta pretensão do suplicante para um fim tão santo, justo e honesto, donde não pode resultar um prejuízo do cofre público e nem atraso da mocidade entregue a seus cuidados e que por isso nada duvida seja acolhida por vossa munificência, espera o suplicante que os Dignos Representantes Provinciais lhe concedam esta graça que respeitosamente vem implorar.

Setembro de 1844. Basílio de Alustau Navarro foi ordenado sacerdote em Olinda a 20 de dezembro de 1848, pelo bispo diocesano Dom João da Purificação Marques Perdigão. No Seminário de Olinda o padre Basílio foi aluno nos anos de 1845 a 48. Exerceu o Ministério Paroquial em Papari no ano de 1849 no cargo de Pró-pároco Vigário em 1865 a 70. Também em Arês foi vigário em 1874 a 82; pró-pároco, em 1833 e ainda em 1888. O padre Basílio faleceu em Papari, na casa que funciona atualmente o Centro Social Izabel Gondim, a 26 de setembro de 1891. O termo de óbito, no arquivo paroquial de Nísia Floresta. diz assim:

"Aos vinte e oito de setembro de mil oitocentos e noventa e um, sepultou-se no Cemitério Público o padre Basílio Freire de Alustau Navarro, com setenta anos de idade, de pneumonia, falecido a vinte e seis, às nove horas, encomendado, hábito sacerdotal. E para constar fiz este.

Padre José Hermínio da Silveira Borges — Vigário encomendado".

Em 1844 a povoação de Papari possuía 50 alunos sob a orientação do professor Basílio Freire de Alustau Navarro.

PADRE BENTO DE MARIA PEREIRA BARROS

Nasceu o padre Bento, na Paraíba. É ignorado o lugar de seu nascimento, como também o ano, deve ter sido depois de 1850. Os seus pais eram pernambucanos, chamados Luiz Pereira Barros e Cosma Maria de Jesus Barros. Os seus estudos primários foram feitos na terra de seu nascimento e continuados os cursos secundários e superiores no Seminário de Olinda, onde findo os estudos foi ordenado sacerdote a 19 de março de 1877. Veio para o Rio G. do Norte, pouco depois de ordenado e aqui no Estado viveu os seus 39 anos de padre. Alguém que escreveu sobre o Centenário de Parelhas a respeito do padre Bento, disse que ele fixou residência nesse

lugar (Parelhas), região do Seridó, sendo na época, um povoado pequeno, contando apenas com cinco casas e uma capelinha, sob o patrocínio de São Sebastião, que era da paróquia de Jardim do Seridó. O padre Bento foi capelão de Parelhas treze anos, quando procurou educar o povo no trabalho e nos seus deveres necessários, para viver. Trabalhou pela melhoria do povoado, fez demolição da capelinha existente e em seu lugar construiu uma igreja maior, que atualmente serve de Matriz. Deixando Parelhas, foi para a paróquia de Canguaretama, onde era vigário colado o padre Manoel Januário Bezerra Cavalcante e aí ficou de 1880 a 86, auxiliando o vigário, com residência em Cuitezeiras, antiga sede do município. Cuitezeiras foi destruída numa enchente do rio Curimataú. A capela de Cuitezeiras tinha como orago Santa Rita de Cássia. Em outro local, na margem oposta do rio, em sítio afastado foi construído um novo povoado que tomou o nome de Vila Nova e tempos depois, uma lei do Poder Legislativo mudou o nome para Pedro Velho. Em maio de 1886, o padre Bento, já adiantado em anos, retirou-se de Cuitezeiras indo residir em Jardim do Seridó e aí após trinta e nove anos de sacerdote, faleceu a 8 de abril de 1916.

PADRE BENEDITO BASÍLIO ALVES

Filho do Estado do Piauí, no lugar chamado Barra do Maratoan, a 6 de dezembro de 1879, filho de Agostinho Basílio Alves e Almerinda Alves de Miranda. Fez os estudos primários nas escolas da sua cidade e depois no Liceu Piauiense, onde fez o curso secundário. Vindo para o nordeste cursou o Seminário da Paraíba e aí recebeu a Tonsura clerical, as ordens Menores, nos anos de 1899 e estas em 1900, que foram conferidas pelo bispo diocesano, dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques. Do Seminário da Paraíba passou para o de São Luiz do Maranhão e aí foi ordenado de subdiaconato em 1902, o diaconato em 1903 e o presbiterato em março do mesmo 1903, cujas ordens foram conferidas pelo diocesano, dom Xisto Albano. A Missa nova, que é a primeira, foi celebrada a 25 de março, na Catedral de São Luiz. Primeira nomeação foi para vigário de Caxias, no Maranhão no mesmo ano de 1903, e esteve com outras paróquias: Riachão e Lorêto, em 1904. Deixando o Maranhão seguiu para o Rio de Janeiro em 1906 e aí foi coadjutor da paróquia do bairro São Cristóvão e em seguida, vigário de Mi-

racema, no Estado do Rio, em 1909 diocese de Niterói e em Santo Cristo dos Milagres, do arcebispado do Rio e em Santa Rita em 1910. Volta para o Norte em 1911 e fica na diocese de Natal, tendo para vigário a paróquia de Pau dos Ferros, nomeado por dom Joaquim de Almeida. De Pau dos Ferros, deixa em 1912 e vai para Jucurutu, com a regência de Florânia; vigário do Apodi em 1916 com Portalegre e Caraúbas. De Apodi se encarrega de Augusto Severo de 1920 e em 1929 sai de Apodi para Pau dos Ferros com a regência de Luiz Gomes. Em 1933 já está em Currais Novos e em 1937 quando foi para Santana do Matos e São Rafael e em janeiro de 1940 fixa-se em Natal e de Natal não saiu mais para vigário. Capelão do Colégio N. S. das Neves e sem deixar essa capelania, tem o cargo de coadjutor da Catedral, no período da vigararia do Mons. José Landim. Capelão do Patronato da Medalha Milagrosa em 1950 até 53, quando faleceu no dia 21 de janeiro. Sepultado no Cemitério do Alecrim onde ainda jazem os seus restos mortais. O padre Benedito tinha nesse tempo 74 anos de idade e 50 de sacerdote. Os seus dias foram todos ocupados no serviço da igreja de Deus. Era um sacerdote de grande atividade, mesmo já adiantado na idade, mas, amigo de todos e sempre prestável a quem o procurava, pronto para servir, e a todos tinha sempre uma palavra, um conselho, um exemplo.

CÔNEGO BERNARDINO JOSÉ DE QUEIROZ

Natural da região Oeste do Estado, nasceu em Pau dos Ferros a 20 de agosto de 1820, filho de Antonio Fernandes de Queiroz e Maria Gomes de Amorim Queiroz. Os estudos do curso primário, ele os fez na sua terra natal e depois matriculou-se no Seminário de São Luiz do Maranhão e aí fez todo o curso de filosofia e teologia, recebendo a Ordenação sacerdotal no ano de 1846. Foi ordenante o bispo diocesano dom frei Carlos de São José e Souza. O Cônego Bernardino, residiu sempre em Pau dos Ferros, permanecendo mais tempo no sítio "JOÃO GOMES", juntamente com o seu irmão Coronel Epifânio Fernandes de Queiroz, que foi elemento de grande prestígio na política de Pau dos Ferros. Ordenado sacerdote, teve a sua primeira nomeação para vigário interino de Pau dos Ferros, que foi de 1847 a 49, nomeado por dom João da Purificação Marques Perdigão. No governo paroquial só conheceu Pau dos Ferros onde foi vigário de 1849 a 59; de

1860 a 72; e de 1876 a 84, quando findou com a morte. Enquanto Vigário de Pau dos Ferros, teve ocasião de se encarregar da freguesia de Portalegre, cargo que lhe foi dado a 2 de fevereiro de 1880. Teve assento na Assmbléia Legislativa Provincial em três períodos bienais: 1868 a 69; 1878-79 e 1880-81. Teve o título honorífico de Cônego, da Catedral de Olinda. Foi um vigário muito estimado pelos seus paroquianos. Acometido de pertinaz enfermidade de natureza incurável — câncer — depois de procurar recursos nos meios médicos de então, veio a falecer em Pau dos Ferros a 1 de janeiro de 1884, quando ainda exercia a paróquia, contando 64 anos de idade e 38 de sacerdote. Os restos mortais do Cônego Bernardino se encontram num túmulo atrás da Igreja Matriz de Pau dos Ferros.

PADRE BIANOR EMÍLIO ARANHA

A cidade de Canguaretama, foi onde nasceu o padre Bianor Aranha, no dia 5 de julho de 1881, filho de José Aranha e Alcina Esmeraldina Freire Aranha. Em 1895 era já aluno do Seminário da Paraíba e aí fez todos os estudos precisos, do curso secundário ao superior de filosofia e teologia, findos os estudos, foi então iniciado nas Ordens, até o presbiterato, realizado a 15 de novembro de 1903, conferidas pelo bispo diocesano dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques. A sua primeira Missa foi no dia 18 do mesmo mês da ordenação, na capela do Seminário. Capelão de Espírito Santo, na Paraíba nos anos de 1903 a 04 e daí vai no cargo de vigário, para Nova Cruz e a sua demora aí foi de 28 dias. Torna a capital da Paraíba e se faz professor do Seminário, ensinando português, francês, geagrafia, história e no mês de fevereiro de 1906 deixa o professorado e vai ser vigário de Umbuzeiro até fevereiro de 1907, quando resolve ir com dom Joaquim de Almeida para o Piauí. No Piauí, assume o cargo de diretor do Colégio diocesano e também o de Reitor do Seminário e professor de dois outros educandários. Cura da Catedral do Piauí, em 1908 e depois vigário de Parnaíba, onde fundou um Colégio, sendo o diretor. Em 1909 deixa o Piauí e segue para o Rio de Janeiro e aí se ocupa no cargo de confessor do Hospital dos Variolosos, na Ponta do Caju. Vigário em 1910 de Santana de Tiradentes; Itaguai, em 1911 e encarregado de Itacurussá. Mangaratiba e Bananal, todas no Estado do Rio. Veio para Natal em 1912 e é capelão da vila

de Santo Antonio do Salto da Onça; Volta para Nova Cruz, em 1913, onde é vigário até 1915, viajando novamente para o Rio de Janeiro. Fica no Espírito Santo, e em 1916 tem a paróquia de São José do Calçado e em 1917 é vigário em São Mateus e nesta, se demora como vigário 9 anos; Vigário de Itaúna, Barra de São Mateus e Linhares. Volta para o Rio G. do Norte e é vigário de Ceará Mirim em 1926, com o encargo de Taipu, Touros e Lajes; vigário do Acarí em 1927 e do Caicó, em 1928, regendo Acari e Serra Negra do Norte. Vai para a diocese de Pesqueira em 1931, aí é vigário de Espírito Santo, Afogados de Ingazeira, Lagoa de Baixo e Custódia. Volta a Natal em 1937 e é vigário de Canguaretama encarregado de Vila Nova; vigário de Santo Antonio em 1938. Vigário de Santana do Matos e São Rafael em 1941. Vigário de Taipu e Touros, vigário de São Tomé em 1942 e nesse mesmo ano, viaja para São Paulo onde é vigário em Barretos, diocese de Jaboticabal e daí vai para Caetité, na Bahia e torna a Natal em 1944 e é coadjutor de Macau e depois passa a vigário de São Rafael e novamente em São Tomé, Vigário de São José de Mipibu em 1945 e no ano de 1947, vai para a diocesse de Amargosa na Bahia e vai ao Rio de Janeiro em 1950 e lá é coadjutor na Matriz da Glória. Volta para Natal em 1951 e vai novamente ser vigário de Santana do Matos e São Rafael até 1953 e daí passa a capelão da Medalha Milagrosa, em Natal, cargo que não aceitou, e foi ser vigário em Nísia Floresta e Arês. Em julho de 1953 ficou na diocese como sacerdote avulso, com residência em Natal e assim vivendo, sentindo-se doente, recolheu-se à Casa de Saúde São Lucas e a 9 de janeiro de 1959, faleceu e foi sepultado no Cemitério do Alecrim. Contava quando faleceu 78 anos de idade e 56 de sacerdote. O padre Bianor foi um sacerdote muito benquisto do povo e bem admirado como orador sacro, sempre convidado para pregador nas festas dos padroeiros das paróquias. No percurso de sua vida sacerdotal, viveu como vigário de uma paróquia para outra, em várias dioceses do Brasil e assim, esteve em 35 paróquias, além de capelão em vários lugares.

PADRE BRÁULIO LUDGÉRIO DO REGO MONTEIRO

Padre Bráulio, nasceu em Natal, a 26 de março de 1832, filho do Major Miguel Joaquim do Rego Monteiro e Inácia Francisca de Melo, moradores em Natal. O padre

Bráulio iniciou os seus estudos em Natal.-O curso superior fez no Seminário de Olinda, onde teve lugar a sua ordenação sacerdotal, cuja data é desconhecida. Ordenado, não exerceu no Rio G. do Norte, o ministério paroquial, pois o seu nome não se encontra em paróquia alguma, viveu mais como sacerdote avulso. Pelo decreto de 26 de agosto de 1863, o padre Bráulio entrou na Repartição Eclesiástica do Exército. Serviu durante toda a guerra do Paraguai com o Brasil, desde a Campanha do Uruguai; esteve no cerco de Paissandu e Montevidéo. Em Paissandu, foi citado em Ordem do Dia pelo Marechal João Propício Mena Barreto, a 5 de janeiro de 1862, juntamente com outros dois padres por ter desempenhado suas funções com humanidade, zelo, dedicação e caridade, no Hospital de Sangue. Padre Bráulio do Rego Monteiro, depois que serviu na guerra do Paraguai, de volta ao Brasil ficou no Rio de Janeiro e no posto de Capitão, faleceu a 16 de junho de 1877, contando apenas 45 anos de idade.

No arquivo da Catedral de Natal — no Liv. I — D — fls. 56 — s/n. Está este termo:

> "Aos quatro de maio de mil oitocentos e trinta e dois, nesta Matriz, batizei solenemente a Bráulio, nascido a trinta de março do mesmo ano, filho legítimo de Miguel Joaquim do Rego Monteiro e de Inácia Francisca de Melo, moradores nesta cidade, foi padrinho João Moreno de Carvalho, solteiro, por procuração a José dos Santos e Maria, moradores nesta cidade, do que fiz este assento, que assinei.
>
> Antonio Xavier Garcia de Almeida. Vigário interino.

PADRE COSME LEITE DA SILVA

Nasceu o padre Cosme Leite, no dia 27 de setembro de 1823, no sítio Barreiros, que na época, era do município de Pau dos Ferros e no presente é de São Miguel. Seus pais chamaram-se João Leite da Silva e Cosma Damiana dos Santos. Aprendeu a ler e escrever na casa paterna e em Martins, fora aluno do professor Francisco Emiliano Pereira, onde teve o aprendizado de português, latim e outras matérias e nessa escola foram seus companheiros de estu-

dos: Antonia Dias da Cunha, Antonio Joaquim Rodrigues, Matias Fernandes de Queiroz, Joaquim Manoel de Oliveira Costa e Cândido Pereira de Oliveira, todos estes foram ordenados sacerdotes. Manifestando o menino Cosme Leite, vocação para sacerdócio, os seus pais encaminharam para o Seminário de Olinda, onde concluiu todos os estudos necessários e aí foi ordenado pelo bispo dom João da Purificação Marques Perdigão, a 17 de dezembro de 1846. Vindo para a sua terra natal, o Rio Grande do Norte, no povoado de São Miguel aí o padre Cosme, celebrou a sua primeira Missa e no mesmo São Miguel, fixou residência com o cargo de Capelão, cuja função exerceu por muitos anos, até que sendo a 9 de setembro de 1875 criada a freguesia de São Miguel o padre Cosme foi nomeado vigário. A freguesia de São Miguel que foi criada em 1875, no entanto só foi canonicamente instalada a 29 de junho de 1883, quando o padre Cosme iniciou o ministério paroquial permanecendo em São Miguel até sua morte. Profícua e eficiente foi a influência que o padre Cosme exerceu na formação espiritual de seus paroquianos. O padre Cosme, ao chegar em São Miguel, encontrou no povoado uma pequena capela e então, empreendeu a construção de uma igreja ampla e espaçosa; também fez a casa paroquial, fez com o auxílio do povo reconstrução e ampliação do Cemitério local e doou um terreno para patrimônio da paróquia. No período da Monarquia, fez-se chefe político do partido Liberal, resolvendo de maneira justa, de modo simples, afável, as questões surgidas no município, pois, era grande o seu prestígio entre os seus correligionários. Também exerceu grande influência no apaziguamento de sérias lutas entre importantes familias locais. Cheio de serviços, à sua terra e a sua gente, o padre Cosme Leite, faleceu em São Miguel a 9 de dezembro de 1909, contando a idade de 86 anos e 63 de sacerdote. O jornal "A República" de Natal, edição do dia 11 de dezembro de 1909, noticiava: "Telegrama particular deu-nos a dolorosa notícia de ter falecido em São Miguel, o Revdmo. Padre Cosme Leite da Silva, prestigioso chefe do nosso partido em São Miguel. Homem de muitas virtudes, o venerando ancião soube criar em redor de si um extraordinário número de amigos sinceros". Em São Miguel figurava-se o seu nome no Grupo Escolar denominado "Grupo Escolar "Padre Cosme", inaugurado a 24 de fevereiro de 1920.

PADRE CHROMÁCIO LEÃO TEIXEIRA DA SILVA

Padre Chromácio Leão, era norte-rio-grandense nascido na vila da Penha, hoje município de Canguaretama, a 28 de junho de 1886, filho do Capitão Caetano Xavier da Silva e Francisca Teixeira da Silva, mais conhecido pelo nome de d. Sinhá. O menino Chromácio foi o quinto dos sete filhos do casal Caetano — d. Sinhá e era chamado com o apelido de Sinhôzinho. Foi de pouco tempo a sua permanência em Canguaretama, porque os seus pais passaram a residir na cidade pernambucana de Jaboatão, tinha nesse tempo Chromácio apenas oito anos da idade. Parece ter o menino iniciado os seus estudos primários em Jaboatão e nada se diz a respeito em Canguaretama. O pai, Caetano Xavier trabalhou a vida toda como mestre de música, então Chromácio e todos da família foram dotados de pendores musicais. Sentindo vocação para o sacerdócio, Chromácio internou-se no Seminário da Paraíba em 1897 e aí feito o curso dos preparativos oito anos depois saiu para o Seminário de Olinda para estudar Teologia com o Monsenhor José de Oliveira Lopes, futuro bispo de Pesqueira. A 21 de novembro de 1909, no Recife, o padre Chromácio Leão, foi ordenado sacerdote, pelo bispo de Olinda, Dom Luiz Raimundo da Silva Brito, que foi o primeiro Arcebispo de Olinda. Na Matriz de Afogados, a 14 de dezembro de 1909, o padre Chromácio, celebrou a sua primeira Missa e em seguida foi mandado para Garanhuns como coadjutor de Monsenhor Afonso Pequeno e depois para Correntes como vigário. Três anos depois de ordenado lhe foi dada a Freguesia de Santa Amaro de Jaboatão, onde como vigário tomou posse a 4 de fevereiro de 1912, como substituto do Cônego João Pedrosa, que por motivo de saúde, renunciou o vicariato. No período de vigário, o padre Chromácio fez muitos melhoramentos na igreja Matriz de Jaboatão que ao assumir o cargo de vigário encontrou o templo em condição deplorável, tudo arruinado e com o trabalho feito, o velho templo ganhou uma feição remoçada. Além da conservação da Matriz, fez o levantamento da segunda torre. Conseguiu a mudança da feira do domingo para sábado; fundou um Ginásio organizou uma banda de música com os operários, gente simples e modesta, de maneira que a banda cresceu em figuras, valor e prestígio, que muito concorreu para as festas da paróquia, sobretudo do Santo padroeiro — Santo Amaro. O padre Chromácio não se esquecia de sua

terra natal — Canguaretama, que sempre tinha na lembrança. Na última visita que fez a sua terra Canguaretama, de lá trouxe um saquinho de areia, no qual escreveu o nome — Canguaretama — e dizia que era para na sua morte sua cabeça ser posta naquela terra de sua cidade querida. Faleceu a 5 de janeiro de 1951 em Recife e foi sepultado em Jaboatão, no Cemitério local levando a cabeça sobre a areia de Canguaretama. Quando faleceu contava 65 anos de idade, 42 de sacerdote e 39 de vigário de Jaboatão.

No arquivo paroquial de Canguaretama, está este termo no livro de batismo:

"Chromácio, branco, com quatro meses de idade, filho do Capitão Caetano Maria da Silva, negociante e d. Francisca Teixeira da Silva, costureira, livres e naturais da freguesia de Bananeiras e ela da Boa Vista do Recife, sendo padrinhos Revdmo. Coadjutor desta freguesia João Francisco Soares de Medeiros. Batizado na Matriz a vinte e dois de novembro de mil oitocentos e oitenta e seis, pelo vigário Manoel Januário Bezerra Cavalcanti".

PADRE CRISPINIANO FERREIRA LIMA

Padre Crispiniano, nasceu no sítio Trapiá do atual município de Currais Novos, em fevereiro de 1821 e foi batizado a 19 de março do mesmo ano, na capela de Currais Novos, que na época pertencia a paróquia de Acari, pelo capelão padre Francisco Rodrigues da Rocha. No termo do batismo, omite a data do dia do nascimento. Os seus pais eram naturais de Goianinha chamavam-se Crispiniano Ferreira Lima e Rita Caetano. Os primeiros estudos foram feitos no povoado de Currais Novos, sendo depois continuados no Seminário de Olinda e findos os estudos, foi ordenado sacerdote, pelo bispo dom João da Purificação Marques Perdigão. Ignora-se a data certa de sua ordenação, que pode ter sido na década de quarenta, pois em 1844, já exercia o ministério paroquial como coadjutor e também, no magistério escolar, era professor primário em Acari. De 1847 a 53 esteve sendo coadjutor da paróquia de Vila-Flor. Deixando Vila-Flor passou para Acari, onde esteve como vigário em 1858. O padre Crispiniano Ferreira Lima, segundo informação do dr. Nestor Lima, faleceu no ano de 1884. No arquivo paroquial da Catedral de Caicó, no livro de batizados dos anos de 1818 a 22 — consta este termo:

"Crispiniano — filho de Crispiniano Ferreira Lima e de Rita Caetano, naturais da Freguesia de Goianinha, nasceu em fevereiro e foi batizado a dezenove de março de mil oitocentos e vinte e um com os santos Oleos na capela de Currais Novos pelo padre Francisco Rodrigues da Rocha de minha licença. Foram padrinhos José Bezerra e d. Vicência Lins de Vasconcelos e para constar, fiz este assento, que assino. O Vigário Francisco de Brito Guerra".

PADRE CÂNDIDO JOSÉ COELHO

Padre Cândido José Coelho é natural de Natal, nasceu em 1812, filho de José Bento da Fonseca e Joana Damasceno Coelho. Os estudos primários foram feitos em Natal e no Seminário de Olinda completou os estudos com o curso superior e foi ordenado sacerdote. Não se tem a data certa de sua ordenação, é ignorada, mas parece ter sido em 1835, porque em 3 de março de 1836, encontramos no cargo de vigário interino da paróquia de Nossa Senhora da Apresentação, em substituição do padre Dornelas. O padre Cândido esteve à frente da paróquia da Apresentação de três de março de mil oitocentos e trinta e seis até vinte de outubro de trinta e oito. Transferido para Extremoz, aí substituiu o padre Gregório Luiz das Virgens em 1839, tornando-se vigário encomendado até 1843, quando então fez concurso em janeiro de 1844 e sendo aprovado foi investido nas funções de vigário colado de Extremoz. No ano de 1852 e outros, presidiu a Câmara Municipal de Extremoz e teve assento na Assembléia Legislativa Provincial no período de dois biênios de 1852 a 53 e de 1854 a 55. Como deputado votou favorável a criação do distrito de paz de Muriú; pelo auxílio do governo em 600$000 para reparos na igreja de Extremoz; pela criação da freguesia de Macau; por escolas primárias para o sexo masculino, em Muriú. O Desembargador Bernardo Machado da Costa Doria, no Governo da Província, em 1857 dizia ao dr. Otaviano Cabral em relatório: procurei dar caça aos criminosos julgados e pronunciados, sendo preso o vigário de Extremoz, Padre Cândido José Coelho. No exercício do cargo de vigário de Extremoz, faleceu a 16 de março de 1860 o padre Cândido Coelho, con-

tando 48 anos de idade e mais de 25 de ordenado. Num livro de registros de termos de óbitos, da paróquia do Ceará Mirim, encontra-se este termo:

"Aos dezesseis de março de mil oitocentos e sessenta, faleceu da vida presente o vigário Cândido José Coelho, com a idade de quarenta e oito anos, filho legítimo de José Bento da Fonseca e de Joana Damasceno Coelho, sepultado na capela Mor desta Matriz, revestido em ornamento roxo, encomendado solenemente pelo capelão da vila de Ceará Mirim, o padre Luiz da Fonseca e Silva do que fiz este termo. Padre Luiz da Fonsêca e Silva, pároco encomendado".

PADRE ESMERINO GOMES DA SILVA

Era paraibano de Itaporanga, cidade antes conhecida por Misericórdia, onde nasceu a 1.º de setembro de 1881, filho de Josino Gomes Pereira da Silva e Maria Silvina da Silva. Os seus primeiros estudos, o curso primário fez nas escolas de sua terra natal e no Seminário da Paraíba, o curso secundário, completando todos os estudos, com o curso superior de filosofia, direito canônico, liturgia e teologia, ficando assim preparado para o sacerdócio. Na Paraíba o bispo dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques, deu-lhe todas as ordens, inclusive o presbiterato, que teve lugar a 12 de novembro de 1905. Toda a sua vida sacerdotal foi desenvolvida no Rio Grande do Norte, tendo início em Campina Grande, como primeira nomeação, em 1906, no cargo de coadjutor, no paroquiato do Monsenhor Sales. Entra no Rio Grande do Norte, em 1907, fixando o seu lugar de capelão em Parelhas, pequeno povoado de Jardim do Seridó e rege como vigário a freguesia de Pedra Lavrada, na Paraíba. Em 1908 é vigário em Santa Cruz, na região do Trairi, cuja posse foi a 27 de novembro e aí esteve até abril de 1913. Muda de região e é vigário de Canguaretama em 1913, e antes de um ano é investido no cargo de vigário do Apodi e encarregado de Portalegre, paróquias do Oeste do Estado. No Seridó, nos anos de 1916 a 21, está em Flores e Jucurutu, deixando tudo viaja para

o sul em 1921 e na diocese de Niteroi assume a paróquia de Sapucaí, do Estado do Rio, dirige-se para São Paulo em 1924 e é vigário de Mineiros, na diocese de São Carlos e depois para Viradouro. Só em 1927 regressou a Natal e foi ser vigário em Angicos, regendo Lajes e depois São Tomé. Vigário de Parelhas em 1928 e no ano seguinte, viaja outra vez ao sul, ficando em Cafelandia, Varzea Grande na diocese de Ribeirão Preto. Em 1932 ruma para o norte e no Amazonas é vigário de Maués e volta do norte em 1934, vindo ser vigário de São Tomé; vigário de Nísia Floresta em 1937 e em seguida em Touros. Vigário de Serra Negra do Norte em 1940; em 941 coadjutor de Currais Novos, no paroquiato do Monsenhor Paulo Herôncio e como não aceitou essa coadjutoria, ficou avulso, fixando residência no seu sítio, próximo à cidade de Santa Cruz. Ainda em 1943 teve nomeação para coadjutor em Macau, para ajudar ao Monsenhor Honório, o vigário local e aí pouco tempo se demorou e voltou para Santa Cruz, quando a 25 de novembro de 1944, faleceu na cidade de Santa Cruz e os seus restos mortais tiveram sepultura, na capela do Cemitério da mesma cidade. Padre Esmerino, faleceu ao 63 anos de idade e 39 de sacerdote. Na sua vida de padre, dedicou-se inteiramente a cura das almas nas paróquias, tanto na diocese de Natal, como em muitas outras dioceses do norte e do sul do Brasil. Foi um sacerdote simples, que estava sempre pronto para o trabalho espiritual dos seus paroquianos, onde estivesse e atento para ajudar os vigários que lhe convidasse nas festas de suas paróquias. Num grande movimento político no Estado em uma paróquia, o padre Esmerino foi desacatado na sua Missão de vigário e não era político de partido.

CÔNEGO ESTEVÃO JOSÉ DANTAS

Dentre os filhos de São José de Mipibu, elevados à dignidade sacerdotal, o Cônego Estevão José Dantas, teve lugar de destaque, pela sua cultura, sobretudo no conhecimento profundo da Língua latina. Nasceu a 13 de agosto de 1860, no Engenho Olho d'Água, situado no município de São José de Mipibu, filho do Capitão Miguel Antonio Ribeiro Dantas e Joana Evangelista dos Prazeres Dantas. O seu batismo foi no Engenho Porteiras a 16 de setembro

do mesmo ano de seu nascimento, oficiado pelo padre Targino Paulino de Carvalho. Em São José de Mipibu, fez os estudos primários, e o padre Joaquim Severiano, seu parente, lhe ensinou o latim. No Recife, no colégio Santa Genoveva, iniciou o curso secundário, vindo terminar em Natal, no Atheneu Norte-Riograndense. Findo assim os estudos preparatórios, seguiu em 1877 para Roma e nessa cidade, no Colégio Pio Americano e no ano de 1880, teve o grau de licenciado em ciências filosóficas. Na Universidade Gregoriana de Roma, estudou a teologia e o direito canônico, recebendo a ordem do subdiaconato a 23 de setembro de 1882, na Basílica de São João de Latrão, em Roma. Regressou ao Brasil em 1883 e no Seminário de Fortaleza continuou os estudos e aí recebeu o diaconato em 1884 e a ordenação sacerdotal a 30 de novembro de 1884, também, ordens conferidas pelo bispo diocesano, dom Joaquim José Vieira. Primeira Missa na Matriz de São José de Mipibu a 18 de dezembro. Primeira nomeação em 1885 para coadjutor do padre João Maria, em Natal. Vigário de Macau em 1886 e 87; a 2 de janeiro de 88, se tornou pároco do Açu por concurso tendo a carta de apresentação datada de 1888 da Princesa Imperial Regente e tomou como vigário colado a 21 de janeiro posse da paróquia, no Palácio da Solidade, no Recife, dada pelo bispo dom José Pereira Barros. No Açu a posse foi a 4 de março do mesmo ano, dada pelo padre Félix Alves de Souza, de Angicos. Regeu Santana do Matos e Caraúbas e em 1894, licenciou-se do Açu e foi ocupar a cadeira de teologia moral no Seminário da Paraíba, ficando também na secretaria do bispado, por nomeação do bispo dom Adauto, quando então, em 1896 teve o título de Cônego Honorário. Voltou a Açu em 1897 e aí ficou até 1901, quando saiu para Mossoró, afim de dirigir o Colégio Diocesano Santa Luzia, permanecendo no cargo até 1907, como primeiro diretor. Renunciou a paróquia do Açu, indo para Macaíba e aí teve posse a 24 de fevereiro de 1907. Em 1910 deixou Macaíba, sendo então diretor do Colégio Santo Antonio, de Natal, visitador diocesano e novamente em Macaíba de 1911 a 12. Professor de italiano no Atheneu em 1911; Vigário de Natal de 1914 a 15; secretário do bispado de 1917 a 18; Vigário de Natal, outra vez, professor do Seminário de São Pedro, em teologia moral e latin. Diretor do Atheneu em 1919 Deputado no Congresso Legislativo para a constituição do

Estado em 1915 e em 1924 deixou a direção do Atheneu. Capelão do Colégio da Conceição e da igreja do Rosário e nesta igreja foi capelão até a sua morte. Como poeta latino, deixou para o seu túmulo, esta inscrição: "Qui nos fraterno in vita conjuxit amore, In somno tumuli nos dedit esse simul". Faleceu em Natal, na sua residência, no Alecrim, às 18,45 horas da noite a 29 de julho de 1929. Os seus restos mortais estão em um túmulo da Família, no Cemitério do Alecrim.

No arquivo paroquial de São José de Mipibu, no livro n. fls. 83v. está este termo: "Aos dezesseis de setembro de mil oitocentos e sessenta, no Engenho Porteiras, o Revdmo. Targino Paulino de Carvalho de minha licença batizou a Estevão, nascido a três de agosto de mil oitocentos e sessenta, filho de Miguel Antonio Ribeiro Dantas e de Joana Evangelista dos Prazeres, sendo padrinhos o Revdmo. Joaquim Severiano Ribeiro Dantas e d. Maria Manoela do Nascimento.

Vigário Gregório Ferreira Lustosa".

PADRE FÉLIX ALVES DE SOUZA

Padre Félix, como era mais conhecido do povo, nasceu a 27 de agosto de 1820, no lugar antigamente chamado São João do Rio do Peixe e que no tempo presente é Antenor Navarro, na Paraíba. Nos primeiros anos de vida teve a desventura de perder os pais, ficando então, aos cuidados de um irmão de nome José Félix, que o encaminhou para o Seminário de Olinda, atendendo aos sinais de sua vocação. Os estudos fizeram-no perder um pouco de suas forças físicas, de modo que, após a sua ordenação sacerdotal, em 1844, o padre Félix, em princípio de 1845, veio para Angicos, a fim de restaurar as suas condições de saúde, quando então assumiu interino, o cargo de vigário dessa paróquia. Em junho do mesmo ano (1845), por procuração do presidente eleito coronel Jerônimo Cabral Pereira de Macêdo, o padre assumiu a presidência da Câmara Municipal. Com concurso feito em 1846, se tornou vigário colado de Angicos e aí permaneceu até o fim de sua vida. Nos meses de maio a julho do ano de 1856 se encarregou da regência paroquial de Macau, por ocasião do falecimento do Vigário padre Inácio de Loiola Barros. Em Angicos, o padre Félix, encontrou como Ma-

triz, a primeira capela, de tamanho pequeno,como também o patrimônio da primeira doação feita pelo fundador de Angicos e assim conseguiu o aumento do patrimônio dessa vez doado por Damázia Lopes, filha do fundador e auxiliado por Florêncio Otaviano, em 1849 deu início ao aumento da pequena capela, que ficou com quinze braças de comprimento e cinco de largura, bem melhor para acomodação dos fiéis. Promove em 1862, as Santas Missões sob a direção do padre dr. Ibiapina, que como lembrança, ficaram o antigo cemitério anexo à igreja Matriz e o açude São José, arrombado pelas chuvas. Nas missões levas a efeitos pelo padre Ibiapina, é lembrado a procissão chamada "Dia do Juízo", quando os homens vestidos de mortalha preta e as mulheres de vestidos atacados ao pescoço. A influência maior do padre Félix, onde mais se sentiu foi na formação espiritual dos seus paroquianos. Não era orador, porém com a sua palavra chã e humilde, dizia as coisas de maneira mais simples e convincente, tornando-se admirado pelo resultado da pregação. Sabia tocar os corações dos ouvintes. Faleceu em Natal, na residência de Pedro Avelino, a 7 de dezembro de 1895, sendo sepultado em Angicos e atualmente os seus ossos se encontram na Matriz indicado o local por sua fotografia. Padre Félix, faleceu contando 75 anos de idade, 50 de vigário de Angicos e 51 de sacerdote.

CÔNEGO FAUSTINO JORGE DE CARVALHO

Cônego Faustino Jorge de Carvalho nasceu a 17 de fevereiro de 1886, em Cuitezeiras, do município de Pedro Velho, Filho de Joaquim Jorge de Carvalho e de Ana Pessoa de Carvalho. Fez os estudos primários, em Belém do Pará e o estudo secundário, também de filosofia e teologia no Seminário da mesma cidade. Foi-lhe conferido a Tonsura clerical a 1 de janeiro de 1910. Ordenado sacerdote na Catedral de Belém do Pará, a 20 de setembro de 1913, sendo que todas as ordens lhe foram dadas pelo Arcebispo Dom Santino Maria da Silva Coutinho. Depois de encarregado da capela do Seminário, foi capelão do Orfanato Municipal e o primeiro vigário da paróquia de São Raimundo Nonato, em Belém. Vigário de São José de Castanhal até 1932, quando foi transferido para vigário de Santa Izabel e Capelão do Orfanato Antonio Lemos. Em 1933 esteve como vigário cooperador da paróquia da Santíssima Trindade e a 10 de fevereiro de

1934 foi mudado para vigário de Santana da Campina. Fez uma excursão em alguns países da Europa, esteve na Terra Santa e nos Estados Unidos. A 10 de abril de 1943, teve a nomeação de cônego catedrático do Cabido de Belém, conferido esse título, pelo arcebispo Metropolitano — dom Jaime de Barros Câmara. O cônego Faustino não gozou mais saúde, depois que regressou de suas viagens pela Europa e Estados Unidos, vindo falecer em João Pessoa, na Paraíba, no dia 14 de janeiro de 1953.

— Livro 11. fls. 75v — n. 1503 — do Arquivo paroquial de Canguaretama. "Aos dezoito de abril de mil oitocentos e oitenta e seis, padre Bento de Maria batizou de minha licença na capela de Santa Rita a Faustino nascido a dezessete de fevereiro deste ano, filho legítimo de Joaquim Jorge de Carvalho, negociante e de d. Ana Maria Ribeiro de Carvalho, costureira, livres e naturais desta Freguesia, foram padrinhos Tenente Coronel José Joaquim de Medeiros, do que fiz este Termo. O Vigário Manoel Januário Bezerra Cavalcante".

PADRE FELICIANO JOSÉ DORNELAS

O Padre Feliciano Dornelas, era pernambucano de Recife, nasceu no ano de 1752. Ordenado sacerdote pelo bispo de Olinda, Dom Diogo de Jesus Jardim. Não se tem a data certa de sua ordenação sacerdotal, mas, em 1789 quando foi criada a paróquia de Santo Antonio do Recife, pelo mesmo bispo Dom Diogo, foi o padre Dornelas o seu primeiro vigário. Nomeado vigário de Nossa Senhora da Apresentação de Natal, a posse no cargo foi a 15 de maio de 1796 por procuração passada ao padre Inácio Pinto de Almeida Castro, irmão do padre Miguelinho. O padre Dornelas só chegou à sede da paróquia, no fim do ano de 1796, no mês de dezembro, quando ele começou a assinar nos livros paroquiais os termos de batismos. Pouco tempo depois o padre Dornelas fez concurso para a mesma paróquia, tornando-se vigário colado, permanecendo na paróquia da Apresentação 42 anos. Era o padre Dornelas em Natal, figura saliente. Homem bem relacionado e querido em sua paróquia. No entanto, em setembro de 1806, o Capitão Mor no Rio Grande do Norte, José Francisco de Paula Cavalcanti, escreve ao Príncipe Regente denun-

ciando as desordens havidas na Capitania e queixa-se da atuação do vigário da cidade do Natal, padre Feliciano Dornelas. A denúncia foi apurada pelo Desembargador João Severiano Maciel, da Paraíba. Tomou parte na Revolução de 1817, tornando-se membro do Governo revolucionário de André de Albuquerque. O padre foi preso a 23 de dezembro de 1817, conduzido a Pernambuco onde a Alçada mandou às cadeias da Bahia. Foi pronunciado a 13 de dezembro de 1818, sendo depois restituído ao seu rebanho. No período de sua prisão, foi seu substituto na paróquia o padre Manoel José Fernandes Barros, como vigário interino. Depois da Independência exerceu cargo de eleição. Administrou a freguesia até 4 de maio de 1836. Faleceu vítima de um incêndio dentro do seu quarto de dormir, no dia 5 de abril de 1839, com 86 anos de idade. Seus restos mortais jazem na capela-mor da Matriz de Nossa Senhora da Apresentação. Foi o Vigário de paroquiato mais longo. Com o seu falecimento, o novo vigário foi o padre Bartolomeu da Rocha Fagundes. No livro nº 2, fls. 79v. do arquivo da Catedral, está o atestado de óbito que diz assim: "Aos cinco de abril de mil oitocentos e trinta e nove da vida presente o Reverendo Vigário desta Freguesia, Feliciano José Dornelas faleceu com todos os sacramentos e depois encomendado por mim, foi sepultado nesta Matriz, envolto nos hábitos sacerdotais, do que para constar mandei fazer este assento em que assino.

Bartolomeu da Rocha Fagundes — Pároco Coadjutor".

PADRE FIDÉLIS DE PAIVA FERREIRA

Pe. Fidélis de Paiva nasceu no ano de 1759. Não se tem a data certa de sua ordenação sacerdotal. Foi já depois de 1800, porque em 1811 ele já ocupava o lugar de vigário encomendado da paróquia de Extremoz. Em 1812, o padre Fidélis conseguiu terras pelo sistema de sesmaria aqui nomeadas: Bolandeira, Ladeira Grande, Inhandu, Mar Coalhado, Camaragipe, Sapo e Serra Pelada. Em 1814 era capelão em São Gonçalo e de 1817 até 1820 esteve em Goianinha como vigário interino, na ausência do vigário, padre Antonio de Albuquerque Montenegro, quando havia se ocultado por motivo de estar complicado com a revolução de 1817. Em 1814 deixou de ser vigário de Extremoz, ficando no seu lugar o padre José Inácio. Em 1831 e anos seguidos, passou a re-

sidir em sua propriedade de Serra Pelada, onde tinha um oratório e aí ajudava o vigário de Extremoz, administrando o sacramento do batismo, quando procurado. Contando 83 anos de idade, com a saúde abalada, já não mais podendo trabalhar, voltou para Extremoz e aí faleceu a 27 de fevereiro de 1842, sendo sepultado na matriz de N. S. da Apresentação, em Natal. O seu falecimento parece ter sido repentino por não ter recebido os sacramentos, assim diz o seu termo de óbito, que está no livro 2, folhas 86v. do arquivo da Catedral e dito documento reza assim: "A vinte e sete de fevereiro de mil oitocentos e quarenta e dois, faleceu da vida presente, sem sacramentos, o Padre Fidélis de Paiva Ferreira, morador na Freguesia de Extremoz, foi sepultado nesta Matriz, encomendado de minha licença pelo padre Antonio Xavier Garcia de Almeida, paramentado como dispõe a constituição. E para constar fiz este assento.

Bartolomeu da Rocha Fagundes, vigário encomendado".

PADRE FORTUNATO ALVES DE AREIA LEÃO

Nas terras do Piauí, na vila chamada Alto Longá, aí nasceu a 20 de maio de 1884, o padre Fortunato Leão, filho de José Alves de Macedo e Severa de Areia Leão Macedo. Batizado na Matriz de Alto Longá, a 16 de agosto do mesmo ano, pelo vigário padre Tomaz de Morais Rego. O curso primário foi aprendido nas escolas de sua terra e em 1905 fez-se aluno do Seminário de Teresina e terminado o curso secundário e parte do curso superior, foi então tonsurado em 1906 e recebido as ordens menores, em 1907. No ano de 1911, deixou o seu Piauí e se encaminhou para Natal, no Rio G. do Norte e aqui chegou acompanhado do bispo dom Joaquim de Almeida. Os seus estudos teológicos foram concluídos em Natal, no ano de 1912; no ano seguinte 1913, foram-lhe conferidas no mês de janeiro, as ordens do subdiaconato, no dia 5; diaconato, a 6 e a última, o presbiterato, a 12, todas administradas pelo mesmo bispo dom Joaquim. As duas ordens tiveram lugar na capela episcopal; o presbiterato foi na Matriz de Canguaretama. A sua primeira nomeação foi para vigário de Arês, nomeado no mesmo ano de 1913 em janeiro; em abril é vigário de Papari; em outubro, já está em Macau e aí permaneceu até 1917. Em 1918, vai para Pau dos Ferros no governo diocesano de dom Antonio

dos Santos Cabral. Encarrega-se de Luiz Gomes e ainda em 1918 assume a paróquia de Touros, onde esteve até 1920. Deixa Touros e vai para Angicos e só dois anos 920 e 21. Volta para Pau dos Ferros e aí se demora até 1925, regendo novamente a Luiz Gomes. Vigário de Santana do Matos em 1926 com São Rafael. Volta a Pau dos Ferros em 1927 e cuida também de Luiz Gomes. No ano de 1929 foi para Apodi e se encarrega de Caraúbas. Voltou a Touros, em 1931 e sai em 32 para São Gonçalo do Amarante e em 1933, torna à Touros, com o encargo de Taipu. No governo dessas duas paróquias: Taipu e Touros, o padre Fortunato esteve até os seus últimos dias de vida, que foi a 23 de setembro de 1936. Faleceu em Touros e foi sepultado no Cemitério da cidade. Em 1979, os ossos do padre Fortunato foram tirados do Cemitério e se encontra no presente, na igreja Matriz de Touros, na parede lateral, coberto com uma pedra de mármore, na qual estão os dizeres, indicando que alí estão os restos mortais de um dos vigários de Touros. Padre Fortunato morreu com 52 anos de idade e 23 de sacerdote. Desde que se ordenou, a sua vida foi entregue ao serviço pastoral em várias paróquias e que bem serviu com dedicação e zelo. Não se arredou da diocese de Natal, seu trabalho foi todo aqui e ganhou muito a amizade de seus paroquianos e foi um verdadeiro pastor de seu rebanho.

PADRE FLORÊNCIO GOMES DE OLIVEIRA

Padre Florêncio nasceu no dia 16 de dezembro do ano de 1813, em Governador Dix-Sept-Rosado, município da zona Oeste do Estado, que no passado teve os nomes de Monte Alegre, Quixaba, São Sebastião. Fez os estudos no Seminário de Olinda e ordenado sacerdote a 9 de junho de 1838 pelo bispo dom João da Purificação Marques Perdigão. Todas as despesas para a sua ordenação foram custeadas pelo Tenente Coronel Antonio Francisco de Oliveira, de maneira que, depois de ordenado sacerdote, o padre Florêncio quis saldar a dívida com o Coronel Antonio Francisco, mas, este recusou receber qualquer quantia. Como padre se dedicou ao estudo da geologia local. Teve assento na Assembléia Provincial em três biênios: de 1852 a 53; 1854 a 55 e de 1856 a 57. Foi 2.º secretário da Assembléia Legislativa. Foi grande a sua ação na Assembléia Legislativa, dando o seu voto favorável pela ele-

vação de Mossoró a categoria de vila; Patú a Paróquia; criação de uma cadeira de primeiras letras, para São Sebastião de Mossoró; votou favorável a supressão da Vila de Santana do Matos; também para uma cadeira de primeiras letras para Boca da Mata, atual Ceará Mirim; pela criação do município de Caraúbas. Antes de ser nomeado primeiro vigário de Caraúbas, foi Capelão em São Sebastião. Vigário encomendado de Campo Grande, atual Augusto Severo em 1859; pró-pároco de Apodi em 1856 e 57. Primeiro vigário de Caraúbas de 1858 a 1861. Na política, onde teve atuação destacada, pertenceu ao partido conservador, sendo um político militante; teve decisiva ação pacificadora no tumultuado ato da posse do padre Antonio Joaquim em Mossoró, quando alguns revoltados não o queriam como vigário. Foi pároco de São Miguel dos Afogados, em Recife, morando de 1849 a 51. no Convento da Penha, dos padres Capuchinhos. Foi no período de vigário do Apodi, quando a Assembléia Legislativa tentava fazer modificação em territórios paroquiais com desmembramentos e etc., o padre Florêncio recebe do bispo de Pernambuco, dom João da Purificação este aviso: "ao vigário do Apodi padre Florêncio. Não receba território algum de outra paróquia pois, não reconheço da Assembléia Provincial poder para criar, suprimir ou transferir paróquia, sem audiência do bispo". Padre Florêncio Gomes, vigário do Apodi, em seu tempo foi bom poeta e um dos políticos mais em evidência. Faleceu em Caraúbas, a 1 de outubro de 1861, com 48 anos de idade e 23 de sacerdote. Foi sepultado na Matriz de Caraúbas. Em 1899 mudaram os seus restos mortais para outro local da Matriz, juntamente com os do Cônego Pedro Soares de Freitas.

PADRE FRANCISCO ANTONIO DE SOUZA PRAÇA

Era natural de Natal e o seu nascimento foi no ano de 1769. Não é conhecido, por falta de documento, o ano certo da ordenação sacerdotal; no entanto, parece ter sido em 1802 ou 1803, porque em julho de 1804, lê-se termos de batismos feitos ou administrados em São Gonçalo, pelo padre Souza Praça. Em parte alguma se encontra o nome do padre Souza Praça, ocupando o cargo de vigário, sinal de que viveu mais tempo como padre avulso, auxiliando sem nomeação, os vigários de N. S. da Apresentação, no interior da pa-

róquia, às vezes em São Gonçalo, Ferreiro Torto, Jundiaí etc. Residia em um sítio de sua propriedade chamado "Quintas" e que atualmente é um próspero e muito habitado bairro de Natal, já constituído com as honras de paróquia, sob o patrocínio de N. S. do Perpétuo Socorro. O padre Souza Praça foi Capelão do Forte dos Santos Reis em substituição do padre M. Teixeira. A 29 de novembro de 1822 o Imperador Dom Pedro I equiparou os vencimentos do capelão dos Santos Reis, com os dos capelães das Fortalezas do Rio de Janeiro, recebendo mensalmente a quantia de 9$600 rs. A comunicação imperial dos vencimentos equiparados aos capelães nas Fortalezas do Rio, foi dada pelo Ministro João Vieira de Carvalho. A família Souza Praça no Rio Grande do Norte conta com muitos descendentes. De Portugal, veio Antonio Martins Praça, da freguesia de Nossa Senhora da Ajuda da Vila de Penixe e em Natal casou com Maria Antonia das Neves, natural de Natal (liv. 01, fls. 105 da Catedral). O padre Souza Praça viveu 63 anos de idade e o seu termo de óbito do Liv. 2, fls. 43v, do arquivo da Catedral de Natal, diz o seguinte:

"Aos trinta e um de outubro de mil oitocentos e trinta e dois, faleceu com os sacramentos da penitência e Extrema Unção, o Padre Francisco Antonio de Souza Praça, branco, de idade de sessenta e três anos, morador nas Quintas, foi encomendado por mim, sepultado na Matriz, do que fiz este assento que assino.

Antonio Xavier Garcia de Almeida, Vigário interino".

PADRE FRANCISCO ADELINO DE BRITO DANTAS

Padre Francisco Adelino, nasceu em Augusto Severo, antigo Campo Grande, no ano de 1825, filho de Felix José Dantas e Francisca Xavier de Lira Dantas. Fez os primeiros estudos em Campo Grande e em seguida em Olinda, no Seminário diocesano onde se matriculou. Foi ordenado sacerdote a 23 de maio de 1851, pelo bispo diocesano dom João da Purificação Marques Perdigão. É tido como fundador de Panema, na região Oeste do Estado, que no começo teve o nome de Curral da Várzea, passando depois para Rua da Palha, pelo número de casebres cobertos de palha. O padre Francisco Adelino, em 1867, agradando-se da Rua da Palha, ajudado por alguns moradores da ribeira do Upanema, fez

erigir uma capela a Nossa Senhora da Conceição, em lugar próprio, numa campina elevada a cinco léguas ao noroeste de Campo Grande. Daí originou-se a povoação que se desenvolveu. O padre mudou o nome do lugar para Conceição do Upanema, mais chamado e conhecido por Panema. O território de Panema recebeu os primeiros povoadores cerca de 1750, porém, em 1867 foi que o padre Francisco Adelino principiou o povoado, celebrando aí a primeira Missa, construindo uma capela de taipa. A imagem de Nossa Senhora da Conceição, da capela do padre Francisco Adelino, permanece nos dias atuais em outra capela maior de alvenaria. O nome Upanema é uma corrutela do vocábulo Panema. De 1856 a 59 o padre esteve em Currais Novos, no cargo de capelão, jurisdicionado pela paróquia de Acari. Mudando-se para Recife, teve o cargo de outubro a novembro de 1883 de administrador do cemitério de Santo Amaro, que foi o sétimo administrador desse campo Santo. Do Recife passou para a ilha de Fernando de Noronha, onde foi capelão na ilha em 1888. Na referida ilha, no lugar Sambaquixaba, mandou cavar para experiência um ponto que semelhante ao sertão do Rio Grande do Norte e aí apareceu água doce e aí construiu uma cacimba, que existe com o nome de "Cacimba do Padre". O padre se tornou famoso na firmeza do pulso e segurança nos cavalos mais árdegos. Bom latinista. Residia no Recife e estava no sertão do Rio Grande do Norte, em busca de saúde, quando faleceu a 18 de agosto de 1893, na vila de Triunfo, com 68 anos de idade e 42 de sacerdote. O Jornal de Natal o "Diário de Natal" de 1 de setembro de 1893, noticiou o falecimento do padre Francisco Adelino Dantas, ocorrido em Triunfo, o segundo nome que teve Augusto Severo.

MONS. FRANCISCO DE ASSIS ALBUQUERQUE

Monsenhor Assis como era chamado, nasceu em Natal, na rua Santo Antonio, na Cidade Alta, a 4 de outubro de 1865, dia de São Francisco de Assis. Seus pais foram José Francisco de Albuquerque e Senhorinha Avelino de Albuquerque. Batizado na Matriz d'Apresentação, pelo vigário colado padre Bartolomeu. Os estudos primários foram feitos em Natal, na escola do professor José Gotardo, conhecido por professor Zuza; o curso secundário foi iniciado no Ateneu Norte Riograndense e terminado na Paraíba, no Liceu Pa-

raibano. Matriculado no Seminário de Olinda, aí fez os estudos de Filosofia e em 1884, deu início aos de Teologia, no Seminário de Fortaleza, terminando aí os estudos para o sacerdócio. O bispo diocesano dom Joaquim José Vieira, lhe conferiu a Tonsura clerical, as ordens Menores; o Subdiaconato, Diaconato. A ordem sacerdotal — o Presbiterato, foi-lhe conferido pelo mesmo bispo dom Joaquim José Vieira, a 6 de dezembro de 1891, na Catedral de Fortaleza, tendo o Pe. José de Calazans Pinheiro, companheiro de ordenação. Cantou a sua primeira Missa, na Matriz d'Apresentação, a 13 de dezembro do mesmo ano, na festa de Santa Luzia. A 4 de fevereiro de 1892, foi nomeado pelo bispo de Olinda, dom João Esberard, coadjutor da Matriz de Natal no paroquiato do padre João Maria, sendo transferido para vigário de Macau, no mesmo ano, no dia 13 de fevereiro e em Macau permaneceu até 1896, quando então foi mudado para a Paraíba, na capital, onde teve a nomeação de vice-Reitor do Seminário e do Colégio Diocesano Pio X, a 25 de fevereiro do mesmo ano. Nomeado pelo Governo professor de Geografia e História do Brasil no Liceu e Escola Normal da Paraíba, exerceu o magistério, durante vinte anos. Sócio do Instituto Histórico da Paraíba e Capelão do Orfanato Dom Ulrico, em João Pessoa, durante 15 anos. Em 11 de fevereiro de 1922, Mons. Assis inaugurou na Praça Dom Ulrico, em João Pessoa, um monumento a Nossa Senhora de Lourdes, construído exclusivamente com despesas suas. Na data dos seus 50 anos de sacerdote, em 1941, veio a Natal celebrar o seu jubileu de ouro, no altar de N. S. da Apresentação, onde cantara, em 1891, a sua primeira Missa. A 20 de agosto de 1896, teve o título de Cônego Honorário do Cabido da Paraíba e a 12 de novembro de 1914, o de Monsenhor, concedido pelo Papa São Pio X. Foi vigário da Catedral de N. S. das Neves na Paraíba. Com 80 anos de idade e 54 de sacerdote, faleceu em João Pessoa, Paraíba, a 13 de agosto de 1945.

No arquivo da Catedral de Natal, no livro 6, fls. 8v. n. s/n. consta o termo do batismo nos dizeres seguintes:

"A primeiro de novembro de mil oitocentos e sessenta e cinco, nesta Matriz, batizei solenemente a Francisco nascido a 4 de outubro de mil oitocentos e sessenta e cinco, filho legítimo de José Francisco de Albuquerque e Senhorinha Avelino de Albuquerque, branco, moradores nesta Freguesia, foram padrinhos Dr. Augusto Carlos de Amorim Garcia e d.

Maria de Amorim Garcia e para constar fiz este assento em que assino. Bartolomeu da Rocha Fagundes. Vigário Colado".

PADRE FRANCISCO DE BRITO GUERRA

O Padre Guerra, nasceu a 18 de abril de 1777, na fazenda Jatobá, que na época pertencia à freguesia do Açu e servia de divisa com o Apodi. Em seu testamento feito a 20 de novembro de 1844, ele declarava com estas palavras: "sou natural da freguesia do Açu". Seus pais, Manoel da Anunciação Lira e Ana Filgueira de Jesus. Fez os seus primeiros estudos no Açu com o padre Luiz Pimenta de Santana. Com o fim de melhor se instruir nas letras, seu pai o levou para uma pequena povoação do interior de Pernambuco, chamada Pasmado para ficar aos cuidados de um professor que residia nessa localidade. Nesse povoado faleceu o pai do padre Guerra. Mesmo com o falecimento de seu pai, Francisco por algum tempo ficou estudando nesse povoado. Deixando o povoado Pasmado, Francisco voltou à casa de sua mãe e em seguida foi para Baturité, no Ceará, onde se fez professor de latim. Vencendo dificuldades, resolveu voltar a Pernambuco matriculando-se no Seminário de Olinda, onde terminou os seus estudos e foi ordenado sacerdote em 1801. Regressando ao Rio Grande do Norte, foi a Campo Grande e a 2 de fevereiro de 1802, na capela, cantou a sua primeira Missa. Em dezembro de 1802 tomou posse do cargo de vigário encomendado do Caicó e após brilhante concurso em 1810 se torna vigário Colado, da mesma freguesia do Seridó. Em Caicó, fundou uma escola de latim, na qual ele mesmo ensinava. Nomeado Visitador diocesano pelo bispo de Olinda dom João da Purificação Marques Perdigão, no Rio Grande do Norte e Paraíba. Antes, exercera o cargo de Visitador, em Pernambuco, no ano de 1815 e a segunda vez em 1833 até o fim de sua vida nos dois Estados acima referidos. Como Visitador tinha por função: crismar, dispensar impedimentos matrimoniais de 2.º, 3.º, 4.º graus com atingência ao 1.º, cognação espiritual, provisões aos confessores, pregadores; provisionar oratórios privados, novas capelas, provisionar pastores as igrejas que não as tem, dando párocos idôneos; inquisição de vita et moribus a todos os mais requisitos concernentes a ordenação. Ingressou na política Provincial, elegendo-se suplente de deputado geral, na legislatura de 1830

a 33 e por morte do deputado José Paulino de Albuquerque tomou parte nos trabalhos da Câmara dos Deputados do Império em 1831 a 33. Elegeu-se novamente deputado para a legislatura de 1834 a 37, sendo em 1835 presidente da Assembléia Legislativa Provincial. A 12 de julho de 1837 foi eleito Senador do Império com 169 votos, tornando-se o único norte rio-grandense que durante todo o regime monárquico representou a Província no Senado. O primeiro Jornal da Província "O Natalense" circulou em 1832 porque com alguns amigos fundou uma sociedade que publicou o jornal. Visitador diocesano duas vezes: em 1815, na Província de Pernambuco e 1833 até o seu falecimento, nos Estados do Rio Grande do Norte e Paraíba. Comendador da Ordem de Cristo. No seu testamento, de 1844, pediu que se morresse na freguesia fosse sepultado na capela-Mor de sua Matriz e se for no Rio, quer ser sepultado na igreja de Santana. Faleceu repentinamente no Rio a 26 de fevereiro de 1845, de congestão cerebral, na residência do comendador Joaquim Inácio da Costa Miranda. Dois anos mais tarde, os restos mortais do padre Guerra, foram levados para Caicó e recebidos com honras fúnebres por 16 padres seus antigos alunos. Não era ele de inteligência alta, mas, equilibrado, sabendo dizer, fazer e mandar. A instrução pública tem no padre Guerra um de seus patronos.

PADRE FRANCISCO CONSTÂNCIO DA COSTA

Padre Constâncio, como era mais conhecido, era filho do Tenente da Guarda Nacional Antonio Bento da Costa e Vicência Olegária Coelho da Costa, nasceu a 26 de agosto de 1844, em Natal, no bairro da Ribeira, batizado a 8 de setembro do mesmo ano, na igreja do Bom Jesus das Dores, pelo padre Capelão João Coêlho de Souza, sendo seus padrinhos os pais do padre João Coelho. Os primeiros estudos foram feitos em Natal e depois no Seminário de Olinda e ordenado pelo bispo diocesano. Não é conhecida a data certa de sua ordenação sacerdotal, mas, em 1877 exercia o cargo de Capelão da igreja do Bom Jesus das Dores. Serviu em Natal nesse ano de 1877 no posto de Tenente-Capelão, dirigindo a Escola Regimental que ensinava primeiras letras. Coadjutor da paróquia de Nossa Senhora da Apresentação, com sede na igreja do Bom Jesus, de 1881 a 84. De 24 de outubro

de 1888 a 21 de junho de 89 foi Diretor da Instrução Pública da Província. Capelão do Exército em Natal, com missas em uma pequena capela no Quartel e onde fazia orações com a tropa todas as tardes. Usava nas mangas da batina três estrelas douradas, motivo porque recebia continências dos soldados; com a República o padre Constâncio perdeu o direito de usar as três estrelas, mas, mesmo assim, continuou respeitado e querido do povo. Fisicamente era morenão, meio calvo, amável, conversador e sabedor de histórias. Sentindo-se doente foi para Nova Cruz, a fim de conseguir melhorar de seus incômodos de saúde e nessa cidade faleceu a 24 de abril de 1897, onde foi sepultado.

No livro 4, fls. 7v da Catedral de Natal, está o termo do seu batismo que diz assim:

"Francisco — aos oito de setembro de mil oitocentos e quarenta e quatro, na Capela da Ribeira de minha licença o padre João Coelho de Souza, batizou solenemente a Francisco, nascido a vinte e seis de agosto do dito ano, filho legítimo de Tenente Antonio Bento da Costa e Vicência Olegária da Costa, brancos, moradores na Ribeira, foram padrinhos Francisco Coelho de Souza e sua mulher Rita Antonia Coelho. E para constar fiz este termo em que assino, Bartolomeu da Rocha Fagundes, Vigário Colado".

x—x—x—x—x

Liv. 1. fls. 79 — do arquivo paroquial de Nova Cruz, diz o seguinte:

"Aos vinte e cinco de abril de mil oitocentos e noventa e sete, sepultou-se no Cemitério desta vila o cadáver do padre Francisco Constâncio da Costa, com cinquenta e dois anos de idade, faleceu de gastrite, foi por mim encomendado do que fiz este assento, que assino. O Vigário Tomaz de Aquino".

x—x—x—x—x

Dizeres do jornal A República do dia 27 de abril de 1897.

"Faleceu na vila de Nova Cruz, onde desde muito residia, em busca de melhoras aos seus graves padecimentos, o reverendo Capitão Francisco Constâncio da Costa, que por muitos anos exerceu nesta cidade as funções de capelão do exército e da igreja do Bom Jesus. Era um sacerdote por-

muitos títulos digno de respeito e exemplar chefe de família, tendo sabido conquistar na sua terra natal numerosas e sinceras afeições. À sua família apresentamos sentidos pêsames".

PADRE FRANCISCO JUSTINO PEREIRA DE BRITO

Padre Francisco Justino, nasceu a 15 de abril de 1819, no Caicó e foi batizado na Matriz pelo seu tio padre Francisco Guerra, a 29 de maio de 1819, filho de Joaquim de Santana Pereira, natural do Seridó e Maria Tereza das Mercês, natural de Panema. A mãe do padre Francisco Justino era irmã do padre Guerra. Iniciou os seus estudos com o seu irmão professor Joaquim Apolinar, juntamente com o seu irmão o padre José Modesto Pereira de Brito. Foi ordenado sacerdote a 13 de novembro de 1842, na capela episcopal, do Palácio da Soledade, em Recife, por dom João da Purificação Marques Perdigão, bispo diocesano. O seu companheiro de ordenação foi o seu irmão padre José Modesto. Foi auxiliar do seu tio padre Guerra, no Caicó e vigário de Jardim do Seridó de 1856 a 71, como primeiro vigário dessa paróquia. Foi aluno do Seminário de Olinda. Como vigário de Jardim do Seridó, teve por coadjutor o padre Isidoro Gomes de Souza. Por espaço de 15 anos exerceu o paroquiato em Jardim do Seridó e em 1850 foi administrador do município de Caicó. Era vigário de Jardim do Seridó, quando teve a sua nomeação em 1858 para Visitador Geral e Delegado do Crisma, na Província do Rio Grande do Norte e a 11 de abril do mesmo ano, fez o juramento e tomou posse no Acari, nas mãos do padre Tomaz Pereira de Araújo. Visitador em substituição ao padre Manoel José Fernandes. Por seu intermédio foi criado na povoação de Jardim a cadeira de latim e nomeado professor Francisco Emiliano Pereira, que muitos dos seus alunos ordenaram-se sacerdotes. Fez testamento deixando o sítio chamado Pau Furado, no Seridó, em favor do padre João Maria Cavalcante de Brito. Faleceu no Jardim do Seridó, no cargo de Vigário Colado, a 7 de novembro de 1871, e está sepultado no Cemitério do Jardim. Tinha ao falecer 52 anos de idade e 29 de sacerdote, sendo na sua morte assistido pelo coadjutor padre Isidoro Gomes de Souza. No arquivo paroquial da Catedral de Caicó — livro 2 — fls. 26, está o termo do seu batismo que diz assim:

"Francisco, filho legítimo de Joaquim de Santa Ana Pereira, natural desta Freguesia do Seridó e de dona Maria Tereza das Mercês, natural de Panema, Freguesia do Açu, nasceu a quinze de abril de mil oitocentos e dezenove, e foi batizado por mim nesta Matriz do Seridó, véspera do Espírito Santo vinte e nove de maio do mesmo ano com os Santos Óleos: foram padrinhos o Capitão Simão Gomes de Brito, por procuração que apresentou Manoel José Fernandes e dona Tereza Escolástica de Jesus, solteira, moradores nesta Freguesia: do que para constar fiz este assento, que assino. O Vigário Francisco de Brito Guerra".

PADRE FRANCISCO LONGINO GUILHERME DE MELO

Foi o primeiro filho de Mossoró elevado à dignidade sacerdotal. Nasceu no antigo arraial de Santa Luzia, atual Mossoró, a 15 de março de 1802. Foram seus pais, o Capitão Simão Guilherme de Melo, rico fazendeiro e Inácia Maria da Paixão, que moravam na sua fazenda chamada "Camurupim". O batismo de Francisco, foi feito pelo capelão de Santa Luzia, padre José João Barreto, a 4 de abril de 1802, na capela do referido arraial, de licença do vigário do Apodí padre Manoel Correia Calheiro Pessoa, porque a capela de Santa Luzia, era jurisdicionada pela paróquia do Apodi. A antiga capela de Santa Luzia, é no presente a Matriz e Catedral de Mossoró. Aprendeu as primeiras letras com um Frade leigo, conhecido pelo nome de Irmão Reis; em 1819, chegou a povoação do Apodi, o padre José Ferreira da Mota, que assumiu o lugar de Coadjutor da Freguesia e aí instalou um Colégio, onde ensinava o latim, e aí Francisco Longino se matriculou, tendo outros companheiros de estudos, que se ordenaram sacerdotes. Do colégio do Apodi, Francisco foi continuar os seus estudos no Seminário de Olinda, quando concluiu seus estudos e foi ordenado sacerdote em novembro de 1826, pelo bispo de Pernambuco, dom Tomaz de Noronha e Brito. Sua primeira Missa a 2 de fevereiro de 1827, foi na capela de Santa Luzia, em Mossoró e aí ficou no posto de capelão, permanecendo de 1827 a 40. O padre Longino bem cedo demonstrou por atos bem pronunciados ser homem de temperamento turbulento, arrebatado; foi uma vocação contrária pelos desejos de seus progenitores. Deixou na lembrança do povo, a sua luta com a família Ferreira da Costa,

conhecida pelos Butragos, às atitudes violentas comumente assumidas. Foi suspenso de ordens em 1833 e em 1839 foi ab-rogada a suspensão e continuou a residir em Mossoró até 1844, quando chegou o padre Joaquim Rodrigues, nomeado vigário colado de Mossoró, freguesia criada em 1842. Em janeiro de 1845, o padre Longino retira-se de Mossoró indo para o Maranhão, porque o bispo diocesano mandou que ele fosse pregar e catequizar os índios bravios e ele não aceitou e mudou-se para Teresina, no Piauí, vivendo somente das ordens e sendo atacado de cegueira total, lutando com velhice, achaques e pobreza resolveu voltar à sua terra, depois de 27 anos de ausência. Voltou a custa de subscrições promovidas nas localidades por onde passava. Chegou a Mossoró em abril de 1872 e aí se demorou algum tempo. Completamente cego dizia de cor a missa da Conceição. Alguns meses depois, deixou Mossoró e foi exercer o cargo de Capelão da "Ilha da Palha", no Upanema, onde esteve em 1877, quando regressou a Mossoró devido a terrível seca desse ano, indo para Areia Branca, onde esteve pouco tempo exercendo funções sacerdotais com o consentimento do vigário Antonio Joaquim. Adoecendo, voltou para Mossoró, onde faleceu a 30 de maio de 1878, sendo sepultado dentro da Capela do Cemitério Público de Mossoró. Faleceu com 74 anos de idade e 50 de sacerdote. Quanto ao seu gênio tão bem conhecido dos antigos, não sofreu mudança alguma.

PADRE FRANCISCO OTAVIANO DA NÓBREGA DOMINGUES CARNEIRO

O Padre Francisco Domingues Carneiro nasceu em Macau, no dia 30 de setembro de 1896, filho do dr. João Ferreira Domingues Carneiro e de dona Josefina da Nóbrega Domingues Carneiro. Foi batizado na Matriz de Macau a 25 de outubro de 1896 pelo padre José de Calazans Pinheiro, sendo na época encarregado da paróquia de Macau o Cônego Estevam José Dantas, vigário no Açu. O padre Francisco Carneiro iniciou os seus estudos eclesiásticos no Seminário de Olinda, onde lhe foi conferido a Tonsura clerical. Pertencendo ao clero da diocese de Natal, o bispo diocesano Dom Antonio dos Santos Cabral, conferiu-lhe todas as Ordens, na igreja Catedral da Apresentação, nas datas seguintes: as primeiras ordens menores a 29 de junho de 1918; segundas me-

nóres, a 19 de janeiro de 1919; subdiaconato, a 7 de dezembro de 1919; diaconato, a 23 de maio de 1920 e o presbiterarato, a 29 de junho de 1920 e teve como companheiro de ordenação, o padre José Maria Cabral, escritor e jornalista, filho do Rio Grande do Norte, falecido no Rio. O padre Francisco Carneiro, não exerceu nesta diocese, cargo paroquial, foi em primeiro lugar vice-diretor e professor do Colégio diocesano Santo Antonio, quando dirigido pelo clero secular e também professor no Seminário de São Pedro. Em 1921, foi Capelão da Igreja de N. S. do Rosário, ausentando-se da diocese de Natal, no ano seguinte, no Rio de Janeiro fixou residência, não voltando mais ao Nordeste. No Rio, foi vigário da paróquia de Osvaldo Cruz, de 1936 a 47, quando então se tornou vigário de Bom Sucesso. Os seus dias na vida terrena se findaram a 13 de setembro de 1954, contando a idade de 58 anos e 32 de sacerdote. O padre Carneiro, como era mais conhecido, foi um sacerdote estimado, tendo se dedicado nesta diocese ao magistério escolar. No arquivo paroquial de Macau está o termo do seu batismo:

> "Aos vinte e cinco de outubro de mil oitocentos e noventa e seis, na igreja Matriz, o revmo. José de Calazans Pinheiro, batizou solenemente a Francisco, nascido a trinta de setembro do dito ano, filho legítimo do dr. João Ferreira Domingues Carneiro e Josefina da Nóbrega Domingues Carneiro, sendo seus padrinhos Joaquim Álvares da Nóbrega e Francisca Herculana da Nóbrega, representados por Francisco Tertuliano de Albuquerque e Raimunda Adelaide de Saboia Albuquerque, do que para constar fiz este termo que assino. Con. Vigário Estevão José Dantas, encarregado da Freguesia".

PADRE FRANCISCO DE PAULA SOARES DA CÂMARA

Padre Francisco de Paula Soares da Câmara, nasceu em Natal, no dia 7 de junho de 1829, filho do Joaquim Soares Raposo da Câmara e Josefa Francisca Soares da Câmara. Fez em Natal os primeiros estudos, que foram continuados no Seminário de Olinda e aí foi ordenado sacerdote pelo bispo diocesano dom João da Purificação Marques Perdigão. A data de sua ordenação é desconhecida, porém, em 1858, se encontra pela primeira vez o seu nome na administração do

sacramento do batismo, na Matriz da paróquia de Nossa Senhora da Apresentação em Natal. Fez parte do magistério público da Província, com uma escola primária em Macaíba, nomeado a 18 de junho de 1856. Ocupou em 1858, o cargo de coadjutor da paróquia d'Apresentação, no tempo do vigário colado padre Bartolomeu da Rocha Fagundes. Fez parte também da Assembléia Legislativa Provincial, sendo deputado no biênio 1864-65. Era membro da Maçonaria de Natal, quando surgiu a Questão Religiosa, no governo episcopal do bispo dom Vital de Oliveira, que também foi atingido pelo ato diocesano, na suspensão das ordens sacras, em 1873. O padre Francisco de Paula Soares da Câmara, faleceu em Natal, no dia 21 de fevereiro de 1879 contando nesse tempo 50 anos de idade e mais de 25 anos de sacerdote. Foi sepultado no Cemitério público do Alecrim.

Nos livros 4 — fls. 74v. de batismos e 4 — fls. 31 de óbitos, do arquivo paroquial da Catedral, encontram-se estes termos:

> "Francisco — filho de Joaquim Soares Raposo da Câmara e Josefa Francisca Soares da Câmara, branco, moradores nesta freguesia, foi batizado na Matriz pelo Reverendo Vigário Feliciano José Dornellas, a 26 de julho de 1829, nasceu a 07 de junho de 1829, padrinhos José Pereira de Azevedo e sua mulher d. Maria da Apresentação Soares da Câmara e para constar fiz este assento que assino. Bartolomeu da Rocha Fagundes, vigário colado".

> "Aos vinte e um de fevereiro de mil oitocentos e setenta e nove, faleceu da vida presente, o Padre Francisco de Paula Soares da Câmara, com cinquenta anos de idade, foi sepultado no Cemitério Público e recebeu o sacramento da Extrema Unção e foi encomendado por mim. Padre José Hermínio da Silveira Borges, Vigário encomendado".

PADRE FRANCISCO DE SALES SOARES

Padre Francisco de Sales Soares, nasceu no dia 29 de janeiro de 1887, no sítio Independência, na época pertencente ao município de Nova Cruz e no presente é de Santo Antonio. Filho de Manoel Francisco Soares e Alexandrina Alci-

na Soares. Os seus pais residiam em Nova Cruz, até o ano de 1897, quando então se transferiram para São José de Mipibu. Francisco matriculou-se no Seminário da Paraíba e aí deu início aos seus estudos. Cursava filosofia, quando resolveu deixar o Seminário da Paraíba e em março de 1906, com outros companheiros, seguiu para Teresina, no Piauí com dom Joaquim Antonio de Almeida, que como bispo eleito lá, tomar posse do bispado. Em 1910, já era clérigo menorista e a 25 de dezembro do mesmo ano, recebeu a ordenação sacerdotal, na Catedral de Teresina, no Piauí, ordem que lhe foi conferida pelo bispo diocesano, dom Joaquim de Almeida. Na diocese do Piauí, o padre Sales foi vigário da paróquia de Piracuruca. No ano de 1931, mudou-se para a Arqüidiocese de Belém do Pará e nessa Arquidiocese o padre Sales foi vigário da paróquia de Quatipuru e depois passou para a de Capanema. Na paróquia de Capanema o padre Sales, se demorou vinte e um anos, momento em que construiu a Igreja Matriz, grande e bonita. No dia 12 de dezembro de 1952, achava-se o padre vigário em visita de seu ministério paroquial, no interior da paróquia de Capanema, quando repentinamente regressou à sede da paróquia já combalido e agravando-se mais os incômodos, foi levado para a Santa Casa, de Belém e aí, piorando ainda mais, esteve presente o Arcebispo, que deu os sacramentos, que os recebeu em plena lucidez, aceitando em tudo a vontade divina. Faleceu a 16 de dezembro de 1952 e contava 65 anos de idade e 42 de sacerdote. O sepultamento foi em Capanema, cidade onde o extinto era vigário. O Arcebispo de Belém, comunicou por telegrama ao vigário de Nova Cruz, o falecimento do padre Sales, donde era natural o sacerdote desaparecido.

MONSENHOR FRANCISCO SEVERIANO DE FIGUERÊDO

Monsenhor Francisco Severiano nasceu a 9 de novembro de 1872, na Palma, Caicó. Filho de Luiz Emiliano de Figuerêdo e de d. Izabel Maria de Jesus. Iniciou os seus estudos no Seminário de Olinda e em 1894 quando foi fundado o Seminário da Paraíba, fez sua transferência para esse Seminário. O bispo diocesano, Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques, lhe conferiu todas as Ordens, inclusive a Tonsura clerical, nas datas seguintes: Tonsura a 28 de outubro de 1894, subdiaconato, a 14 de novembro de 1897 e o Presbiterato, a

6 de novembro de 1898. Ocupou primeiramente o cargo de Vigário do Acarí em 1899 e aí permaneceu até 1901. Diretor Espiritual do Seminário em 1905. Vigário Interino da paróquia de Nossa Senhora da Apresentação, em Natal, de 1905 a 06. A 8 de agosto de 1905 recebeu o título de Cônego do Cabido da Catedral de N. S. das Neves, sendo efetivo no cargo de Cônego Penitenciário e em 1913 é cônego Arcediágo do Cabido. Em 1917, é vigário da paróquia da Catedral de Nossa Senhora das Neves. Professor do Liceu Paraibano e do Colégio Diocesano Pio X, aposentando-se em 1932. Foi redator e colaborador da Imprensa. Monsenhor Camareiro do Santo Padre Pio X, em 1912. Vigário da paróquia de Esperança em 1932. Pesquisador da história religiosa deixou trabalhos indispensáveis para o estudo do desenvolvimento das instituições católicas, na Paraíba e no Rio Grande do Norte Publicou os seguintes livros: Diocese da Paraíba. Anuário Eclesiástico da Paraíba. Gramática Latina e alguns folhetos contendo sermões e assuntos de divulgação católica. Faleceu a 23 de março de 1936, no Hospital Santa Izabel, em Salvador, Bahia, sendo sepultado na mesma cidade.

PADRE FREDERICO AUGUSTO RAPOSO DA CÂMARA

Padre Frederico Raposo da Câmara era norteriograndense, natural do Ceará Mirim, onde nascera no ano de 1838, filho do Tenente Coronel José Lucas Soares Raposo da Câmara e de Maria Leonor Soares Raposo da Câmara. Os estudos primários foram feitos no Ceará Mirim e depois, no Seminário fez os estudos superiores. Foi ordenado sacerdote a 2 de março de 1871. Não sabemos que cargo eclesiástico ocupou depois de sua ordenação de 1871 a 81, porque só de 11 de setembro de 1882 até 1890 foi vigário do Ceará Mirim, lugar assumido pelo falecimento do vigário colado, da mesma paróquia, padre José Alexandre Gomes de Melo. Deixando a paróquia de Ceará Mirim, passou então a exercer o mesmo cargo na freguesia de Touros, aí permanecendo nos anos de 1890 até 1900, quando deixou o paroquiato por motivo de saúde. No biênio de 1888 — 89 teve assento na Assembléia Legislativa Provincial, não continuando no referido mandato, devido a mudança de regime, com a proclamação da República. O padre Frederico sentindo-se doente veio para o Ceará Mirim, para o meio de sua família. e agravan-

do-se mais os seus incômodos de saúde, faleceu a 7 de novembro de 1900, com 62 anos de idade e 29 de sacerdote. Estão no Cemitério da cidade do Ceará Mirim, os restos mortais do padre Frederico Augusto Raposo da Câmara. O jornal de Natal o "Oito de Setembro", edição do dia 16 de novembro de 1900, publicou o seguinte: "Depois de alguns anos de sofrimento passou desta a melhor vida o nosso patrício Revmo. Frederico Augusto Raposo da Câmara, que se achava na administração da paróquia de Touros. Seu óbito deu-se no Ceará Mirim a 5 do corrente, tendo encomendação solene no dia seguinte e no 7.º dia foram celebradas exéquias solenes, a que assistiram cinco Irmãos sacerdotes e mais clérigos nossos. Sinceros pêsames à sua ilustre Família. Requiem eternam dona eis Domine".

Em um dos livros de óbitos, da paróquia do Ceará Mirim do ano de 1900, está registrado este termo:

"Aos sete de novembro de mil novecentos, no Cemitério público desta cidade de Ceará Mirim sepultou-se o cadáver do vigário Frederico Augusto Raposo da Câmara, amortalhado em hábito sacerdotal, (paramento preto) faleceu sem se haver confessado, tendo sido ungido, foi encomendado. Era vigário da Freguesia de Touros, mas faleceu nesta cidade com a idade de sessenta e dois anos, de inflamação do fígado, era filho legítimo de Tenente Coronel José Lucas Soares Raposo da Câmara, já falecido e dona Maria Leonor Soares Raposo da Câmara, do que mandei fazer este termo que me assino. Vigário Marcos Aprígio de Souza Santiago".

PADRE GONÇALO BORGES DE ANDRADE

No número dos padres que se envolveram no movimento de 1817, estava o padre Gonçalo Borges de Andrade, natural da Serra do Martins, onde nasceu em 1778. Filho de Vicente Borges de Andrade e Maria de Jesus Martins, mais conhecida pelo apelido de Nãna. Na sua família havia outros dois padres: Cosme Damião Fernandes Pimenta, natural de Martins e que fora vigário no Açu, irmão do padre Gonçalo, e João Francisco Pimenta, irmão de Maria de Jesus, mãe do padre Gonçalo. Ordenado sacerdote em 1815, não exerceu o ministério paroquial, nem de vigário, nem de coadjutor, pois o seu nome não consta em paróquia alguma

e sim, simples Capelão em Martins, antes desse lugar tomou o título de paróquia. Aderiu ao movimento republicano de 1817, em Portalegre, sendo morador em Martins. Denunciado de sua participação no movimento e sabendo que seria preso, fugiu rumando para a Província vizinha, a Paraíba, sendo alcançado na vila de Souza, quando teve ordem de prisão, a 13 de junho do mesmo ano. Conduzido para os cárceres da Bahia a 6 de março de 1818, foi pronunciado a 13 de setembro ainda de 1818. No momento de fazer a sua defesa, a 6 de março de 1819, negou tudo, inocentando-se e para isso alegou que desde 1817 estava ausente de Martins, com permanência na fazenda do padre Antonio José Alves, distante 8 léguas de Martins. Foi perdoado a 6 de fevereiro de 1818, porém só teve aviso a 2 de outubro de 1820, continuando assim mesmo preso, até 17 de novembro de 1820, quando foi liberto. Candidatou-se deputado às Cortes de Lisboa, na eleição de 2 de dezembro de 1821, realizada na Matriz de N. S. da Apresentação, tendo por companheiros o padre Montenegro, de Goianinha e Afonso de Albuquerque Maranhão. O padre Gonçalo foi eleito suplente, mas, nenhum dos três foi empossado, por desistência do cargo. Não é sabido a data do falecimento do padre Gonçalo. Não consta no Conselho do Governo, nem no Conselho Geral do Governo dos quais ele era membro, pode ter morrido.

CÔNEGO GREGÓRIO FERREIRA LUSTOSA

Era paraibano, o Cônego Gregório Lustosa, natural de Patos, na Paraíba, onde nascera no ano de 1818. Deixou a sua terra, quando tinha 25 anos de idade. Ordenado sacerdote a 18 de fevereiro de 1842 e a 24 do mesmo mês e ano, foi nomeado vigário encomendado, em São José de Mipibu, pelo bispo diocesano Dom João da Purificação Marques Perdigão. Em 1844 fez concurso, quando então foi aprovado e recebeu o diploma de vigário colado de São José, a começar de 1845, e nessa paróquia ficou até o fim de sua vida. Um dos maiores trabalhos que teve de enfrentar em sua paróquia foi em 1853, quando a igreja primitiva servindo de Matriz, teve quase todo o seu edifício demolido para construção de uma igreja de maior proporção, para melhor acondionamento dos fiéis. Todo trabalho foi dirigido pelo vigário, que contou com o auxílio do governo da Província e as esmo-

las do povo. O governo da Província fez doação para as obras da Matriz na quantia de um conto e trezentos mil réis — 1.300$ as esmolas dos fiéis subiram a três contos duzentos e dezesseis mil e novecentos e noventa réis 3.216$99$rs. no total das despesas em quatro contos quinhentos e dezesseis mil novecentos e noventa réis — 4.216$990rs. A Matriz de São José de Mipibu se tornou assim, uma das mais amplas igrejas católicas da Província, tudo isto graças a ação de coragem e dedicação do Vigário. Necessitando o Cônego Gregório de um auxiliar devido a extensão do território da paróquia e aumento da população, lhe foi dado um padre para coadjutor na pessoa de Antonio Xavier de Paiva, que firmou residência no povoado Vera Cruz, sua terra natal e ai permaneceu até a morte do Cônego Gregório, quando sucedeu no governo da Paróquia, em 1894. Exerceu o mandato de deputado da Assembléia Legislativa Provincial no biênio de 1868 — 69. Duas vezes esteve encarregado da regência da paróquia de Papari, nos anos de 1842 a 43 e de 1847 a 49, com o título de Pró-Pároco e em São José de Mipibu, fora vigário cinquenta e dois anos. Foi agraciado com a nomeação de "Cavaleiro da Ordem de Cristo e o de Cônego Honorário da Capela Imperial". Faleceu em São José de Mipibu, a 11 de agosto de 1894, com a idade de 76 anos e 52 de sacerdote, sendo sepultado no Cemitério local. No arquivo paroquial de São José de Mipibu está o termo de Óbito do Cônego Gregório que diz assim: "Aos onze de agosto de mil oitocentos e noventa e quatro, no Cemitério desta cidade, sepultou-se o cadáver do Reverendíssimo Vigário desta Freguesia, Cônego Gregório Ferreira Lustosa, de idade de setenta e seis anos, do que mandei fazer este assento, que assino.

Vigário Antonio Xavier de Paiva".

Por ocasião do seu falecimento, o jornal "A República" publicou o seguinte: "Cônego Gregório Lustosa, faleceu a dez de agosto de 1894, com 77 anos e 52 de pároco em São José de Mipibu. Veio da Paraíba onde nasceu com 25 anos. Coração bem formado; e uma honradez à toda prova, filho dedicado a Igreja, deixou a Terra para ir gozar no céu, Cônego da Capela Imperial e Comendador da Ordem da Rosa. Respeitado por suas qualidades não se poupando em levar o conforto aos infelizes, era sua abnegação a causa que abraçara, o seu trato íntimo era finalmente ser Pároco de uma freguesia populosa pelo longo espaço de 52 anos e não ter deixado um só desafeto".

CÔNEGO IDALINO FERNANDES DE SOUZA

Cônego Idalino Fernandes, era norte-rio-grandense, nasceu no Açu no dia 15 de julho de 1842 e foi batizado no mesmo ano do seu nascimento, a 15 de agosto, na matriz local, oficiado pelo padre coadjutor da paróquia Francisco Urbano de Albuquerque Montenegro. Cônego Idalino era filho de Manoel Fernandes de Souza e Quitéria Rosa de Souza. Os seus primeiros estudos foram feitos no Açu e o curso superior no Seminário de Olinda, onde recebeu a ordenação no dia 10 de novembro de 1865, pelo bispo diocesano dom Manoel do Rego Monteiro. Celebrou a primeira Missa na Matriz do Açu, a 20 do mesmo mês e ano de sua ordenação. No ano seguinte, em 1866, esteve no cargo de capelão, em Florânia, antiga Flores, então pertencente a paróquia do Acari e aí no dia do natal do Senhor fez a bênção litúrgica, da capela local, dedicada ao mártir São Sebastião, que na atualidade é matriz paroquial. No mesmo tempo o Cônego Idalino teve sob sua direção a Capela de Santana de Currais Novos, também, do Acari. Deixando a capelania de Florânia, foi para o Açu, onde em 1872, esteve como coadjutor; de dezembro de 1873 a janeiro de 74, foi vigário em Arês. No paroquiato do padre dr. Manoel Soares de Amorim de 1875 a 79 no Jucurutu, o Cônego Idalino foi nesse tempo seu coadjutor, seguindo depois nos anos de 1881 a 86 para Goianinha, onde nesse período foi vigário. No biênio de 1884 a 85, foi deputado da Assembléia Legislativa Provincial, do Rio G. do Norte. No cargo de vigário de Goianinha, recebeu em 1882, a visita pastoral do bispo de Olinda, dom José Pereira da Silva Barros. De Goianinha se transferiu para a paróquia de São José da Agonia, em Água Preta, de Pernambuco, onde foi vigário colado. Era Cônego Honorário do Cabido da diocese de Olinda. Era vigário, em Água Preta, quando fez uma peregrinação a Roma e aí em consequência de uma operação cirúrgica, faleceu a 20 de outubro de 1905.

PADRE INÁCIO PINTO DE ALMEIDA CASTRO

Dos filhos do português Manuel Pinto de Castro e Francisca Antonio Teixeira, quatro seguiram a carreira sacerdotal. Inácio, Miguel, Manoel e José Joaquim. Inácio é

o mais velho na idade. Nasceu em Natal, a 30 de agosto de 1766. Concluído os seus estudos regulares, foi ordenado sacerdote, porém, não é conhecida a data certa da Ordenação; certo é, que foi em Olinda, porque ele viajou para Pernambuco em 1784 e voltou ordenado sacerdote, nessa época era bispo de Olinda dom Tomaz da Encarnação Costa, que pode ter sido o ordenante, que pode ter sido também dom Diogo de Jesus Jardim, em 1786. O padre Inácio, já em Natal, teve sua nomeação para a paróquia da Apresentação, no cargo de Coadjutor de 1792 a 94, sendo na mesma paróquia de 1794 a 96, pró-Vigário, na ausência do vigário colado padre Feliciano José Dornelas. Deixando de ser pró-vigário da Apresentação, deixou também Natal e fixou residência em Pernambuco, passando a ser vigário da paróquia de Santo Amaro de Jaboatão, permanecendo nessa paróquia até morrer, em 1827. Foi eleito Deputado às Cortes Constituintes e Legislativas de Portugal. Viajou para Lisboa e tomou parte nos trabalhos parlamentares e assinou a Constituição portuguesa a 23 de setembro de 1822. Foi eleito para a primeira legislatura brasileira de 1826 e 29, comparecendo a sessão de 1826 e não mais, porque no ano seguinte, 1827, deu-se o seu falecimento, com 61 anos de idade e mais de 40 de sacerdote. A sua amizade com o bispo de Olinda, dom José Joaquim de Azerêdo Coutinho diminuiu porque filiou-se à Maçonaria. Escolhido Visitador diocesano, por dom Azerêdo Coutinho, mesmo sendo vigário de Jaboatão, cumpriu bem o cargo visitando paróquias de sua jurisdição, tais como: Apodi, Portalegre, Caicó e outras, em 1809. No Caicó, em visita fez-se acompanhar do seu irmão padre, José Joaquim Pinto de Almeida Castro, o qual deixou escrito em livro próprio da Irmandade das Almas, que havia celebrado doze missas, por alma determinada da Irmandade, na razão de doze vinténs cada uma. No livro de Tombo de Caicó, por ocasião da visita diocesana, deixou escrito no cabeçalho da ata da visita, sua identidade: "Padre Inácio Pinto de Almeida Castro, presbítero secular, vigário confirmado na paroquial igreja de Santo Amaro de Jaboatão, visitador geral e Delegado do Crisma dos Sertões baixos do norte". Como vigário deu provas de zeloso pastor, possuído de amabilidade e compaixão para com as suas ovelhas. Inteligente, de maneiras afáveis e dedicação, lhe conquistara de seus paroquianos, respeito e consideração.

1- Obs.: o P. Dornelas foi nomeado em 1796.

PADRE IRINEU OTÁVIO DE SALES E SILVA

Do número de sacerdotes filhos de São José de Mipibu, está padre Irineu Sales, que teve seu nascimento a 25 de março de 1874, batizado pelo padre João Paulino de Aguiar no engenho Porteiras e filho do dr. Horácio Cândido de Sales e Silva e Ana Vivina de Sales e Silva. Os estudos primários foram feitos em São José de Mipibu e no Seminário da Paraíba fez o curso secundário e também todo o curso superior, de filosofia, direito canônico e as teologias moral e dogmática. Recebeu a Tonsura clerical em 1894; ordens Menores, em 1896; subdiaconato, em 1897; diaconato em 1898. Ordenado sacerdote, pelo bispo diocesano dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques, a 6 de novembro de 1808, na Catedral de Nossa Senhora das Neves, na Paraíba, celebrando a sua primeira Missa, a 20 do mesmo mês e ano na Matriz de São José de Mipibu. Vigário de Papari, atual Nísia Floresta, foi o lugar escolhido para início do Ministério paroquial, permanecendo aí de 1899 a 1900 e depois deste tempo foi para Macau, e aí esteve apenas dois meses. Vago a paróquia do Açu, quando o vigário colado Cônego Estevão Dantas, foi para a diretoria do Colégio Santa Luzia de Mossoró, o padre Irineu assumiu a paróquia com o título de pró-pároco de 1902 a 04 e então em 1905 passou a vigário de Touros. Tornou-se a Papari quando se demorou de 1906 a 10, do mesmo tempo que estava em Papari, foi vigário de Arês de 1908 a 10. Auxiliar do padre João Maria somente dois meses, em 1900 e seguiu para Nova Cruz de 1911 a 12. Veio pertencer a diocese de Natal, em 1913 pela excardinação da Arquidiocese paraibana, tendo por motivo de saúde somente uso de ordens, até que sentindo-se doente viajou ao Rio de Janeiro em procura de melhoras e dado algum tempo, sem resultado algum de saúde e vendo que estava piorando regressou a Natal residindo com o senhor bispo dom José Pereira Alves, na Chácara do Tirol. Não sendo possível residir mais com o senhor Bispo, por estar alterado das faculdades mentais e havendo assim perigo para o senhor Bispo, por fato de ameaça física, foi então o padre internado no antigo Hospicio de Alienados, no bairro do Alecrim. A 5 de dezembro de 1929, depois de alguns anos internado no Hospital de Alienados, veio a falecer, no mesmo estabelecimento de saúde. Sepultado no Cemitério do Alecrim e aí estão os seus restos mortais.

Quando faleceu, o padre Irineu tinha 55 anos de idade e 31 de sacerdote e todo o tempo de padre dedicou todo no Rio Grande do Norte.

PADRE ISIDORO GOMES DE SOUZA

Padre Isidoro era paraibano, salvo engano, na terra da cidade de Souza, porém, era considerado mais norte-rio-grandense, que paraibano, porque como sacerdote viveu todo seu tempo, servindo a Igreja do Rio G. do Norte e os seus dias se findaram em território rio-grandense. Não se conhece a data de seu nascimento, porém, sabe-se que seus pais chamavam-se Reinaldo Gomes e Inácia Maria de Souza. Os seus primeiros estudos devem ter sido na cidade de seu nascimento e prosseguidos os demais estudos, até chegar ao Seminário. Foi ordenado sacerdote a 13 de janeiro do mesmo 1866, em Fortaleza, no Ceará, pelo primeiro bispo do Ceará, dom Luís Antonio dos Santos, que governou a diocese cearense de 1861 a 81. Vindo para o Rio G. do Norte, o padre Isidoro se fixou no povoado de Parelhas, no cargo de cura do referido lugar e ao mesmo tempo coadjutor de Jardim do Seridó, servindo de auxiliar do primeiro vigário do Jardim do Seridó, padre Francisco Justino Pereira de Brito, que faleceu no Jardim do Seridó, em 1871. Com o falecimento do vigário referido, o padre Isidoro, no mesmo 1871 se tornou vigário do Jardim, substituindo o padre José Modesto, que assumira o governo da paróquia em poucos meses, com o falecimento do vigário do Jardim do Seridó, seu irmão padre Justino. O padre Isidoro esteve no cargo de 1871 a 83. Transferido para vigário de Touros, aí permaneceu de outubro de 1883 a 14 de fevereiro de 1895, quando faleceu. O padre Isidoro, faleceu em Touros, no cargo de vigário e foi sepultado na própria Matriz de Touros, bem próximo do altar do Coração de Jesus. Um jornal de Natal, em 1895, publicou o seguinte:

> "Padre Isidoro — tão modesto quanto distinto, o vigário Isidoro baixou ao túmulo sem outro cortejo que as lágrimas sinceras que ao despedirem-se dele, que empreendia a suprema viagem, e a qual nunca se volta, vertilhão os seus filhos em Jesus. Ordenado sacerdote a 28 de janeiro de 1866, em Fortaleza, sendo nomeado coadjutor da freguesia de Jardim, daí para

Touros, onde permaneceu até 7 de fevereiro de 1895, onde deu a alma ao Altíssimo. Era paraibano de nascimento e riograndense de coração".

PADRE JOÃO CARLOS DE SOUZA CALDAS

Não se conhece documento algum notificando as datas de nascimento e de ordenação do padre João Carlos de Souza Caldas. Calcula-se que ele tenha nascido em 1808 em Natal e a sua ordenação sacerdotal tenha sido no ano de 1834, porque em 1832, num batizado feito na Matriz d'Apresentação pelo padre Antonio Garcia de Almeida, em que João Carlos foi padrinho, o assento não faz menção do título de padre e sim, de 1834 em diante nos registros lê-se padre João Carlos. O atestado de óbito omite a idade que ele deveria ter quando faleceu. É certo também, que não foi vigário em paróquia alguma, nem mesmo a ocupação de coadjutor, mas, sem nomeação, quando se fazia preciso de seu auxílio junto ao vigário d'Apresentação, nas capelas de Ferreiro Torto ou São Gonçalo, o padre João Carlos batizava. O seu maior interesse foi pelo magistério escolar. Em 1835, em Natal, no bairro da Ribeira, o padre era professor primário com uma escola, na qual estavam matriculados 24 alunos. Em 1845, foi convidado para no Atheneu ensinar latim, quando exigiu o ordenado de quatrocentos mil réis por ano. Viveu sempre em Natal, sendo na época, dono de escravos. Faleceu em 1867, em Natal e foi o primeiro padre sepultado no Cemitério do Alecrim, os falecidos antes de 1856, data da construção do referido cemitério, foram sepultados na igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação. No arquivo da Catedral de Natal, no Livro 3 — fls. 41 v. está o assento de óbito do padre João Carlos, que diz assim: Aos dois de agosto de mil oitocentos e sessenta e sete, faleceu da vida presente com o sacramento da extrema unção o padre João Carlos de Souza Caldas, morador nesta Freguesia, foi sepultado no Cemitério público e logo encomendado pelo padre coadjutor Bartolomeu Fagundes de Vasconcelos. E para constar fiz este assento o vigário Bartolomeu da Rocha Fagundes, vigário colado".

A família Souza Caldas, no Rio Grande do Norte é grande, não só em Natal, como também no interior. Como membros da proeminência, na família Souza Caldas, no pas-

sado podemos numerar o tenente José Antonio de Souza Caldas, Joaquim Guilherme de Souza Caldas e muitos outros que se distinguiram no meio social e político do Rio Grande do Norte.

PADRE JOÃO ALÍPIO DA CUNHA

Natural de Goianinha, o padre João Alípio da Cunha, nasceu a 23 de junho de 1835, filho do coronel Antonio Galdino da Cunha e de Ricarda Oliveira da Cunha. Era o padre João Alípio, sobrinho do padre João Jerônimo da Cunha, residiam ambos no engenho Bosque, no município de Goianinha, onde também faleceram. O padre João Alípio cursou o Seminário do Maranhão, sendo ai ordenado sacerdote em 1862, onde deu início no ministério paroquial. Vindo para o Rio Grande do Norte, foi-lhe entregue a paróquia da Serra de São Bento de 1866 a 68, até que, por um ato do poder Legislativo que transferiu a sede da paróquia de São Bento para Nova Cruz, o padre João Alípio se torna o primeiro vigário de Nova Cruz de 1868 a 72. No tempo de vigário em Nova Cruz, teve um coadjutor na pessoa do padre Manoel Joaquim da Silva Chacon. Deixou Nova Cruz e foi para São Gonçalo e ai esteve sendo vigário de 1875 a 78 e só no ano de 1876 regeu também a paróquia de Macaíba, interinamente. Com a saída do padre Manoel Borges de Goianinha em 1882, que era vigário Colado, o padre João Alípio assume provisoriamente o lugar vago com o título de pró-pároco. Sendo o padre João Jerônimo, figura de alcance na política do município de Goianinha, fez com que o seu sobrinho padre J. Alípio tivesse assento na Assembléia Legislativa Provincial em dois biênios: 1868-69 e de 1884 a 85. De 1912 a 17 o padre João Alípio não mais ocupou cargo paroquial, ficando avulso e numa capela particular onde residia no casarão do engenho Bosque, aí celebrava Missas e batizados quando procurado, tendo da diocese a provisão de uso de ordens. Em 1918 por motivo de idade e doença, não podendo mais celebrar, não teve mais uso de ordens, até que a 16 de dezembro de 1921 faleceu e foi sepultado no Cemitério de Goianinha, lugar onde ainda se encontram os seus restos mortais. Todos os pertences da Capela do Bosque, após a morte do padre Alípio foram doados à Matriz de Goianinha. O padre João Alípio não teve ação na política, exerceu o mandato de deputado no período monár-

dúico e terminado, não mais quis continuar. A sua vida foi mais dedicada ao serviço da Igreja, como vigário de várias comunidades paroquiais. Como sacerdote, tinha bom preparo intelectual, de maneira que na visita pastoral do bispo de Olinda a Goianinha, Dom José Pereira da Silva Barros, foi o padre João Alípio que o saudou em nome da Paróquia.

CÔNEGO JOÃO CRISÓSTOMO DE PAIVA TORRES

O Cônego João Crisóstomo era da Serra do Martins, onde nasceu no ano de 1825. Estudou as primeiras letras na sua terra natal, tornando-se depois aluno do Seminário de Olinda e ai fez todo o curso de filosofia e teologia. Concluído o curso teológico, recebeu as Ordens. Foi ordenado sacerdote no ano de 1847 na Catedral de Olinda, sendo o presbiterato conferido pelo bispo diocesano Dom João da Purificação Marques Perdigão. Após a ordenação sacerdotal, teve a sua primeira nomeação para o cargo de coadjutor da paróquia de Martins, em 1848 no paroquiato do padre Antonio de Souza Martins, primeiro Vigário colado dessa paróquia. Pouco se demorou o padre João Crisóstomo, no Rio Grande do Norte e não consta ter exercido o ministério paroquial em paróquia alguma, apenas em Martins no cargo de coadjutor, sua terra natal. Em 1870, se transferiu para a sede do bispado, onde teve o título de Cônego do Cabido da Catedral de Olinda. Fundou o Jornal denominado "Santa Cruz", que era semanário. Em 1872, foi nomeado Visitador diocesano, cargo que lhe foi confiado pelo bispo dom Vital. Dom Vital foi sagrado bispo de Olinda, em São Paulo a 17 de março de 1872 e como não foi possível vir logo após a sagração tomou posse do bispado, mandou procuração a 2 de abril do mesmo ano, ao Cônego João Crisóstomo, para tomar posse em seu nome, que foi realizada a 22 do mesmo mês e ano. Dom Vital, pessoalmente assumiu o governo da diocese a 24 de maio do mesmo 1872. Foi no seu governo, na diocese de Olinda, que surgiu a chamada "Questão Religiosa", que por motivos surgiram antes fatos contrários à disciplina da Igreja, o bispo proibiu participarem das Irmandades religiosas, aqueles que estavam inscritos na Maçonaria. Com o movimento levantado pela Maçonaria contra dom Vital, resultou a sua prisão juntamente com o bispo do Pará, dom Macêdo Costa, levados para o Rio de Janeiro, onde ficaram detidos. Ausen-

tando-se de sua diocese, dom Vital confiou o govêrno da diocese ao Cônego João Crisóstomo de Paiva Torres, recebendo o título de Governador do bispado. Com o prolongamento da ausência do bispo, o cabido diocesano da Catedral, elegeu o Cônego João Crisóstomo, vigário Capitular. Com a invasão dos Estados Pontifícios, o Cônego João Crisóstomo, enviou um ofício aos vigários lamentando o que havia ocorrido com o Santo Padre Pio IX e pedia ao clero que concorresse com o seu óbolo de qualquer tamanho, para ajudar as dificuldades do Papa. O Cônego João Crisóstomo, faleceu no ano de 1874, no interior da diocese, no lugar Igaraçu, contando apenas 49 anos de idade, e 27 de sacerdote.

PADRE JOÃO DAMASCENO XAVIER DANTAS

Padre João Damasceno Xavier Dantas, também conhecido pelo nome João Damasceno Xavier Ribeiro Dantas, é natural de São José de Mipibu, onde nasceu no ano de 1805, filho do Tenente Estevão José Ribeiro Dantas e Maria Joaquina de Souza Oliveira. Não confundir com o padre João Damasceno Xavier Carneiro, paraibano, que foi mártir da revolução de 1817. O padre João Damasceno Ribeiro Dantas, era irmão legítimo do padre Joaquim Severiano Ribeiro Dantas, que serviu na guerra do Paraguai e foi grande latinista. Não é conhecido em que Seminário estudou, Olinda, ou São Luís do Maranhão. Também, não se tem a data certa de sua ordenação sacerdotal, mas, julga-se ter sido nos anos de 1835 a 39, porque em dezembro de 1834 ainda não era ordenado. Em 1839 o seu nome aparece no serviço paroquial em Ceará Mirim, até 1840. Vamos encontrar em São José de Mipibu nos anos de 1843 a 47. Tornou ao Ceará Mirim, onde esteve de 1847 a 66, servindo de Capelão em Taipu, que era da paróquia do Ceará Mirim. Depois de tantos anos de serviço paroquial, resolveu deixar Taipu e foi para São José de Mipibu e aí velho e doente, faleceu em 1867. No 2.º Cartório de São José de Mipibu, está o seu inventário feito em 1867, no mês de dezembro, que para a época era um homem rico, de muitos bens. Eis aqui o conteúdo do inventário:

— par de fivelas de ouro p/sapatos —	25.000
— 6 colheres de prata —	7.680
— Relógio de prata em uso	50.000
— Móveis	12.000

— 50 vacas — em Santana do Matos | 1.250.000
— 8 novilhotes | 96.000
— 16 garrotes | 128.000
— 50 novilhas de compra | 600.000
— 2 bestas paridas | 80.000
— 1 besta nova | 30.000
— 2 poldrestes | 40.000
— 2 cavalos | 100.000
— 50 vacas | 1.250.000
— mais 16 garrotes | 128.000

Mais gado nas fazendas: Cruzeiro, Santo Antonio, em Santana do Matos, Joazeiro do Cipó, no Seridó; em São José e fazenda Curral Velho —

— 4 escravos no valor de | 4.800.000
— credores vários | 5.933.000

Custas do inventário:

Juiz escrivão, avaliações, etc. | 67,248
Bens de raiz | 1.350.000

O padre João Damasceno Xavier Dantas, foi membro ilustre da família Ribeiro Dantas, de São José de Mipibu, em cuja família se distingue, além do padre Joaquim Severiano, Antonio Basílio Ribeiro Dantas, que por quatro vezes governou a província do Rio G. do Norte, professor José Ribeiro Dantas, dr. Francisco Ribeiro Dantas e Estevão Ribeiro Dantas, todos irmãos do padre João Damasceno. Na família Ribeiro Dantas não pode ser esquecida e mais perto de nós, a pessoa do Cônego Estevão José Dantas, professor e diretor que foi do Ateneu Norte-riograndense, poeta e grande latinista, falecido em 1929.

PADRE JOÃO JERONIMO DA CUNHA

Padre João Jerônimo da Cunha, nasceu a 12 de julho de 1813 e quanto ao lugar de seu nascimento deve ter sido no antigo Papari, atual Nísia Floresta, porque foi aí que nasceu o seu irmão o Coronel Antonio Galdino da Cunha. A data de sua ordenação sacerdotal é ignorada, no entanto julga que tenha sido na década de trinta, em Olinda ou Maranhão. O ministério paroquial exerceu somente em Santa

Cruz, nos anos de 1836 a 42, depois de 1842, o padre João Jerônimo se dedicou muito à política da Província e ao mesmo tempo ao comércio de açúcar produto de seu engenho Bosque, no município de Goianinha. Ocupou uma cadeira de deputado na Assembléia Legislativa Provincial, no biênio 1852-53. Também administrou o município de Goianinha por duas vezes de 1853 a 56 e de 1861 a 64 e por muito tempo militou no Partido Conservador, na Monarquia. Sempre teve residência em Goianinha, no engenho Bosque, de sua propriedade, onde vivia em companhia de seu sobrinho, o padre João Alípio da Cunha. A campanha abolicionista fez com que os senhores de engenhos alforriassem os seus escravos, quando então o padre João Jerônimo deu liberdade aos escravos que possuia no seu engenho. Já em idade avançada conservou-se afastado das atividades políticas, de maneira que em Goianinha, a política muito deveu a sua influência. O padre João Jerônimo da Cunha, findou seus dias, no seu engenho Bosque a 26 de janeiro de 1902, com a idade de 89 anos. Foi sepultado no Cemitério da cidade de Goianinha e os seus restos mortais encontram-se atualmente, na igreja Matriz, juntos aos do seu irmão Antonio Galdino. Um jornal da época do seu falecimento, fez este comentário: "O seu engenho produzia grande safra de açúcar que era exportado para o Recife, através do porto de Canguaretama, tornando-se por esse comércio, um homem considerado dos mais ricos da Província, não só em cabedal monetário, como também, em propriedades e grande criador. Não foi um homem obscuro, pelo contrário, pelas suas qualidades e prestígio pessoais, desempenhou papel saliente na vida pública exercendo benéfica e incontestável influência no local de sua residência — Goianinha. Homem virtuoso, dotado de excelentes qualidades, o padre João Jerônimo era geralmente estimado. Como político do Partido Conservador, foi um dos mais valorosos chefes locais na zona do agreste. No Bosque torna-se célebre pela fidalga hospitalidade sempre alí praticada pelo venerando sacerdote".

CÔNEGO JOÃO EVANGELISTA DA SILVA CASTRO

Nasceu a 27 de dezembro de 1867, dia do Apóstolo São João Evangelista, em Macaíba. Seus primeiros estudos foram feitos na cidade de seu nascimento e os secundários em Recife. Na idade precisa para os estudos superiores, se-

guiu para Europa, em Roma, fez matrícula no Colégio Pio Latino Americano e concluídos, na Universidade Gregoriana bacharelou-se em Filosofia. A sua ordenação sacerdotal foi a 28 de maio de 1891, em Roma, na Basílica Maior de São João do Latrão. Regressando ao Brasil, veio direto para o Rio G. do Norte e aqui foi-lhe dado para o seu trabalho, no ministério paroquial, a paróquia de Ceará Mirim, no cargo de coadjutor, que tinha no cargo de vigário o padre José Paulino Duarte. Em Ceará Mirim, o padre João Evangelista se demorou por espaço de dois anos. Em 1894 saiu do Rio G. do Norte e foi para o Recife e lá teve nomeação para Cura da Sé de Olinda, ficando com o encargo de Maranguape e servindo também de professor de Filosofia no Seminário de Olinda e foi ocasião que veio marcar o título de Cônego Honorário do Cabido de Olinda, que lhe foi entregue em abril de 1894. Por espaço de três anos, de 1895 a 98, esteve como vigário de São José no Recife e findo esse tempo, foi para o interior de Pernambuco e na cidade de Garanhuns, foi o vigário, aí ficando nos anos de 1898 a 1900. Professor nos Seminários de Olinda e depois na Paraíba de 1904 a 09. Voltou para Natal em fevereiro de 1910 e a 2 do mesmo mês foi empossado no cargo de vigário de Nossa Senhora da Apresentação, cuja Matriz já gozava o direito de Catedral. Foi o Cônego Castro que fez uma pequena modificação na Velha Matriz de Natal, sendo de nota a adaptação do antigo consistório, na sacristia, para residência dos vigários. A sua posse de vigário foi a 2 de fevereiro de 1910 e a 10 de março de 1912, ano seguinte da posse, já não mais ocupava esse cargo, exonerado viajou para o Rio de Janeiro, onde se colocou como capelão do Convento de Santa Tereza. Teve também algum tempo em Belém do Pará. Foi sacerdote inteligente e culto, sabendo bem cumprir os seus deveres de ministro da igreja e onde esteve exercendo cargo, foi sempre acatado e respeitado por todos que o conheceram. No meio dos seus familiares era chamado pelo nome de "padre Juca". No dia 25 de fevereiro de 1926, terminou na terra a sua vida, no Rio de Janeiro, sendo sepultado no Cemitério de São Francisco Xavier, com 59 anos de idade e 35 de sacerdote.

PADRE JOÃO MARIA CAVALCANTE DE BRITO

Padre João Maria, nasceu na véspera de São João Batista, a 23 de junho de 1848, na fazenda "Logradouro", na

época pertencente ao município de Caicó e no presente, é do município de Jardim de Piranhas. Seus pais — Amaro Cavalcante Soares de Brito e Ana de Barros Cavalcante. No ano de 1848 residiam Amaro e Ana, na fazenda acima dito, levaram seu filho João Maria para ser batizado pelo padre Domingos Pereira de Oliveira, na capela de Jardim de Piranhas. Por informação oral, diz-se que o batizado foi em casa, na fazenda Logradouro, por exigência da avó d. Luciana, afim de evitar mudança do nome do menino, que era preferido — João Maria, em vez de Olinto, nome também escolhido. As primeiras letras foram-lhe ensinadas, na mesma fazenda, pelo seu próprio pai, que se fez professor de seus filhos, tendo João Maria apenas quatro anos de idade, para início de aprendizagem. Mudando de residência, os pais de João Maria passaram para a povoação de Jardim de Piranhas e aí o estudo do menino ficou a cargo do professor Manoel Pinheiro. Findo os estudos primários João Maria já com treze anos de idade, em 1861 se matriculou no Seminário de Olinda e aí fez os estudos do curso secundário e o de Teologia até o terceiro ano, recebendo aí as Ordens Menores. Os estudos teológicos foram concluídos no Seminário de Fortaleza no Ceará, sendo-lhe conferidas as ordens sacras nos dias marcados: subdiaconato a 6 de novembro, diaconato, a 19 e por fim, o presbiterato, a 30, tudo no mês de novembro de 1871. Todas estas ordens foram-lhe conferidas pelo bispo diocesano do Ceará, dom Luiz Antônio dos Santos. O padre João Maria celebrou a sua primeira Missa, na Matriz do Caicó, a 10 de dezembro de 1871, mesmo ano de sua ordenação. A sua primeira nomeação no ministério paroquial, foi para coadjutor de Caicó, quando era vigário da paróquia o Cônego Manoel Paulino de Souza. No cargo de coadjutor de Caicó, o padre João Maria tomou para residência, a povoação de Jardim de Piranhas, onde seus pais moravam e nesse povoado, além dos trabalhos espirituais, se dedicou também ao ensino, abrindo uma escola em sua própria casa. Após cinco anos de permanência em Jardim de Piranhas, passou ao cargo de Vigário de Santa Luzia do Sabugi, na Paraíba, em seguida no Acari. Fez concurso para Vigário de Papari, sendo aprovado, tornando-se vigário colado, em cuja paróquia esteve de 7 de agosto de 1878 até 1881. O vigário de Natal, padre José Hermínio da Silva Borges, por motivo de saúde propôs ao pe. João Maria a permuta das paróquias, que o bispo

dom Vital, aceitou a proposta. Padre José Hermínio passou a vigário de Papari e o padre João Maria em Natal, na paróquia de N. S. da Apresentação, paróquia única de Natal. A posse do padre João Maria foi a 7 de agosto de 1881. Em Natal o virtuoso sacerdote salientou-se na caridade e no zelo pelas almas. Atendia os chamados para confissão a qualquer hora, sendo o seu único meio de transporte o jumento e muitas vezes a pé. Fundou e dirigiu o jornal "Oito de Setembro" seminário cujo primeiro número saiu a 8 de setembro de 1897. Surgindo em Natal no ano de 1904, uma grande epidemia de Varíola, o padre João Maria desdobrou-se para atender as necessidades espirituais e corporais do seu rebanho. Em 1905, o Pe. adoeceu gravemente e confortado pelos sacramentos da Igreja, administrados pelo Pe. José Calazans Pinheiro, faleceu santamente a 16 de outubro de 1905. Ao seu enterro, toda a população de Natal, sem distinção de classe, acompanhou ao Cemitério o cadáver do seu Pastor que por espaço de 24 anos dirigiu os seus destinos espirituais. A 2 de novembro de 1916 os ossos do padre João Maria foram levados numa urna para o Cemitério, para um túmulo construído, onde haviam de ficar à veneração dos seus ex-paroquianos. A 7 de agosto de 1979 o túmulo do padre foi aberto com o consentimento do Arcebispo Dom Nivaldo Monte e uma parte dos ossos foram levados para a Matriz de N. S. de Lourdes e outra parte permanece no Cemitério. Onde está a Matriz de N. S. de Lourdes, antes foi o local da casa onde o padre João Maria faleceu. Na praça que tem seu nome, está um monumento com o busto em bronze, que foi festivamente inaugurado a 7 de agosto de 1919.

PADRE JOÃO MANOEL DE CARVALHO

Nasceu em Natal, o padre João Manoel de Carvalho, a 26 de dezembro de 1841, filho do Capitão João Manoel de Carvalho e Quitéria de Moura Carvalho. Os estudos primeiros foram iniciados em Natal e o curso superior de filosofia e teologia foram feitos no Seminário do Maranhão, sendo aí ordenado sacerdote no ano de 1865, tendo como ordenante o bispo diocesano dom Luís da Conceição Saraiva, que foi o 18.º Bispo de São Luís do Maranhão. Era ainda seminarista quando começou a escrever nos jornais, cola-

borando de modo literário nos jornais de Natal e do Rio de Janeiro. Fundador e diretor do periódico "O Recreio". No Rio fundou o jornal "Quinze de Julho" e em Natal foi proprietário da "A Gazeta de Natal". Como sacerdote, político, fixou-se ao Partido Conservador e foi um dos chefes desse partido, tornando-se assim uma das figuras de destaque na política da Província, nos tempos do Império. Teve assento na Assembléia Legislativa Provincial nos biênios de 1866-67; 70-71; e de 76-77. No biênio de 66-67, na Assembléia ocupou o lugar de 2.º secretário e em 1876 foi o vice-presidente da mesma. Nos últimos dias do Império, em plena Câmara deu viva à República. No ano de 1868 esteve dirigindo a Instrução pública. O padre João Manoel foi sempre notado como orador sacro, inteligência viva, generosa, de honestidade pessoal; grande jornalista. Como político, nos discursos, empregava palavras chúlas, descabidas, sem cerimônia alguma. Em um sermão da Semana Santa se aproveitou dizendo palavras ofensivas aos seus adversários, tornando-se temido e pronto na réplica. Esteve no Rio de Janeiro onde foi vigário da Candelária, no tempo que permaneceu nessa cidade e também foi vigário na cidade de Amparo, no Estado de São Paulo. Mesmo nas suas ocupações de vigário, escrevia nos jornais, usando termos fortes sobre figuras e fatos do tempo. Em 1894 publicou "Reminicências", sobre vultos e fatos do Império e República. Não dispensava um cabriolette última moda da Corte de dom Pedro II. Faleceu a 30 de maio de 1899, somando 58 anos de idade e 34 de sacerdote. Quanto ao lugar de seu falecimento é dito ter sido no Rio de Janeiro e se diz também, ter sido na cidade de Amparo, onde foi vigário. "O Diário de Natal", com data de 3 de junho de 1899, deu esta notícia muito reduzida:

Padre João Manoel de Carvalho, nasceu em Natal a 27 de dezembro de 1840, faleceu no Rio de Janeiro a 30 de maio de 1899".

PADRE JOÃO LEITE DO PINHO

Padre João Leite do Pinho, era natural de Natal, nascido no ano de 1801, filho do português Tenente Coronel Antonio José Leite do Pinho e Benedita Bernarda Antonia Rodrigues do Pinho. O Coronel Antonio Leite do Pinho era da

Milícia e fora assassinado em Natal, na noite de 15 de março de 1834, e foi motivo ter o Coronel se gabado de haver ferido à espada André de Albuquerque Maranhão. Um sobrinho de André, vingou a morte do tio. O padre João Leite fez em Natal os seus primeiros estudos e os maiores, no Seminário. Foi ordenado sacerdote pelo bispo diocesano dom João da Purificação Marques Perdigão. Não se tem a data certa de sua ordenação sacerdotal, devendo ter sido em 1839, porque a sua primeira nomeação foi para coadjutor de Extremoz, antiga sede paroquial. Nomeação que foi feita pelo bispo dom João Perdigão. No Extremoz, o padre João Leite esteve duas vezes, maio a dezembro de 1840 e de 1857 a 59. Depois de 1840, quando deixou Extremoz foi ocupar o lugar de coadjutor da paróquia de Nossa Senhora da Apresentação, em Natal, nos anos de 1841, e 42 no paroquiato do vigário colado padre Bartolomeu da Rocha Fagundes. Antes de tornar a ser coadjutor de Extremoz, pela segunda vez, foi em 1843 para São José de Mipibu onde foi pró-pároco por espaço de um mês. A paróquia de Paparí, mais conhecida atualmente por Nísia Floresta, aí o padre João Leite serviu de setembro a novembro de 1846, como pró-pároco, na substituição do vigário José Manoel dos Santos Brígido, no tempo que o vigário Brígido, estava nas funções de deputado Provincial.

No arquivo paroquial de Ceará Mirim, Livro n. 4, fls. 56 e registros de Óbitos, encontra-se este termo:

> "Aos dezessete de abril de mil oitocentos e setenta e três, no Cemitério público desta vila, sepultou-se o padre João Leite do Pinho, com a idade de setenta e dois anos, filho legítimo do finado Tenente Coronel Antonio José Leite do Pinho e de d. Bernarda Leite do Pinho. Foi solenemente encomendado e sepultado com hábito talar e paramentos da ordem de Presbítero, do que para constar fiz este assento que assino. O Vigário José Alexandre Gomes de Melo".

O padre João Leite do Pinho ao falecer tinha setenta e dois anos de idade e trinta e quatro de sacerdote.

PADRE JOÃO TEOTÔNIO DE SOUZA E SILVA

Outro sacerdote de grande prestígio na política da Província, foi o padre João Teotônio de Souza e Silva, vigá-

rio na freguesia de Santana do Matos, primeiro vigário colado, com permanência no cargo até o fim de sua vida. No Rio G. do Norte, foi Santana do Matos, a sua primeira e última freguesia. Paraibano, nasceu no ano de 1794. É ignorada a data de sua ordenação sacerdotal, que certamente deve ter sido nos Seminários de Olinda ou de São Luís do Maranhão. Foi muito de seu interesse e cuidado a criação da freguesia de Santana do Matos o que denota que antes da criação da freguesia, o padre João Teotônio já residia em Santana. No caso da criação da freguesia referida, conta-se o seguinte: O Alferes Antonio Viegas, preparou os documentos necessários para a criação da freguesia de Angicos e logo que foi possível enviou-os para a Corte no Rio. O Vigário do Açu, padre Joaquim José de Santana, sendo consultado a respeito, deu sua opinião favorável a ser freguesia a povoação de Santana do Upanema atual Augusto Severo e por isso Lopes Viegas foi ao Rio e lá adoecendo, querendo regressar, confiou e deu poderes ao Padre João Teotônio, que estava no Rio, para resolver. Quando foi feito e apareceu o Alvará do Príncipe Regente, estava criada uma freguesia com sede a escolha, entre os povoados de Angicos ou Santana. O copista do alvará de criação, em vez de dizer Santana do Upanema, por descuido escreveu só Santana. O padre João Teotônio, ao voltar do Rio em 1824, trazendo o alvará do Príncipe e vendo que só dizia Santana, então escolheu outra Santana, não mencionada, nem cogitada na ocasião, tornando sede de freguesia Santana do Matos ou Santana do Pé da Serra. Assim, por malícia ou má fé, nascera a freguesia de Santana do Matos. O padre João Teotônio foi nomeado vigário a 4 de março de 1822. Quando não havia a Assembléia Provincial, mas o Conselho Geral, da Província, o padre João Teotônio foi eleito para o Conselho Geral, a 18 de novembro de 1828. O Conselho tinha 13 membros eleitos pelo eleitorado de paróquia. A posse do padre Teotônio foi a 10 de janeiro de 1832, em Natal. Participou das sessões de 1833 e não apareceu mais. A sua eleição foi no Açu, que era o 2.º distrito a que ele pertencia. Foi vigário de Santana quase 50 anos e nesse espaço de tempo como vigário teve 8 padres coadjutores. Em 1835, votou pela extinção do município de Angicos, incorporando ao município do Açu, donde fora desmembrado. Essa perseguição ao município de Angicos, por parte do padre, foi só porque o município não fora criado na povoação de Santana. Nas eleições realizadas a 7 de setembro de 1840 para vereadores,

na Igreja Matriz, o padre João Teotônio não foi eleito, obtendo apenas 13 votos, quando o seu coadjutor padre Inácio Dâmaso Correia Lobo teve 96 votos, que foi eleito. Padre Teotônio pertenceu a Maçonaria; foi delegado do ensino em 1838, em Santana. Como vice presidente da Assembléia Legislativa Provincial, foi favorável à criação da freguesia de Santa Cruz. Findou a sua vida em Santana do Matos, no dia 27 de janeiro de 1876. Tinha a idade de 77 anos e 55 de vigário de Santana do Matos. Foi sepultado no cemitério da cidade.

No livro 3 — fls. 18v do arquivo paroquial de Santana do Matos, livro de óbitos, encontra-se este termo:

> "Aos vinte e sete de fevereiro de mil oitocentos e setenta e um, no cemitério público desta Vila foi sepultado o Reverendo Vigário desta Freguesia João Teotônio de Souza e Silva, com idade de setenta e sete anos, faleceu de morte súbita e foi sepultado em seu próprio hábito e encomendado por mim, do que para constar fiz este assento que assino.

Padre Manoel Jerônimo Cabral — Pró-pároco da Freguesia.

PADRE JOÃO URBANO DE OLIVEIRA

Outro padre filho do Ceará, que veio para o Rio. G. do Norte, dedicando-se inteiramente ao serviço paroquial, ficando aqui até o fim de sua vida, foi o padre João Urbano de Oliveira, nascido no lugar chamado Giqui, pertencente ao município cearense de União. O curso primário ou de primeiras letras, o padre fez na sua cidade natal, onde vivia com seus pais e depois foi matriculado no Seminário de Olinda, onde fez todos os estudos necessários para o sacerdócio, distinguindo-se filosofia e teologia. Em Olinda recebeu todas as ordens inclusive o sacro presbiterato, que lhe foi conferido pelo bispo diocesano dom João da Purificação Marques Perdigão, no dia 04 de julho de 1852. A sua primeira Missa foi celebrada a 15 de agosto do mesmo ano. Sua primeira nomeação foi para vigário de Patu e aí permaneceu até 7 de agosto de 1855, e de Patu passou a Mossoró, onde foi coadjutor do vigário colado padre Antonio Joaquim Rodrigues e em Mossoró ficou até 6 de setembro de 1880, quan-

do então se transportou para Natal ocupando na Capital, o cargo de capelão da Companhia de Aprendizes Marinheiros. Na sua primeira estada em Mossoró, teve a nomeação para delegado do ensino do distrito de São Sebastião, em 1859. Em Natal, teve ocupando a coadjutoria da paróquia de Nossa Senhora d'Apresentação, em 1884, sendo vigário o padre João Maria Cavalcanti de Brito. Deixando Natal em 1885, voltou para Mossoró e ai foi ser novamente coadjutor da paróquia, no paroquiato do mesmo pároco Antonio Joaquim, Assumiu o lugar a 15 de janeiro de 1885, e foi até 1894, quando se deu o falecimento do vigário colado. Desaparecendo o vigário Antonio Joaquim, o padre João Urbano de pleno direito, assumiu o lugar de vigário de Mossoró, e ai ficou por dez anos governando e dirigindo a paróquia de Santa Luzia. Com a idade avançada e saúde precária, em 1903 deixou de ser vigário e a 25 de junho de 1904 deixou de existir, falecendo em Mossoró com a idade completa de 80 anos e 52 de sacerdote. Está sepultado em Mossoró, lugar onde morreu e viveu maior parte de sua vida. A prefeitura de Mossoró, deu o nome do padre João Urbano, a uma de suas ruas, numa homenagem.

PADRE JOAQUIM FELIX DE MEDEIROS

No antigo povoado denominado São João do Principe, que fora parte do município do Caicó e tem atualmente o nome de São João do Sabugi, que desde 1948 foi desmembrado de Serra Negra do Norte, constituindo-se municipio, foi onde nasceu o padre Joaquim Felix, no ano de 1811. Seus pais José Barbosa de Medeiros, mais conhecido por Capitão Barbosa do Remédio e Rita Garcia de Sá Barroso ou Rita Maria Angélica. Onde viveu no seu tempo de menino, ai fez os estudos primários. No Seminário de Olinda, fêz o curso maior e depois foi para Salvador, na Bahia onde foi ordenado sacerdote. Na sua ordenação presbiteral o padre Joaquim Felix, teve como companheiro o padre Tomaz Pereira de Araújo, cerimônia litúrgica realizada a 17 de março de 1832, oficiada pelo Arcebispo Primaz, dom Romualdo Antonio de Seixas. Não se sabe porque o padre Joaquim Felix com o padre Tomaz Pereira de Araújo, foram ordenados na Bahia, quando o bispado de Pernambuco não estava vago, era ocupado por dom João da Purificação M. Perdigão desde 1830

Hai ainda vivo em 1877?

até 64. Nos anos de 1859 e 60 o padre Felix, fixou residência em S. João do Sabugi, com o encargo eclesiástico de coadjutor da paróquia de Serra Negra, no paroquiato de padre Manoel Salviano. Foi secretário do padre Francisco Justino Pereira de Brito, que como visitador diocesano, percorria as paróquias de sua jurisdição, isto em 1858. Exerceu em sua terra o magistério Escolar, construindo para sua escola, um prédio próprio e em 1866 era professor público da Província, do curso primário. Ocupou uma cadeira de deputado, na Assembléia Legislativa Provincial, no biênio de 1868 e 69. Na seca de 1877, devido a miséria de fome a que estava passando o povo de São João do Sabugi, resolveu ir para o Cariri, no Ceará e lá lhe ofereceram para comprar uma mulher escrava de nome Josefa, mas, pela falta de dinheiro, o padre Joaquim Felix escreveu ao seu pai, dizendo que se ele mandassem a quantia compraria a escrava e voltava para São João do Sabugi, mas que se não comprasse, não voltaria mais ao Sabugi. Comprada a escrava o padre Joaquim Felix voltou para sua terra e lá foi novamente professor, não saindo mais de São João e ai morreu no ano de 1870. Quando faleceu tinha 59 anos de idade e 38 de sacerdote.

MONS. JOAQUIM HONÓRIO DA SILVEIRA

É filho da terra do Sal — Macau, onde nasceu a 14 de janeiro de 1879 e na Matriz local, foi batizado, no mês de março, dia 2, pelo padre José Joaquim Fernandes, que era pró-pároco de Macau. Estudou o curso primário mesmo em Macau, em escolas particulares e daí deixou Macau e foi ser aluno do Seminário da Paraíba, fazendo matrícula no ano de 1895; ordens Menores, em 1899; subdiaconato em 1901 e no mesmo ano o diaconato; ordenado sacerdote a 9 de novembro de 1902 e todas as ordens Maiores foram conferidas pelo bispo diocesano — dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques. A Missa nova foi na Matriz de Macau a 8 de dezembro, justamente quando a paróquia estava de modo festivo, celebrando a festa de sua padroeira Nossa Senhora da Conceição. Iniciou o paroquiato na sua terra Macau e ai se demorou de 1903 a 913, regendo a freguesia de Angicos de de 1906 a 07. Vindo para Natal, foi vigário de Nossa Senhora da Apresentação de 1913 a 14, seguindo depois para o Açu, e ai esteve de 1914 até 1925. Depois de longo paroquiato

no Açu, de 11 anos, em 1926, veio para Natal como diretor do Colégio diocesano Santo Antonio e ao mesmo tempo capelão do Colégio Imaculada Conceição, investindo-se também no cargo de Reitor do Seminário de São Pedro. Em 1928, deixou tudo em Natal e por espaço de seis meses, de fevereiro a julho, foi vigário no Ceará Mirim. Saindo por transferência, o senhor bispo dom José Pereira Alves, de Natal para Niteroí do mesmo 1928, o padre Joaquim Honório, acompanhou o senhor bispo dom José, e na diocese fluminense teve no período que lá permaneceu, dez anos, de 1928 a 38, naquela diocese, vários cargos, fazendo-se notar: capelão da Vila Pereira Carneiro e de São Domingos; vigário de Bom Jardim; capelão da confraria de Nossa Senhora da Conceição; capelão do Asilo Santa Leopoldina; consultor diocesano e secretário do Bispado. Passado estes anos todo em Niteroi, resolveu em 1938, voltar para Natal, embora incardinado na diocese do sul, foi nomeado vigário de Macau, a 19 de maio de 1938, sendo em 1950, algumas paróquias da diocese de Natal, por decreto, elevadas à categoria de "Inamovíveis", Macau foi incluída nessa categoria e o Mons. Joaquim Honório ai ficou. Nos 60 anos de sacerdote, em 1962, o Santo padre João XXIII, a pedido do bispo dom Eugênio de Araújo Sales, o padre Joaquim Honório, foi agraciado com o título de Monsenhor Prelado Doméstico. Sentindo-se gravemente enfermo, foi o Monsenhor Honório conduzido para Natal e a 1 de novembro de 1966, faleceu, na capital. O seu corpo foi levado para Macau, sua paróquia, e ai foi sepultado na igreja Matriz, ao lado esquerdo da capela-mor. Mons. Honório contava 87 anos de idade e 64 de sacerdote, que serviu com muito zelo e amor pelas almas, do seu pastoreio. Sacerdote simples, pobre e bem visto pelo seu povo, e paroquianos, dado as virtudes, que ornavam a sua alma de padre e era pelo povo tido por um santo sacerdote.

PADRE JOAQUIM LOPES DE OLIVEIRA GALVÃO

Natural de Goianinha, do sítio Poções, nasceu o padre Joaquim Lopes Galvão, na década de 1830, mais ou menos; não se tem um documento certo do seu nascimento. É filho legítimo de Maria Fernandes de Oliveira Galvão, nome encontrado num termo de batismo, em que o padre e sua mãe são padrinhos. Não se tem o nome do pai, nome não encon-

trado. O padre deve ter feito os seus estudos de primeiras letras, no Espírito Santo, que foi povoado de Goianinha, atual cidade e município, e por ser mais perto de sua residência, em Poções. Os estudos outros foram feitos no Seminário de Olinda, porque ai foi ordenado sacerdote a 10 de setembro de 1855, pelo bispo diocesano dom João da Purificação Marques Perdigão, bispo diocesano de Olinda. A sua presença no Rio G. do Norte, após a sua ordenação, só foi em 1863 permanecendo assim os primeiros anos de ordenado, servindo na diocese de Pernambuco. De 1863 até 66 esteve presente em Canguaretama, fazendo batizados no interior da paróquia sem nomeação, mas ajudava assim ao vigário colado, padre Manoel Januário Bezerra Cavalcante. No mês de março de 1866, esteve no cargo de pró-pároco em Goianinha e depois como coadjutor. Em 1867 até 75, o padre Joaquim Lopes voltou a Canguaretama e batiza novamente no interior da paróquia. De 1875 a 93 ignora-se onde estava servindo, porque só em 1894 é que se torna vigário de uma pequena freguesia paraibana chamada Conde. A freguesia de Conde data de 1568. Deixado a freguesia de Conde em 1902, fica noutra região de trabalho, onde não é conhecido o local e no ano de 1904 torna para ser vigário de Conde e ai se fixou até o seu falecimento que a 24 de junho de 1910. Faleceu com mais de setenta anos de idade e cinquenta e cinco de ordenado. Nas duas vezes que esteve vigário de Conde, perfez 14 anos de trabalho no ministério paroquial. Os restos mortais do padre Joaquim Lopes, devem estar no cemitério de Conde.

PADRE JOAQUIM MANOEL DE ALBUQUERQUE MELO

O padre Joaquim Manoel, nasceu em Natal a 15 de janeiro de 1785 e foi batizado no mesmo ano, a 19 de janeiro, na Matriz da Apresentação, pelo vigário padre Pantaleão da Costa Araújo. Filho de João Damasceno Xavier Carneiro e Ana Maria da Conceição. O casamento de João Damasceno com Ana Maria, foi a 9 de novembro de 1780, na capela do Forte dos Santos Reis Magos, oficiado pelo padre Francisco Manoel Maciel. Anos depois João Damasceno enviuvando, se ordenou Padre. O seu filho Joaquim Manoel, na idade canônica, se encaminhou também para o sacerdócio católico, recebendo o presbiterato antes de 1817; não se sabe a data cer-

ta de sua ordenação sacerdotal. Depois de ordenado o padre Joaquim Manoel passou um tempo ausente da Província de maneira que o seu nome não constava em documento algum. Em 1823 aparece ocupando o lugar de vigário de Extremoz e mais tarde, o de coadjutor na paróquia de Nossa Senhora da Apresentação, em Natal nos anos de 1827 a 29. O padre João Damasceno aderiu ao movimento revolucionário de 1817, sendo preso a 25 de abril do mesmo ano e enviado para o Recife, a 14 de julho, conduzido na escuna denominada Foguête e antes de chegar ao Recife, o padre Damascèno fa-
Foguete e antes de chegar ao Recife, o padre Damasceno fatos sofridos a bordo da escuna, já na praia de Pititinga, do município de Touros e nesse povoado praia foi sepultado. O seu filho, o padre Joaquim Manoel, quando vigário de Extremoz, transladou os restos mortais do seu pai, o padre Damasceno com solenidade, da praia de Petitinga para a Matriz de Extremoz. Com anos passados, a igreja de Extremoz entrou em ruínas, devido a escavações feitas em procura de dinheiro que se dizia terem enterrado na igreja, os padres jesuitas quando expulsos, com isto, de tantas escavações a igreja de Extremoz ficou em ruínas e os restos mortais do padre João Damasceno desapareceram. Não se sabe a data certa, nem também onde morreu o padre Joaquim Manoel.

PADRE JOAQUIM SEVERIANO RIBEIRO DANTAS

Padre Joaquim Severiano, nasceu em São José de Mipibu, filho das segundas núpcias do Tenente Estevão José Ribeiro Dantas e Maria Joaquina de Souza Oliveira, casados em 1804. Deste casal nasceram oito filhos: seis homens e duas mulheres, dos quais, muito se salientaram no meio social e político, Antonio Basílio Ribeiro Dantas, que governou a província, quatro vezes, e o padre Joaquim Severiano, que lutou em bem da Pátria, na guerra do Paraguai. Do padre Joaquim, não são conhecidas as datas de seu nascimento, nem de sua ordenação sacerdotal. O primeiro cargo ocupado foi o de Coadjutor na paróquia de São José de Mipibu, em 1847, no paroquiato do Vigário Colado Cônego Gregório Ferreira Lustosa. Ano que poderá ter sido da sua ordenação, em 1847. Nos meses de julho e agosto de 1852, voltou a exercer o ministério em São José, como pró-pároco, como também, na paróquia de Extremoz nos anos de 1857 a 59. Era professor de francês e latim, em Natal, no Ateneu Norte-Rio-Gran-

dense, até que em julho de 1870 conseguiu a sua transferência para São José de Mipibu, continuando no ensino de francês e latim. O padre Joaquim Severiano, foi sempre conhecido como profundo professor de latim e dentre os seus alunos, faz-se menção de João Tibúrcio da Cunha Pinheiro, grande mestre de português e latim, no Ateneu, em Natal. O padre Joaquim Severiano, viveu muito com residência fixa em São José de Mipibu, de modo que teve ocasião de presidir a Câmara Municipal de sua cidade nos anos de 1857 a 61. Foi Deputado Provincial no biênio de 1856 a 57. Estava em São José , quando rompeu a guerra do Paraguai com o Brasil e o padre Joaquim entusiasmou-se e participou violentamente da luta. Em São José, de público, declarou-se pronto e decidido a sacrificar a vida pela causa da Pátria. Em pouco tempo conseguiu formar uma companhia de Voluntários, contribuição de São José e municípios vizinhos, que serviu no 55.º V. P. do Piauí. Essa companhia de Voluntários, tendo à frente o padre Joaquim, entrou em Natal, sendo recebida com foguetes e música. Prosseguindo viagem para o Rio de Janeiro, aí foi incorporado ao 55.º Voluntários do Piauí. A 1 de julho de 1865, o padre Severiano recebeu a nomeação de oficial em comissão, no cargo de Capelão Alferes. Por motivo de doença da malária, foi dispensado do serviço a 31 de janeiro de 1867, do 19.º que estava incorporado. De regresso à sua terra, procurou a praia de Tibau do Sul, para tratamento de saúde e aí a custo de tanto remédio ingerido na esperança de pronto restabelecimento, faleceu a 20 de junho de 1874. A falta do atestado de óbito não se sabe se faleceu em São José de Mipibu ou na praia de Tibau do Sul. O seu inventário feito em São José, foi concluído a 5 de setembro de 1874 e nele nota-se os bens deixados:

Um boi 30; um novilho 25; dois bois de lote, em Lagoa de Velhos 60; gado em gameleira, sertão do Trairí; um sobrado. 9000; uma estante de livros 66; uma mobília de jacarandá 300; malas de couro 12; talheres, jarros, lanternas; um cálice de prata 35 520rs; uma Veneza de hábito cravado de brilhantes 50; para o enterro 190 920. Despesas dos funerais: ao padre cura de São José 18; ao padre Basílio de Papari 10; ao padre Bernardino de Nova Cruz 20; ao sacristão 13 280.

Herdeiros os sete irmãos.

MONS. JOSÉ ALVES FERREIRA LANDIM

Na cidade denominada Pão de Açúcar, no Estado de Alagoas, foi aí que nasceu José Alves Ferreira Landim, a 3 de maio de 1887, filho do dr. Vicente de Leirins Ferreira Landim e Maria Cavalcante Ferreira Landim. Na matriz da terra de seu nascimento, recebeu o sacramento do Batismo, no dia 3 de julho do mesmo 1887. Matriculou-se no Seminário de Olinda em 1900, onde fez os seus estudos secundários e superior de Filosofia, direito canônico e teologia. As Ordens menores e Maiores, juntamente a Tonsura clerical foram todas aí recebidas e administradas pelo bispo de Olinda, dom Luís Raimundo da Silva Brito. Tonsura clerical no ano de 1906; ordens menores, em 1907; subdiaconato e diaconato nos anos de 1908 e 909, por último, o presbiterato a 21 de novembro de 1909, no Recife, na Matriz do Santo Antonio. Sua primeira Missa no dia 8 de dezembro do mesmo ano, na Matriz da cidade de Pau d'Alho, interior de Pernambuco. Iniciou os seus trabalhos eclesiásticos como coadjutor da freguesia de Brejo de Deus, no ano seguinte de sua ordenação, ainda nesse ano de 1910, foi chamado para o Recife e assumiu a capelania de Poço da Panela. De 1912 a 15 esteve sendo vigário em Amaragi, passando novamente para Recife e aí foi coadjutor da Matriz da Boa Vista. Saiu da diocese de Olinda em 1916, fixando-se na diocese de Floresta, no sertão pernambucano, onde era bispo dom José Antonio de Oliveira Lopes, que foi antigo Reitor do Seminário de Olinda. Na diocese de Floresta exerceu muitos cargos como o de secretário do Bispado, diretor do Colégio diocesano; diretor do jornal "Alto Sertão". Em 1916, passou a vigário de Triunfo, e diretor do Ginásio. Com a transferência da sede do bispado de Floresta para Pesqueira, no mesmo Estado em 1918, o padre José Landim continuou na nova sede, encarregado da Secretaria do Bispado, até que tempo depois se muda para a diocese de Nazaré da Mata em 1921 indo ser vigário da fraguesia de Queimadas. A convite do bispo dom José Pereira Alves, o padre José Landim chegou à diocese de Natal a 31 de agosto de 1923. Em Natal, foi primeiramente capelão do Colégio Santo Antonio, no mesmo ano de 1923; no ano seguinte capelão do Colégio da Conceição e no mesmo ano assume a direção do colégio diocesano Santo Antonio (1924). Vigário da paróquia de Nossa Senhora d'Apresentação, nomeado a 12 de julho de 1925 e a posse foi na igreja de Santo Antonio, por motivo da Catedral estava pas-

sando por uma limpeza geral. Visitador diocesano, em 1931, no governo do bispo dom Marcolino Dantas. Foi professor do Seminário de S. Pedro e do Colégio Estadual e de outros estabelecimentos de ensino, na capital. No ano de 1951 deixou Natal e foi para o Recife, conseguindo ser vigário de Estância, bairro do Recife e por motivo de idade voltou para Natal em 1953, quando pela segunda vez é capelão do Colégio da Conceição. Consultor diocesano. O papa Bento XV, concede-lhe o título de Monsenhor Camareiro, isto no ano de 1919, pedido pelo bispo dom José de Oliveira Lopes, de Pesqueira; em 1929, é Monsenhor Prelado Doméstico, conferido pelo Papa Pio XI e por fim Monsenhor Protonotário Apostólico, do papa João XXIII. Com a idade e, de muito trabalho que exerceu na sua vida sacerdotal, sentiu-se doente e mais piorando, internou-se no Hospital das Clínicas, em Natal e aí após dias de profundo sofrimento sem melhora alguma, Deus o chamou para o seu reino a 9 de julho de 1968. Somava no ano de seu falecimento 81 anos de idade e 59 de sacerdote, todo num trabalho contínuo em bem das almas. Como vigário em Natal muito se esforçou pela construção do santuário de Santa Terezinha, no Tirol e quando anos depois, essa igreja santuário se tornou Matriz, pela criação da paróquia do Tirol, em Natal, foi o Monsenhor Landim, o seu primeiro vigário, uma homenagem justa e merecida, pelo seu trabalho e dedicação a esse Templo. O Monsenhor Landim, como era chamado, e conhecido, no seu tempo de vigário batizou geração de crianças filhos de paroquianos seus e muitos desses foram por ele unidos em matrimônio. Sacerdote de cultura e sobretudo amigo de todos, que muito lhe ajudava no seu paroquiato de tantos anos.

PADRE JOSÉ GABRIEL

Padre José Gabriel Rodrigues Pinheiro nasceu no começo do século passado mais ou menos pelos anos de 1800 ou 1801. Os primeiros estudos fez em Natal e findo estes matriculou-se no Seminário de Olinda, onde fez todo o curso superior de filosofia e teologia, onde foi ordenado sacerdote. Não temos a data certa de sua ordenação sacerdotal, mas que deve ter sido no ano de 1825, quando o encontramos exercendo o ministério sagrado e que não consta o seu nome como padre até o ano de 1824, anotado isto em documentos.

O padre José Gabriel no meio do povo e mesmo de seus paroquianos foi sempre conhecido pelo apelido de padre Zumba. O primeiro cargo no ministério paroquial que lhe foi dado, teve em Natal, como coadjutor na paróquia de Nossa Senhora d'Apresentação, no paroquiato do vigário colado, padre Feliciano José Dorneles, nos anos de 1825 a 27. Deixando Natal e assim a coadjutoria da paróquia d'Apresentação, foi transferido para Goianinha, onde assumiu o paroquiato de 1827 a 39, tendo vez de como pró-pároco exercer em São José de Mipibu. De 1839 a 40 a paróquia de Vila Flor o teve como coadjutor, sendo que nesse tempo, melhor empregava os seus serviços na capela de Tamatanduba. (Antiga capela de Vila Flor e no presente em completa ruína, situada na paróquia de Pedro Velho). Em concurso que fez para a paróquia de Arez, se tornou sendo o primeiro vigário colado dessa comuna, permanecendo ai por muitos anos de 1840 a 64. Não lhe foi alheio a política, de modo que conseguiu um lugar na Assembléia Legislativa. Prov. A sua ação na A. Legislativa foi benéfica, pois junto ao Pe. Borges e outros tem o seu parecer favorável pela restauração da Vila de Arez em 1854 e da transferência da paróquia de Extremoz para a povoação Boca da Mata, atual Ceará Mirim. Na Ass. Leg. Prov. o Pe. José Gabriel ocupou a cadeira de deputado em dois biênios seguidos: 1854 a 55 e 1856 a 57. Por motivos que não sabemos informar, mas que parece ter sido de grande desgosto para o padre, fizeram-no deixar a paróquia de Arez e mesmo o RN, optando pela freguesia de Afogados, em Pernambuco, que então estava vaga e ai ficou até morrer. Em Arez o Pe. José Gabriel foi considerado pelo povo o mais prestimoso vigário do lugar. Em Afogados onde viveu muitos anos, a sua morte foi sentida e chorada por seus amigos e parentes. O cemitério público de Afogados guarda os seus restos mortais.

PADRE JOSÉ HERMINIO DA SILVEIRA BORGES.

Padre José Hermínio, não é para nós conhecida a data de seu nascimento, nem onde nasceu. É provável que tenha sido no Rio G. do Norte, por causa da existência da família Silveira Borges, na região do Seridó. Os seus estudos primários certamente foram feitos onde viveu na idade infantil e depois continuados no Seminário de Olinda, os estudos

próprios do curso de teologia e aí a 10 de junho de 1869 foi ordenado sacerdote, pelo bispo diocesano, dom Francisco Cardoro Aires que na época ocupava o solo Olindense. O padre José Hermínio ordenado em 1869, só aparece o seu nome no Rio G. do Norte, a começar de 1873, quando ocupou o lugar de coadjutor pró-pároco da paróquia de Nossa Senhora da Apresentação, de Natal. Com a suspensão do padre Bartolomeu Fagundes, o padre José Hermínio ficou no cargo de pró-pároco de 1873 a 77. Em março de 1878 passou a vigário encomendado da mesma paróquia, até que em 1881 passou o governo da paróquia ao padre João Maria Cavalcante de Brito, indo para Papari, atual Nisia Floresta, por uma troca de cargos: padre João Maria deixou Papari, indo para Natal, padre José Hermínio, sai de Natal e assume à vigararia de Papari. O padre J. Hermínio se encarregou da freguesia de Arês em 1882; de 1886-88, em 1890; de 1891 a 96. Como vigário de Papari, alí esteve durante 15 anos, findando com a sua morte. A 14 de julho de 1879, o tesoureiro da Irmandade do Santíssimo pediu ao Presidente da Província que mandasse fazer os reparos preciosos na Matriz da Apresentação de Natal, por não ter a Irmandade, recursos para isto, e alega motivo porque o atual vigário padre José Hermínio pouco ou nada se importa com o edifício da Matriz, classificando de pouco zelo ou de não querer tomar a responsabilidade de certas obras, devido somente a seus escrúpulos. O padre José Hermínio esteve na paróquia da Apresentação, no tempo da "Questão Religiosa" e assim era nervosisimo, e continuou desse modo na freguesia de Papari, sempre doente, até que tomando um chá de arruda muito forte, ficou intoxicado, vindo falecer a 21 de setembro de 1897, em Papari. No livro 4-fls. 18 de registros de óbitos da paróquia de Nísia Floresta, consta este termo:

> "Aos vinte e dois de setembro de mil oitocentos e noventa e sete, sepultou-se no cemitério desta Freguesia, depois de encomendado solenemente, o Revdmo. vigário José Hermínio da Silveira Borges, solteiro, de cinquenta e dois anos de idade, faleceu ontem 21 de apoplexia mental, hábito casula preta, do que se fez este Termo. O Vigário Antonio Xavier da Paiva, encarregado da Freguesia".

O Jornal "A REPÚBLICA", na ocasião do falecimento do padre José Hermínio publicou o seguinte:

"Padre José Hermínio — a 21 de setembro de 1897, às 10 hs. da noite faleceu na vila de Papari o Rev. vigário padre José Hermínio da Silveira Borges. Sacerdote de vida exemplar e cheia de virtudes, talentoso, orador sacro, estimado pelos seus paroquianos, deixa grande vácuo no meio de seu rebanho paroquial".

MONS. JOSÉ DE CALAZANS PINHEIRO

Em São Gonçalo do Amarante, nasceu o Monsenhor Calazans, a 27 de agosto de 1866, filho do Capitão Manoel Joaquim da Costa Pinheiro e Gertrudes Cassimira Pinheiro. Nas escolas de sua terra estudou as primeiras letras e o curso secundário fez em Natal, no Ateneu, indo depois para o Seminário de Olinda, onde estudou filosofia em 1885 e no de Fortaleza fez o curso de direito canônico e teologia. Antes de cursar os Seminários, já estudante, trabalhou na imprensa em Natal. Ainda no Seminário de Olinda, foi-lhe conferida a Tonsura clerical, pelo bispo diocesano dom José Pereira da Silva Barros, em março de 1885. Era aluno do Seminário de Fortaleza, quando lhe veio a vez de receber ordens; 1889 as Menores; em 1890, o subdiaconato em 1891 o diaconato e por fim, o presbiterato, a 6 de dezembro do mesmo ano — 1891 e todas estas ordens foram administradas pelo bispo diocesano dom Joaquim José Vieira. Em Natal, celebrou a sua primeira Missa, na Matriz da Apresentação, na véspera da festa da padroeira, a 20 do mesmo mês. No ano seguinte, 1892, foi quando começou a trabalhar no Ministério paroquial, tendo como primeiro cargo, de vigário de Caraúbas com o encargo de Patú, nomeado em março de 92 pelo bispo de Olinda, dom João Esberardo. Em 1893 veio para Natal, a fim de ser coadjutor do padre João Maria, que era vigário d'Apresentação. Em março de 1894, já é pró-pároco do Açu, na ausência do vigário colado, cônego Estevão Dantas, que foi para a secretaria do bispado da Paraíba e aí o padre Calazans esteve até 1896, também regendo as freguesias de Santana do Matos, Angicos e Macau. Em 1897, deixou o Açu, indo para Pilões, na Paraíba e em 98 vem para Natal, tornando a ser coadjutor d'Apresentação, ainda vigário padre João Maria. Em Natal, funciona também, como capelão do bairro da Ribeira, tendo

por sede a igreja do Senhor Bom Jesus das Dores. Sentindo-se doente viajou para o sul, indo para a cidade de Pouso Alegre, em Minas Gerais, isto em 1899 e aí ajudava no quanto possível ao vigário, nosso conterrâneo Monsenhor José Paulino de Andrade, na fundação do colégio e do Seminário. Pró-pároco, com nomeação de 26 de agosto de 1900 e só um ano ai esteve, voltando em 1901 para Natal, quando teve no Ateneu, as cadeiras de Latim e grego e em 1914 passou a ensinar Geografia e cosmografia. Em 1904 exerceu o cargo de intendente municipal de Natal e em três legislaturas teve de ser o presidente da câmara municipal. Em 1910 esteve auxiliando o diretor do Colégio diocesano Santo Antonio, quando na direção do mesmo se encontrava o Cônego Estevão Dantas. Nos anos de 1916 a 18 assumiu a direção total do mesmo colégio, em Natal. Antes de dirigir o colégio Santo Antonio em 1916, esteve na direção do Ateneu de Natal em 1909 e igualmente da Escola Normal, do Estado, deixando tudo em 1910. Membro do Conselho Consultivo do Estado em 1931, por nomeação do Presidente da República, ocupando a presidência do Conselho. Professor do Seminário de São Pedro; das Escolas de Comércio Masculina e Feminina; do Colégio Rui Barbosa; do Santo Antonio e de Nossa Senhora das Neves. Capelão do Hospital das Clínicas, quando tinha o nome de Miguel Couto; da igreja de Nossa Senhora do Rosário; do Patronato da Medalha Milagrosa. Titulado Cônego Honorário da Paraíba, a 29 de setembro de 1939 e a 23 de novembro de 1941, tem o título de Monsenhor Camarêiro do Santo Padre Pio XII, sendo-lhe entregue o título, após a Missa pontifical de Corpus Christi, a 4 de junho de 1942, na Catedral. Faleceu em Natal, a 3 de abril de 1946, pelas sete horas da manhã, em sua residência, à rua Vigário Bartolomeu, 571. Sepultado no cemitério do Alecrim. Contava 80 anos de idade e 55 de vida sacerdotal. Sacerdote cumpridor dos seus deveres, em tudo que ocupou um lugar, nos trabalhos paroquiais, nas cadeiras que exerceu o magistério, amigo do clero e respeitado por todos que tiveram ocasião de o conhecer de perto.

CONEGO JOSE CABRAL DE VASCONCELOS CASTRO

Natural de Santa Rita, na Paraíba, cidade próxima da capital a 15 de março de 1850 e aí aprendeu as primeiras le-

tras nas escolas da povoação, onde residia com os seus pais, sendo em seguida matriculado no Seminário de Fortaleza no Ceará, onde estudou o curso secundário e depois o curso superior de filosofia, direito canônico e teologia moral e dogmática. Chegado o tempo da sua ordenação sacerdotal, foi para São Luiz do Maranhão, por motivo de se achar sem bispo o Ceará e nessa cidade do norte, São Luiz, José Cabral recebeu o presbiterato a 23 de abril de 1876 das mãos do bispo diocesano dom Luiz da Conceição Saraiva. A 9 de agosto do mesmo ano celebrou a sua primeira Missa, em São Luiz e ainda em 1876, permanecendo nessa diocese do norte, teve a primeira nomeação para vigário de Santa Helena. Deixou o Maranhão em 1877 e veio para a Paraíba e aí lhe foi dado o cargo de vigário de Livramento; em 79 se transferiu para Gurinhen, sendo aí vigário, Veio para o Rio G. do Norte em 1880 assumindo em Santana do Matos, a paróquia que regeu até 83 resolvendo então voltar a Paraíba em 1884 para ser vigário em Pombal, alto sertão paraibano. Veio novamente para o Rio Grande do Norte em 1890 e em outubro, assume a paróquia de Santa Cruz, na região do Trairí e nesse tempo a paróquia estava vaga, pelo falecimento do seu vigário, padre Antonio Rafael Gomes de Melo, ocorrido nesse mesmo ano de 1890, demorando-se o vigário José Cabral, em Santa Cruz, 8 anos, quando deixou em julho de 1908. Nesse 1908, tornou-se a Paraíba, indo paroquiar Cabaceiras até 1923 e daí veio outra vez para o Rio G. do Norte, quando Natal já era bispado, aqui encontrando como bispo diocesano o senhor dom José Pereira Alves, que a 9 de maio de 1924, lhe fez vigário de São Tomé, paróquia que estava na regência do vigário de Santa Crùz. Em 1933, já pela idade octogenária e debilitado na saúde, deixou definitivamente o paroquiato e recolheu-se à vida privada, passando a residir na sua propriedade Araraú, no município de Santa Cruz, onde ficou avulso e como membro do clero de Natal. Em 1920 foi agraciado com o título de Cônego Honorário do Cabido paraibano. Onde estava residindo, na sua propriedade Araraú, aí faleceu a 5 de julho de 1934, sendo sepultado na capela local, de Nossa Senhora do Desterro. Em um local na parede da capela referida, estão os restos mortais do Cônego José Cabral, onde uma pedra com dizeres indica o lugar. Foi um sacerdote sempre fiel a sua igreja, exercendo todo o tempo que suas forças físicas permitiram, o

ministério paroquial. Manoel João, que o ajudou por todo o tempo que o vigário esteve em Santa Cruz, como sacristão da Matriz, continuou na companhia do Cônego, como amigo fiel, dando a sua assistência até quando o padre terminou a sua vida na terra.

PADRE JOSÉ JOAQUIM PINTO DE ALMEIDA CASTRO

Padre José Joaquim, nasceu a 22 de setembro de 1780, em Natal, no bairro da Ribeira, onde residiam os seus pais: o português Manoel Pinto de Castro e Francisca Antonia Teixeira, que era natural de Natal. Na Matriz de Nossa Senhora da Apresentação, foi batizado José Joaquim, a um de outubro de mil setecentos e oitenta, oficiado pelo padre coadjutor da paróquia, Bonifácio da Rocha Vieira. Contava o padre José Joaquim com mais três irmãos padres. Eram Eles: Inácio, que foi vigário de Santo Amaro de Jaboatão, em Pernambuco; Miguel, mais conhecido por Miguelinho, por causa da sua pequena estatura e foi mártir da revolução de 1817 e Manoel, que teve papel saliente no governo da Província do Rio Grande do Norte. Inácio era o mais velho e José Joaquim o mais moço. Não é conhecida a data da ordenação sacerdotal do padre José Joaquim, que há maior probabilidade ter sido em Olinda, ele depois de ordenado ficou residindo no Recife em companhia do seu irmão o padre Inácio. No seu livro "Homens e fatos do Seridó Antigo" do bispo dom José Adelino, fez menção da presença do padre José Joaquim, em Caicó, no ano de 1809, em companhia do seu irmão padre Inácio Pinto, que era Visitador diocesano e o padre José Joaquim deixou anotado num livro da Irmandade das Almas do Caicó que "disse cinco Missas na taxa de doze vinténs cada uma". O padre José Joaquim, tempo depois, foi para o Maranhão, se dedicou ao ministério paroquial, não se tendo a data de sua ida para o Estado do Norte. Do Maranhão o padre José Joaquim não mais voltou à sua terra natal, o Rio Grande do Norte. Lá mesmo terminou os seus dias de vida, cujo passamento não se sabe quando foi, sendo que foi antes de 1817, e que poderia ter 35 anos de idade, era o mais moço dos quatro padres. No arquivo paroquial da Catedral, de Natal, no livro 1 — fls. 82, está o termo do batismo do padre José Joaquim, que dita assim:

"José Joaquim, filho legítimo do Capitão Manoel Pinto de Castro natural do Reino e de sua mulher Francisca Antonia Teixeira natural desta freguesia, neto por parte paterna de Francisco Pinto de Castro e de sua mulher Izabel Pinto de Almeida natural da freguesia de São Veríssimo de Valbom, e por parte materna de Francisco Pinheiro Teixeira e de sua mulher Bonifácia Antonia de Melo, natural desta freguesia, nasceu aos vinte e dois dias do mês de setembro de mil setecentos e oitenta, e foi batizado com os Santos Óleos de minha licença pelo reverendo padre Bonifácio da Rocha Vieira a primeiro de outubro de mil setecentos e oitenta foram padrinhos o reverendo pró-vigário Joaquim José Pereira e Nossa Senhora do Rosário e por verdade mandei lavrar este termo por ausência do reverendo Vigário me assinei foi batizado na Matriz.

Padre Joaquim José Pereira, pró-Vigário do Rio Grande".

PADRE JOSÉ DE MATOS SILVA

No Império, quando no Brasil, a Igreja estava sob o jugo do Governo, muitos sacerdotes foram eleitos membros da Assembléia Legislativa Provincial. Muitos vigários foram deputados. Do número desses padres políticos se distinguiu o padre José de Matos, vigário de Vila Flor, onde exercia o ministério paroquial. O padre José de Matos era cearense, do Aracati, onde nasceu a 19 de maio de 1817, filho de Pedro José de Matos. Os seus primeiros anos devem ter se desenvolvido em sua cidade natal, junto à sua família e ai mesmo deu início aos seus estudos primários; os estudos superiores de filosofia e teologia devem ter sido no Seminário de Fortaleza, onde foi ordenado sacerdote. É ignorada a data certa de sua ordenação sacerdotal, igualmente, não se sabe quando veio trabalhar no Rio Grande do Norte, sabe-se sim, que no ano de 1844, foi o tempo inicial do seu ministério paroquial, tendo por sede a Vila Flor, permanecendo nesse lugar até o ano de 1858. Elegeu-se deputado provincial seis vezes, nos biênios de 1852-53; 54-55; 56-57; 58-59; 62-63 e 66-67. Presidiu a Assembléia Legislativa no biênio de 1856-57 e no ano de 58. Foi favorável a restauração da freguesia de Santa Cruz em 1858 juntamente com os deputados Francisco Xavier Pereira de Brito e

João Barbalho Bezerra. Era ainda deputado quando por motivo político se desaveio com o senhor do Engenho Jucá e então por espírito de vingança conseguiu dos seus pares na Assembléia, mudar a sede do município e da freguesia para o lugar chamado Saco do Uruá, um simples povoado, que é a atual Canguaretama. Continuou como vigário na nova sede e aí esteve de 1858 a 60. Nesse ano de 1860, o padre José de Matos fez permuta da freguesia com o padre Manoel Januário Bezerra Cavalcante, vigário colado do Açu. De 1860 em diante o padre José de Matos é vigário do Açu e como pastor dos açuenses viveu até a sua morte, que ocorreu a 19 de março de 1879, com 62 anos de idade. Os seus restos mortais jazem na matriz do Açu, em lugar indicado por uma lápide de mármore com dizeres. Como político foi uma figura de relevo, admirado por muitos e também odiado por outros. Dirigiu a Assembléia Legislativa com firmeza e segurança e era temido porque sabia querer. Era implacável e desinteressado, valente e calmo, humilde e malcriado.

PADRE JOSÉ LUIZ CERVEIRA

Sacerdote português, que no século passado, pelos anos de 1865 ou 66, veio para o Brasil, localizando-se na região do nordeste, com especialidade o Rio Grande do Norte e neste situou-se no município de Goianinha, fazendo seu lugar de trabalho em Santo Antonio, quando era um simples povoado com o nome de "Salto da Onça". Foi aí que o Padre Cerveira permaneceu por muitos anos, tendo exercido o cargo de coadjutor da paróquia de Goianinha, quando vigário os padres Manoel Borges e Manoel Pereira, exercendo o ministério sacerdotal na antiga capela de Santo Antonio, não mais existente. O seu Ministério religioso se estendia até o povoado de Espírito Sento, onde nos momentos vagos dava instruções de primeiras letras, a determinadas pessoas. Era extremamente laborioso, que com o produto de muitos anos conseguiu comprar terras, tais como as chamadas Jacumirim e Lages, esta bem próxima de Santo Antonio. Era um homem de grande prestabilidade, estado de excelente coração. Aplicava homeopatia com grande interesse e dedicação humanitária, de preferência tratava os pobres, fazendo curas prodigiosas em diversas doenças, normalmente cegueira, pa-

ralisia, epilepsia, etc. A 27 de agosto de 1890, quando se fez a instalação da Vila de Santo Antonio, com a posse dos intendentes, a solenidade foi presidida pelo padre Cerveira. O jornal "A República" do dia 6 de fevereiro de 1904, noticiou o seguinte, dizendo assim: "Sabemos que o assassino do padre Cerveira fora um empreiteiro do campo do digno sacerdote na propriedade de Lages, naquele município. O padre foi ferido com 15 facadas a propósito de trabalhos que deram lugar a uma forte alteração em que houve troca de injúrias resultando ser o padre Cerveira ferido que produziram-lhe a morte quase instantaneamente". No momento que o padre foi assassinado ele estava montado no cavalo que costumava fazer as suas viagens. Com um golpe de faca o padre foi caindo do cavalo, podendo apenas pronunciar o nome de Jesus. O padre tinha desde anos, o olho direito vasado e foi esse o lado que foi esfaqueado, lado privado da visão. Foi assassinado a 25 de fevereiro de 1904, em Lages, sua propriedade. Capelão de Santo Antonio desde muitos anos, o padre era considerado benquisto e a notícia do seu trágico desaparecimento causou impressão de vivo pesar. O padre, quando se achava prostado, em seu auxílio correu um seu afilhado e amigo, que foi também ferido com algumas facadas vibradas por um filho do assassino. No local onde o padre foi morto se ergueu um grande cruzeiro, onde se lê estes dizeres: "aqui foi barbaramente assassinado o padre José Luiz Cerveira, a 25 de favereiro de 1904". Além do padre Cerveira, no Rio Grande do Norte, outros sacerdotes foram vitimados pelos seus inimigos: em 1825, o padre Antonio José Ferreira Nobre, em Jardim de Piranhas, onde era o capelão; em 1849, no Jardim do Seridó, o padre Herculano Antonio de Figueira; em 1835, o padre Antonio Gomes de Leiros, em Papari, primeiro vigário dessa paróquia.

PADRE JOSÉ MODESTO PEREIRA DE BRITO

Padre José Modesto, nasceu no lugar Panema no ano de 1818, irmão do padre Francisco Justino Pereira de Brito, que foi vigário em Jardim do Seridó. Os seus pais foram Joaquim de Santana Pereira e Maria Tereza das Mercês. Os primeiros estudos foram feitos com o seu irmão professor Joaquim Apolinar Pereira de Brito. Ordenou-se sacerdote a 13 de novembro de 1842, juntamente com o padre Francisco Jus-

tino, na Capela do Palácio Soledade, em Recife, pelo bispo dom João da Purificação Marques Perdigão. Na antiga fazenda Poço da Anta, na freguesia de Exú, em Pernambuco, o padre José Modesto nos anos de 1858 a 59, construiu uma capela dedicada a Nossa Senhora do Bom Conselho, que deu lugar a formação de um pequeno povoado, que tomou o nome de Granito e a 23 de maio de 1872 esse povoado foi elevado a categoria de paróquia. No presente, Granito é um dos municípios do Estado de Pernambuco. O padre José Modesto foi vigário na paróquia de Missão Velha, no Estado do Ceará e ai construiu a nova Matriz, deixando o Ceará, veio para o Rio Grande do Norte, sendo então vigário da paróquia de Touros, onde se demorou apenas de maio a outubro de 1882, sendo ai substituído pelo padre Saturnino de Jesus Bezerra. Na Serra do Martins, para onde se transferiu, esteve como pró-pároco de 1882 a 86, regendo no mesmo tempo, a paróquia da serra de Portalegre. Era agraciado com o título de Cavaleiro da Ordem de Cristo. Vindo para o Acarí, ai faleceu a 31 de janeiro de 1888, onde jaz sepultado. Quando faleceu tinha 70 anos de idade e 46 de sacerdote.

PADRE FRANCISCO RAFAEL FERNANDES

Nasceu o padre Francisco Rafael Fernandes, no município de Caicó, na fazenda "Cavalcante", a 28 de outubro de 1825, sendo a fazenda propriedade de seus avós maternos Felipe de Araújo Pereira e Josefa Maria do Espírito Santo. Os pais do padre chamavam-se Cosme Damião Fernandes e Izabel Maria Fernandes de Araújo. Fez os primeiros estudos no Caicó, onde o seu pai tinha a profissão de carpinteiro. Terminado os estudos primários, foi então encaminhado para o Seminário de Olinda, onde fez o curso de filosofia e teologia e mais matérias necessárias para sua ordenação sacerdotal o que foi realizada no ano de 1848 e a sua primeira Missa foi celebrada no lugar com nome de Buxaxá, nome primeira da cidade de Areia, na Paraíba. Foi coadjutor do Caicó de 1867, a 95 e nesse tempo foi professor primário e de 1872 a 1908 ocupou o cargo de vigário. Residiu também no lugar São Fernando, povoado fundado pelo padre, distante do Caicó 18 quilômetros, cujo nome "São Fernando" ele impusera quando um simples arruado e que na época atual é um

dos municípios do Rio Grande do Norte. Em São Fernando foram edificadas duas capelas, tornando-se com os anos um lugar próspero, com feira, etc. fazendo-se capelão, depois, no referido povoado. Em São João do Príncipe, mudado o nome para São João do Sabugi, ai o padre Francisco Rafael foi professor de ensino primário nos anos de 1858 a 67 até que a seu pedido foi exonerado do magistério escolar a 5 de outubro de 1868. Faleceu em Caicó a 8 de outubro de 1908, com a idade de 83 anos e 60 de sacerdote. Viveu por muito tempo residindo em São Fernando, que se diz ter sido por motivo de desgostos particulares, afastando-se do Caicó por algum tempo, mas que foi no Caicó, onde muito trabalho e teve o fim de sua vida. Era o padre Francisco Rafael, Sobrinho do padre Guerra, homem que no Rio Grande do Norte foi muito admirado no meio político e social. O padre Francisco Rafael, contava na sua família muitos irmãos, fazendo-se notar o Coronel Ezequiel de Araújo Fernandes, Egídio Malael Fernandes, Ananias Fernandes e irmãs Ana, Izabel e Maria.

PADRE JOSÉ PAULINO DO RÊGO LEITE FILHO

Padre José Paulino do Rêgo Leite, nasceu no município de Pau dos Ferros, no sítio chamado "Malhada da Areia", muito perto da cidade de Pau dos Ferros, no ano de 1818. Seu pai José Paulino do Rêgo Leite, conhecido pelo apelido de Cazuzinha. Ainda muito jovem, foi para Olinda e no Seminário dessa cidade foi matriculado, a fim de estudar, realizando no tempo marcado, o seu desejo de chegar ao sacerdócio. Inteligente, estudioso, dotado de força de vontade pôde ver concretizado o seu desejo, ordenando-se sacerdote no ano de 1849. A ordem sacra do presbiterato foi-lhe conferida pelo bispo diocesano Dom João da Purificação Marques Perdigão, na Catedral de Olinda. No mesmo ano de sua ordenação sacerdotal, o padre José Paulino veio visitar a sua família no Rio Grande do Norte, na cidade de Pau dos Ferros, porém, ao regressar a Pernambuco, chegou a cidade de Campina Grande, onde no momento grassava a peste da varíola e ai o padre José Paulino foi acometido do mal epidêmico e não resistindo, veio ai mesmo falecer no mesmo ano de 1849, contando menos de um ano de sua ordenação. De maneira que a sua vida sacerdotal foi curtíssima e a sua

morte foi lamentada no seio dos seus parentes. O padre José Paulino, tinha apenas 31 anos de idade, motivo porque foi muito sentido o desaparecimento desse ilustre sacerdote pauferrense.

PADRE JOSÉ TIBÚRCIO DE SOUZA MIRANDA

É norte riograndense o padre José Tibúrcio de Miranda. O seu nascimento foi em Galinhos, atual cidade-praia a 6 de maio de 1890. Seus pais Nicolau Tibúrcio de Souza Miranda e Maria Avelina de Souza Miranda. Foi aluno do Seminário diocesano da Paraíba, onde se matriculou para inicio dos estudos e prosseguiu nos de filosofia e teologia, já necessários para alcançar o sacerdócio. O seu encaminhamento para o Seminário, foi todo orientado pelo vigário de Macau, o Mons. Assis, a cuja jurisdição estava Galinhos, onde residia José Tibúrcio. O bispo diocesano de então era Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques, que conferiu ao aluno José Tibúrcio, todas as ordens, inclusive a Tonsura Clerical, que lhe tornava membro do clero paraibano. A Tonsura foi conferida a 11 de novembro de 1906, seguindo-se das ordens menores a 10 de novembro de 1907 e o Presbiterato a 17 de novembro de 1912. Ocupou-se em primeiro lugar no ministério o de vigário da freguesia de Nossa Senhora de Lourdes, na capital paraibana no espaço de 1915 a 17. Foi gerente do jornal católico da diocese — "A Imprensa". Dedicou-se com grande interesse e particular empenho, no trabalho de formação de novos sacerdotes, assim é que, de 1918 a 928 exerceu a função de diretor espiritual no Seminário da Paraíba. Decorridos alguns anos, voltou ao ministério paroquial e deixando este, tornou, a assumir a tarefa de formação de futuros sacerdotes, ocupando o cargo de Reitor do Seminário, nos anos de 1931 a 45. Distinguiu-se como catequista e escritor, publicou "Pedagogia popular do Catecismo", livro de grande utilidade da doutrina nas escolas. Professor do Seminário em Teologia Pastoral, Liturgia e curso de Religião, com início em 1918. No dia 21 de fevereiro de 1918, lhe foi dado o título de Cônego, do Cabido da Catedral da Paraíba e o papa São Pio X, lhe agraciou com título de Monsenhor. Sentindo chamado para a vida religiosa, deixou em 1947 o clero secular e se tornou sacerdote do clero regular, professando na Congre-

gação dos Padres Sacramentinos, em Belo Horizonte. Na Congregação sacramentina, trabalhou na cura de almas e também educador. Foi Reitor do Seminário Menor Sacramentino, no Rio de Janeiro e Conselheiro Provincial. Exerceu o ministério no Santuário da Adoração Perpétua, na igreja de Santa Ana, no Rio, em 1958. No ano de 1973 foi mudado por motivo de saúde para o Casa de Tambaú, em São Paulo, sede paroquial e aí terminou os seus dias terrenos, falecendo a 30 de julho de 1975, com 85 anos de idade, 62 de sacerdote e 28 de vida regiliosa.

MONS. JOSE PAULINO DUARTE DA SILVA

Mons. José Paulino Duarte da Silva, nasceu em Natal, no dia 26 de novembro de 1847, sendo batizado no ano seguinte, na Matriz de Nossa Senhora da Apresentação, a 19 de fevereiro de 1848, pelo padre coadjutor Joaquim Francisco de Vasconelos. Mons. José Paulino era filho de Nicolau Pereira da Silva e Vitória Egipciaca das Candêias. Fez o curso primário em Natal, findo o curso secundário matriculou-se no Seminário de Olinda e ai deu início as ordens para o sacerdócio, recebendo o presbiterato a 31 de março de 1837. Nos seus 59 anos de sacerdote, dedicou maior tempo no serviço paroquial a este, mais no Rio Grande do Norte. Vigário de junho de 1881 a janeiro de 82 na paróquia de Papari, atual Nísia Floresta. No oeste do Estado esteve como vigário da Serra de Portalegre de 1884 a 86 e ao mesmo tempo encarrgado de Pau dos Ferros, de 1885 a 86. Com o falecimento do vigário de Santa Cruz, padre Antonio Rafael em 1890, José Paulino assumiu a paróquia referida por dois meses, maio e junho de 90, indo depois para a cidade de Ceará Mirim, onde foi vigário de 1894 a 904. Esteve também no governo da paróquia de Touros em 1902. Deixando o Rio Grande do Norte, foi para a Paraíba, ficando vigário de Pocinhos de 1908 a 10, assumindo de 1910 a 11 a paróquia de Nova Cruz, em cuja jurisdição estava a Vila de Santo Antonio, mais conhecida por Santo Antonio do Salto da Onça. Foi ai que o padre José Paulino deu início a construção de uma nova igreja, em lugar amplo e alto da vila, fazendo demolição da capela antiga que era no centro da vila, muito imprópria para a vila que apresentava aumento da população. O padre José Paulino

apenas deu início a construção da nova igreja de Santo Antonio, devido a sua saída para outro lugar, a igreja continuada na construção pelos seus sucessores e na época atual, é a Matriz local, um grande templo. Era Cônego Honorário do Cabido paraibano e também Monsenhor, agraciado pelo Santo Padre. Muito admirado das virtudes e do trabalho o padre dr. Ibispina, pelas suas casas de caridade em benefício das meninas orfãs, escreveu em 1915, e publicou um pequeno resumo das Casas de Caridade e da vida do padre Ibiapina, o Apóstolo das meninas pobres e desamparadas. O Monsenhor José Paulino Duarte da Silva, faleceu em Recife, a 14 de abril de 1936, no arquivo da Catedral de Natal, livro 4, fls. 48 n. 69 está este termo:

> "Aos dezenove de fevereiro de mil oitocentos e quarenta e oito, nesta Matriz de minha licença Padre Joaquim Francisco de Vasconcelos, batizou solenemente a José, nascido a 26 de novembro do ano próximo passado, filho legítimo de Nicolau Pereira da Silva, natural do Icó, e de Vitória Egipciaca das Candêias, natural de São José, brancos, moradores nesta freguesia; foi padrinho o abaixo assinado, E para constar fiz este assento. Bartolomeu da Rocha Fagundes, Vigário colado".

MONSENHOR JOSÉ PAULINO DE ANDRADE

Monsenhor José Paulino de Andrade, nasceu a 16 de março de 1861, em São José de Mipibu, filho do capitão José Paulino de Andrade e Rita Bernardina da Silva. Foi batizado na Matriz de São José de Mipibu, pelo vigário Cônego Gregório Lustosa, a 14 de abril, do mesmo ano do seu nascimento. Iniciou os seus estudos em São José e depois em Natal, no Atheneu Norte-Riograndense. Feito o curso secundário no Atheneu, foi para o Rio de Janeiro resolvido a seguir o curso de Medicina e aí fez a matrícula na Faculdade e no segundo ou terceiro ano, abandonou a Faculdade e veio para Pernambuco, em Olinda fez no Seminário a sua matrícula para ser sacerdote. A ordenação no presbiterato foi no Recife, oficiando o bispo diocesano d. José Pereira da Silva Barros, a 14 de março de 1886, com a idade de 25 anos. A sua primeira nomeação foi para coadjutor de uma paróquia do Recife. Vindo para o Rio

Grande do Norte; em 1888 fez concurso para a paróquia de Macaíba e sendo aprovado foi nomeado e dado posse na referida paróquia, sendo assim vigário colado. Na província do Rio Grande do Norte, dos sacerdotes residentes, foi o Mons. José Paulino o único padre que se declarou publicamente republicano, fazendo a sua assinatura na ata de fundação do Partido, a 27 de janeiro de 1889, em Natal tornando-se secretário e membro do Diretório. Trabalhou na política, sobretudo no período da mudança do regime do país, ao lado do dr. Pedro Velho. Em 1895 deixou o Rio Grande do Norte e seguiu para o sul do país, localizando-se no Estado de Minas Gerais e aí lhe foi dado para vigário a paróquia de Pouso Alegre. Nessa cidade mineira fundou um colégio e um seminário, levantou a idéia da criação de um bispado em Pouso Alegre, conseguindo com o seu trabalho, o necessário para a formação do patrimônio. Contou sempre com o apoio dos bispos de São Paulo e o de Mariana e para melhor andamento do seu desejo da criação da diocese, fundou um jornal com o nome "a PÁtria" a 10 de janeiro de 1897. A diocese de Pouso Alegre foi criada em 1900 pelo Santo Padre Leão XIII e a nomeação do bispo coube a outro sacerdote, sendo o padre José Paulino, agraciado com o título de Monsenhor Prelado Doméstico. Sentindo-se doente vai para o Rio de Janeiro, e aí se interna num Hospital. Restabelecido de sua saúde, regressa ao Rio Grande do Norte e aqui assume o cargo de vigário em Papari, permanecendo de 1901 a 2 e daí passa a vigário de Touros, ainda em 1902. Deixa em 1903 a paróquia de Touros e vem residir em Natal. Agravando-se o seu estado de saúde, foi para o Recife e aí faleceu a 23 de setembro de 1907. Está sepultado no Cemitério de Santo Amaro. Foi jornalista, escritor, grande latinista e um dos melhores oradores sacros da época.

No arquivo paroquial de São José de Mipibu, no livro 5, fls. 98-n. 82 de batismo, está este termo:

"Aos quatro de abril de mil oitocentos e sessenta e um, nesta Matriz, batizei e puz os Santos Óleos a José, nascido a dezesseis de março passado, filho legítimo de José Paulino de Andrade e Rita Bernardina da Silva, naturais desta Freguesia e moradores nesta cidade. Foram padri-

nhos capitão Antônio Sebastião da Silva Leitão e dona Antonia Rita dos Santos Gesteira. Do que fiz este assento e assino.

O Vigário Gregório Ferreira Lustosa".

PADRE LADISLAU ADOLFO DE SALES E SILVA

Nasceu o padre Ladislau, em São José de Mipibu, a 17 de dezembro de 1845 e foi batizado na Matriz de São José, pelo vigário Cônego Ferreira Lustosa a 5 de janeiro de 1846. Filho do Capitão Alexandre Francisco de Sales e Silva e de d. Cândida Lúcia de Sales e Silva. Fez os primeiros estudos na sua terra natal, seguindo depois para o Seminário de Olinda, onde estudou e fez o curso eclesiástico. Em Olinda recebeu todas as ordens inclusive a Tonsura clerical. As ordens Menores foram-lhe conferidas em 1869 e o Presbiterato em 1870, pelo bispo diocesano dom Francisco Cardoso Aires. Em Recife, o padre Ladislau foi vigário em Afogados e no Rio Grande do Norte; antes esteve como Coadjutor no Ceará Mirim de 1870 a 71. Vigário de São Gonçalo do Amarante de 1871 a 74 quando também se encarregou de Macaíba. A 29 de abril de 1877 tomou posse da paróquia de Touros e aí esteve até 1880. Por tempo indeterminado, o padre Ladislau teve licença para se ausentar da diocese e viajou para o sul do país, fixando-se no Estado do Rio, com o exercício de vigário da paróquia fluminense de Valença. A demora do padre Ladislau Sales, no sul foi de muitos anos, cerca de trinta anos. Depois de tantos anos, servindo no ministério paroquial em paróquia do sul, o padre Ladislau resolve voltar ao nordeste e chega a Natal a 11 de dezembro de 1910. Não veio com disposição para um lugar de vigário, apresenta-se com a idade bem adiantada e a saúde abalada, fica então como sacerdote avulso, tendo apenas o uso de ordens, que sempre lhe foi dado até a morte. De regresso do sul, fixou residência na cidade de São José de Mipibu. A 20 de março de 1916, em viagem com destino a Nova Cruz, onde era vigário o padre Luiz Adolfo, dentro do carro do trem, entre Canguaretama e Vila Nova, este chamado atualmente Pedro Velho, aí faleceu o padre Ladislau. Levado o cadáver para Nova Cruz, aí foi sepultado no Cemitério local, até que tempos depois, os seus restos mortais foram

transportados para a igreja Matriz de Nova Cruz, onde foram postos em lugar preparado e uma pedra de mármore com dizeres mostra onde se encontram os restos do padre Ladislau, alí colocados pelo padre Luiz Adolfo de Paula. Quando faleceu, o padre Ladislau tinha 71 anos de idade e 46 de sacerdote. No arquivo paroquial de São José de Mipibu, consta o termo de batismo, nos dizeres seguintes: "aos cinco de janeiro de mil oitocentos e quarenta e seis, nesta Matriz da gloriosa Sant'Ana da cidade de São José de Mipibu, o coadjutor João Leite de Pinho, de minha licença, batizou e pôs os Santos Oleos a Ladislau, branco, filho legítimo de Alexandre Francisco de Sales e Silva e de d. Cândida Lúcia da Encarnação, nascido a dezessete de dezembro de quarenta e cinco, foram padrinhos Tenente Coronel Trajano Leocádio de Medeiros Multa e d. Maria Hermeliana de Medeiros Dantas, casados, todos desta Freguesia.

Gregório Ferreira Lustosa — Vigário colado de São José de Mipibu".

CONEGO LEÃO FERNANDES DE QUEIROZ

Cônego Leão Fernandes, nasceu na cidade de Pau dos Ferros, a 11 de abril de 1881, filho de Francisco das Chagas Fernandes e de Liberalina Gomes de Queiroz. Foi batizado na Matriz de sua cidade Natal, a 5 de maio do mesmo ano, sendo administrado pelo vigário Cônego Bernardino José de Queiroz e crismado pelo Cônego Pedro Soares de Freitas, que era Arcipreste da Província do Rio Grande do Norte, cuja crisma teve lugar na igreja paroquial de Pau dos Ferros. No Pau dos Ferros, fez os estudos primários. No ano de 1891, por motivo de ter sido um ano de grande seca, Francisco Fernandes e Liberalina mudaram-se para Ceará Mirim, quando o seu filho Leão tinha apenas dez anos de idade. No Ceará Mirim, Leão teve como professor José Paulino Barroca e Zozimo Platão de Oliveira Fernandes. Em 1901 fez a sua entrada no Seminário da Paraíba, sendo Reitor nessa época, Cônego Joaquim de Almeida, futuro bispo de Natal. No referido Seminário fez os cursos ginasial, filosófico e teológico, onde foi sempre dos primeiros de sua classe. Com

grande progresso nos estudos teológicos, foi promovido as ordens sacras. Recebeu o Presidente na Catedral da Paraíba no dia 10 de novembro de 1907. A ordem de diaconato foi-lhe conferida a 10 de novembro de 1906. A sua primeira Missa, foi celebrada na capela do Seminário, no dia seguinte de sua ordenação. A sua vida de sacerdote se desenvolveu na Paraíba, na Capital, tornando-se professor no Seminário e no colégio Pio X. Viveu na Paraíba a cujo clero pertenceu. Cônego do Cabido diocesano da Paraíba, em 20 de março de 1912. Diretor espiritual do Seminário paraibano, por provisão de 15 de fevereiro de 1912. Redator do jornal católico "A Imprensa". Orador, jornalista, notável cultura. Exerceu influência moral no meio do povo e do clero. Sentindo-se doente, veio para o Rio Grande do Norte, fixando-se na cidade de Angicos, atraído pelo seu clima saudável e acolhedor. No pouco tempo que viveu nessa cidade foi o bastante para que lhe proclamassem as virtudes de um santo. Faleceu na cidade de Angicos a 13 de setembro de 1920, vítima da tuberculose. Em 1925 foram reunidos em volume todos os seus discursos, sermões e conferências pronunciadas. O seu nome era conhecido por Leão Fernandes de Maria, uma justa prova de amor e devoção a Nossa Senhora. Os restos mortais do Cônego Leão repousam no Cemitério da cidade de Angicos, junto aos de seu irmão padre Agnelo Fernandes de Queiroz, numa capela tumular.

PADRE LEÔNCIO FERNANDES DA COSTA

É natural do município de Pedro Velho, antigo Vila Nova, onde nasceu a 18 de junho de 1869, na povoação de Carnaúba, filho de Antonio Fernandes Freire da Costa e Cecília Fernandes da Costa. Recebeu o batismo, no sítio Alecrim, em oratório privado, administrado pelo capelão de Carnaúba, padre Joaquim Lopes Galvão. Os primeiros estudos foram feitos em sua terra natal e teve o padre João Francisco de Medeiros como professor de português, francês e Latim, que era capelão de Coitezeiras. Em 1895, fez matrícula no Seminário da Paraíba. A Tonsura clerical, recebeu em 1897 e depois foram seguindo as ordens Menores em 1898; subdiaconato em 1900; diaconato em 1901 e o presbiterato, a 1 de novembro do mesmo 1901. Foi ordenado sacerdote pelo bispo diocesano dom Adauto Aurélio de Miran-

da Henriques. Na capela de Nossa Senhora da Guia, do povoado Carnaúba foi onde o padre Leôncio celebrou a sua primeira Missa, no dia 21do mesmo mês da ordenação. Exerceu o paroquiato pela primeira vez em Pau dos Ferros, ficando ao seu encargo a freguesia de Portalegre, no tempo de 1901 a 04 e em 1802 também se acrescenta a de Martins. No ano de 1904 também lhe fica entregue a freguesia de São Miguel. Deixou o Oeste do Estado, indo para Canguaretama, sendo vigário de 1909 a 11. Em 1915 volta a Canguaretama e fica só até 1916. Não sendo Vila Nova freguesia e sim capela de Canguaretama, o padre Leôncio em 1918 se torna capelão desse lugar e só em 1926 deixa a capelania e se investe pela terceira vez, no cargo de vigário de Canguaretama, sendo-lhe acrescentado-lhe a freguesia de Goianinha. Criada a paróquia de Vila Nova, depois chamada Pedro Velho, em fevereiro de 1922, o padre Leôncio fica no cargo de primeiro vigário dessa nova freguesia, até que em 1933 por motivo de saúde, deixa a vida de vigário, tendo ainda em 1935 sido vigário de Vila Nova e nesse mesmo 1935 o padre recolheu-se a vida privada, no grau de sacerdote avulso, fixando residência na povoação de Carnaúba, pertencente ao município de Pedro Velho e nesse povoado, atendia o povo que o procurasse dando assim, grande auxílio ao vigário de Pedro Velho ou Canguaretama. Findou a sua vida terrena, a 9 de agosto de 1948, no mesmo povoado que residia, sendo sepultado dentro da capela local, onde ainda se encontram os seus restos mortais. Viveu 79 anos de idade e 47 de sacerdote. Todo o seu tempo de sacerdote, serviu no ministério paroquial, com muita dedicação e amor as almas dos fiéis, não notando a distância, nem sacrifício, para bem servir o povo de Deus.

PADRE DR. LÚCIO GOMES GAMBARRA

O padre Lúcio Gambarra, nasceu, na cidade paraibana de Souza, a 15 de agosto de 1880 e recebeu o sacramento do batismo, na Matriz da mesma cidade de seu nascimento, no dia 4 de setembro do mesmo ano, administrado pelo Vigário local, padre José Antonio Marques da Silva Guimarães. Foram seus pais Tibúrcio José Sarmento e Minervina Cavalcante Sarmento. Os seus primeiros estudos foram iniciados na sua terra natal e depois ingressou

no Seminário da Paraíba, em fevereiro de 1895; aí fez os estudos secundários e os de Filosofia e Teologia. Recebeu a Tonsura clerical a 5 de novembro de 1899, seguindo-se nos anos as ordens menores e maiores do subdiaconato e diaconato. Foi ordenado sacerdote na Catedral de João Pessoa no dia 15 de novembro de 1903, administrada pelo bispo diocesano, dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques. A sua primeira nomeação foi logo no dia seguinte da ordenação, para vigário do Apodi, Caraúbas, Martins e Portalegre, permanecendo nessas paróquias de 1903 a 06. Em 1907 foi transferido para Santana do Matos, regendo a paróquia vizinha Angicos. Em Santana do Matos foi vigário até 19 de setembro de 1915, tendo posse nessa paróquia a 24 de abril de 1907, e em Angicos como vigário encarregado a posse foi a 12 de maio do mesmo ano de 1907.

Em 1919 no mês de junho, resolveu deixar o nordeste e se encaminhou ao sul do país, fixando-se no Rio de Janeiro. Em 1922 foi nomeado Vigário da paróquia de Cascatinha, em Petrópolis, diocese de Niteroi, onde se demorou até 1939. Desligou-se por exoneração da diocese de Natal, a seu pedido e foi incardinado no arcebispado do Rio de Janeiro, no ano de 1940. Na Arquidiocese do Rio foi capelão do Senhor do Bomfim e Nossa Senhora da Conceição. Quando no sul, resolveu matricular-se nos estudos de direito civil e assim, a 20 de dezembro de 1922 colou grau de Bacharel em ciências jurídicas e sociais, na Faculdade de Direito da Guanabara.

Na avançada idade de 94 anos e 70 de sacerdote, faleceu no Rio de Janeiro a 2 de agosto de 1974. Dedicou grande parte do seu sacerdócio no ministério paroquial, onde pôde bem servir o povo de Deus, tanto aqui no nordeste, como no sul do país. Foi um sacerdote de cultura e de grande ação no trabalho paroquial. Aqui nas paróquias de Santana do Matos e Angicos, as suas Matrizes receberam do Vigário padre dr. Gambarra, os cuidados preciosos para suas conservações e preparando-as de modo dignos para o serviço divino. Nas paróquias, sobretudo em Santana do Matos, onde maior tempo se demorou, o nome do padre dr. Gambarra é sempre lembrado, especialmente nas viagens de grandes distâncias como exemplo para as Missas do Natal na paróquia vizinha o cavalo que montava não

resistia a marcha forçada para menor tempo então no percurso era preciso trocar de animal a fim de chegar em tempo ao lugar destinado.

PADRE LUIZ MARINHO DE FREITAS

Padre Luiz Marinho de Freitas nasceu a 15 de agosto de 1828, no lugar chamado Triunfo, atual Augusto Severo, filho de João de Freitas Lima e Izabel Barros de Macedo. Fez os seus primeiros estudos na sua terra natal e depois, os estudos foram continuados no Seminário de Olinda, quando então foi ordenado sacerdote a 01 de março de 1857, pelo bispo Dom João da Purificação Marques Perdigão. A sua primeira nomeação foi para o cargo de coadjutor da paróquia de Caicó, no ano seguinte de sua ordenação 1858, servindo na paróquia do padre Visitador Manoel José Ferdandes, que também era seu primo e o assistiu até a sua morte a 10 de fevereiro de 1858, quando então lavrou o termo de óbito. Vigário de Caraúbas nos anos de 1861 a 64, sendo o segundo vigário desta paróquia, ocupando aí o cargo de presidente da Câmara Municipal como o primeiro a ocupar esse lugar, que só exerceu na presidência de seis sessões, por motivo de ter sido transferido para outra freguesia. O Colégio São Sebastião, de Caraúbas, inaugurado a 18 de março de 1867, o teve fazendo parte do corpo docente. Em 1870 esteve em Olinda e aí foi vigário encarregado da paróquia de São Pedro Martir. Voltando para o Rio Grande do Norte, ficou em Acari e aí permaneceu como Vigário de 1870 a 73. Em 1885 e mais, foi secretário de Côn. Pedro Soares de Freitas, quando sendo arcipreste da Província, visitava as paróquias de sua jurisdição. Coadjutor da paróquia de Campo Grande, atual Augusto Severo, no paroquiato do Vigário colado, padre Manoel Bezerra Cavalcante, de 1890 a 92. De Campo Grande, passou a vigário de Jardim do Seridó por duas vezes, nos anos de 1893 a 96 e de 1897 a 98. Vigário de Currais Novos, de 1898 a 901. Nos últimos anos de vida residiu no seu sítio São Pedro, no município de Jardim do Seridó. Faleceu em Jardim, a 21 de setembro de 1902, com 74 anos de idade e 45 de sacerdote. Foi sepultado no Cemitério da cidade de Jardim do Seridó. Era descendente dos

antigos troncos da família "Corôa", tornando-se parente dos pais do padre Guerra. O Diário de Natal na data de 11 de outubro de 1902 publicou a nota seguinte: "Sabemos ter falecido em Parelhas, município, da cidade de Jardim do Seridó, o respeitável sacerdote Reverendo Luiz Marinho de Freitas. O ilustre extinto era natural de Triunfo, membro da distinta família dali e era irmão do nosso velho amigo Tenente Coronel Joaquim Evaristo de Freitas. Contava 74 anos e foi um sacerdote sempre respeitado, por suas virtudes habituais".

CÔNEGO LUIZ FERREIRA NOBRE PELINCA

Era natalense, o cônego Luiz Pelinca e o seu nascimento foi a 5 de junho de 1841, filho do capitão Joaquim Ferreira Nobre Pelinca e d. Bernardina da Conceição Pelinca. Os estudos de primeiras letras foram feitos mesmo em Natal e o curso superior de Teologia foi no Seminário de Olinda e findo todo o curso recebeu a ordem sacra do diaconato em janeiro de 1863 e o presbiterato a 6 de março de 1864. Foi ordenado sacerdote, pelo bispo diocesano dom João da Purificação Marques Perdigão. Regressando ao Rio Grande do Norte, foi para o Ceará Mirim e ai esteve de 1864 até 66. Foi nesse período de 1864 a 65 um biênio, como deputado da Assembléia Legislativa Provincial. Na Assembléia, o padre Luiz Pelinca, em 1865 deu o seu voto contra a criação da freguesia, de São Rafael, alegando a pouca distância para o Açu e Santana; é favorável a criação da freguesia de Angicos e é pelo desmembramento do distrito de paz da Santa Cruz para ser anexado ao município de São José de Mipibu. Deixa o Rio Grande do Norte e fica em Olinda, sendo aí nomeado secretário do Bispado a 12 de agosto de 1868, ocupando esse lugar até 14 de junho de 1869. Vigário de Nazaré da Mata, em Pernambuco, de 17 de outubro de 1870 a 14 de dezembro de 1873 e deixando a referida paróquia, seguiu para o Rio de Janeiro. Não se tem conhecimento, em que cargo se ocupou no Rio de Janeiro. Foi na sua permanência no Rio de Janeiro, que foi agraciado com o título de Cônego e no Rio terminou a sua vida, morrendo nessa grande metrópole, cuja data não é sabida. Na Catedral de Natal, no livro de Batismo n. 3, fls. 110v n. 127, está este termo.

"Aos três de julho de mil oitocentos e quarenta e um, nesta Matriz, de minha licença, o padre Alexandre Ferreira Nobre batizou solenemente a Luiz, nascido a cinco de junho de mil oitocentos e quarenta e um, filho do Capitão Joaquim Ferreira Nobre Pelinca e d. Bernardina da Conceição Pelinca branco, moradores na cidade. Padrinhos Manoel Machado de Miranda e sua mulher Inácia Francisca de Melo, moradores em São Gonçalo, do que mandei fazer este assento. Bartolomeu da Rocha Fagundes".

PADRE LUIS DA FONSECA E SILVA

Foi no Açu que o padre Luiz da Fonseca e Silva, teve por lugar de seu nascimento, no ano de 1804, filho de João de Gois de Vasconcelos Borja e d. Izabel Arminda da Fonseca. Iniciou os seus estudos no Açu, depois continuou no Seminário de Olinda para aí se ordenar sacerdote, sendo oficiante das sagradas ordens o bispo dom João da Purificação Marques Perdigão. A data certa da ordenação não é conhecida, porém, pode-se julgar ter sido no ano de 1836, porque a primeira nomeação que se conhece foi para vigário interino no Açu em 1837 e parte de 1838. Exerceu o magistério escolar em Natal, sendo professor de retórica no Ateneu Norte riograndense em 1841. Na Assembléia Legislativa Provincial, do Rio Grande do Norte, exerceu o mandato de deputado no período de seis Legislaturas bienais, nos anos de 1835-37; 838-39; 840-41; 842-43, 844-45 e 846-47. Quando no mandato de deputado votou favorável: pela criação da paróquia do Acari, transferência da povoação de Santa Cruz para a jurisdição do município de São José de Mipibu, desmembramento de Campo Grande do município do Açu, Martins e elevada à cidade, transferência do distrito de paz de Santa Cruz, que estava com São Bento, para se anexar ao município de São José de Mipibu, desmembramento da freguesia de Angicos, tirada de Macau. Transferência da sede da freguesia de Santa Cruz, para a Serra de S. Bento, S. Gonçalo é elevada à Vila e outros projetos que tiveram a sua aprovação. Juntamente com outros deputados. Vigário encomendado de Extremoz, de novembro de 1859 até dezembro de 1864. O padre Luis conhecia muito a língua latina e foi um grande orador sacro, dotado de inteligência e de cultura, Já adiantado na idade, vol-

tou a Açu e aí faleceu no dia 26 de junho de 1877, contando 73 anos de idade e mais de 40 de sacerdote. Um dos livros de registro de Óbitos, de paróquia do Açu, consta estes dizeres: "Aos vinte e seis de junho de mil oitocentos e setenta e sete, sepultou-se no Cemitério desta cidade, o Revdmo. Padre Mestre, Luis da Fonseca e Silva, falecido de hidropesia, na idade de setenta e três anos com todos os sacramentos, amortalhado com as vestes sacerdotais segundo as disposições canônicas e por mim encomendado, o que para constar fiz este termo no que me assino. O Vigário José de Matos Silva".

CONEGO LUIZ DE FRANÇA DO AMARAL VARELA

O Cônego Luiz de França do Amaral Varela, nasceu em Natal, a 5 de março de 1887, filho do Major João da Fonseca Varela e Inácia Cândida do Amaral Varela. Batizado a 23 de abril de 1887, na igreja de Nossa Senhora do Rosário, pelo padre Francisco Constâncio da Costa, sendo vigário Pe. João Maria. "Aos vinte e três de abril de mil oitocentos e oitenta e sete, na igreja do Rosário, foi solenemente batizado pelo padre Francisco Constâncio da Costa, de minha licença o párvulo Luiz, nascido a cinco de março do mesmo ano, filho legítimo de João da Fonseca Varela e Inácia Cândida e Amaral Varela, sendo seus padrinhos Calistrato Alves de Albuquerque e Joaquina Ferreira Nobre Pelinca, do que fiz este termo. Padre João Maria C. de Brito". — Livro 17 — fls. 107v. n; 107 da paróquia de N. S. da Apresentação.

Com a idade de 9 para 10 anos passou a residir no Ceará Mirim. No Seminário da Paraíba fez os seus primeiros estudos, inclusive filosofia e os primeiros anos de teologia, recebendo das mãos do bispo Diocesano, Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques, na Catedral, a Tonsura clerical; em 11 de novembro de 1906, recebeu as quatro Ordens Menores. No mês de maio de 1907 mudou-se para Belém do Pará e no Seminário de Belém, continuou os seus estudos, tendo antes se excardinado da diocese da Paraíba. Foi ordenado sacerdote a 8 de setembro de 1909, pelo Arcebispo dom Santino Maria da Silva Coutinho. Primeiros cargos ocu-

pados foram de Professor do Seminário Nossa Senhora da Conceição e capelão sucessivamente do colégio Santa Catarina, Orfanato Antonio Lemos e Asilo de Alienados. A 11 de julho de 1917 foi nomeado vigário de Abaetetuba, onde ficou até 1932, quando foi transferido para a paróquia de Mecajuba, no rio Tocantins. Foi nomeado cônego do cabido da Catedral de Belém, a 3 de outubro de 1933, pelo arcebispo dom Antonio de Almeida Lustosa. Em Belém, o Cônego Luiz Varela fundou uma Sociedade Beneficente Coração de Jesus, quando era capelão do Asilo de Alienados, ainda existente. Em 1934, o cônego Luiz Varela veio ao Rio Grande do Norte, em visita aos seus parentes e em Taipu celebrou nesse ano a Missa do Natal do Senhor e depois sentiu-se doente, até que veio falecer a 3 de janeiro de 1935. No Cemitério da cidade de Taipu, em um túmulo próprio, estão os seus restos mortais, onde uma pedra de mármore com dizeres, mostra onde foi sepultado o Cônego Luiz de França do Amaral Varela, riograndense do norte, do clero de Belém do Pará.

PADRE MANOEL ANDRÉ DE PAIVA

Do padre Manoel André é ignorada a data e lugar de seu nascimento, no entanto, entende-se que tenha nascido no Rio Grande do Norte, uma vez que todo desenvolvimento de sua vida sacerdotal, foi neste Estado, em lugares diversos. Também, da sua ordenação sacerdotal, não se tem certeza onde foi, nem quando, o mais certo é que em 1810, o seu nome aparece como coadjutor da paróquia de Extremoz, onde ocupava o cargo de vigário o padre José Inácio de Brito. O padre Manoel André aí no Extremoz permaneceu alguns anos até que em 1814, já está servindo em Arês, no paroquiato do vigário colado padre José Fernandes de Lima, ocupando o mesmo lugar que teve em Extremoz. Em 1817 o padre Manoel André se encontra em Goianinha, ainda interino, substituindo o padre Antonio de Albuquerque Montenegro, oculto por motivo da Revolução de 1817, na qual ele teve parte ativa. De 1819, a 28, o padre Manoel André deixou Goianinha e situou-se em São Gonçalo do Amarante, que na época eclesiasticamente pertencia à paróquia de Nossa Senhora da Apresentação de Natal. Em São Gonçalo do Potengi, como era chamado, no tempo do padre Manoel André, ele ali viveu anos,

tendo o encargo de administrador da capela local. Em 1838, o padre Manoel André, exerce o ministério paroquial na freguesia de Vila Flor e daí em diante, desaparece o seu nome desses lugares de trabalho paroquial e fica-se ignorando, que tempo se demorou na Vila Flor, e se tenha ai findo os seus dias de vida. Dada o desconhecimento de datas, não se pode saber quantos anos tinha ao falecer, nem de sacerdote.

PADRE MANOEL BEZERRA CAVALCANTE

Na série dos antigos vigários do Rio G. do Norte, não pode ser esquecido o padre Manoel Bezerra Cavalcante, que por espaço de cinquenta e três anos, foi vigário da paróquia de Campo Grande, na zona Oeste do Estado e que tem atualmente o nome de Augusto Severo. Era natural de Caraúbas e um dos membros da tradicional família "Cachoeira", à qual pertenceram os fundadores da referida cidade. Os seus estudos primeiros, foram feitos na sua cidade natal, onde tinha residência, na companhia de seus pais. Os demais estudos, inclusive filosofia e teologia, foram feitos no Seminário de Olinda e aí concluídos. A sua ordenação sacerdotal, foi na mesma cidade pernambucana, realizada a dezenove de janeiro do ano de mil oitocentos e quarenta e um. Uma vez ordenado, foi enviado logo após, para servir no ministério paroquial, tendo como local, a grande freguesia de Campo Grande e aí ele é o terceiro pastor dessa comunidade, formada pelo povo de Deus; foi também, por concurso, aprovado, o primeiro vigário colado dessa freguesia. O padre Manoel Bezerra, dedicou toda sua vida sacerdotal na freguesia de Campo Grande, tornando-se assim muito conhecido. No período de vigário no Campo Grande, teve dois sacerdotes que exerceram os cargos de coadjutores: padre Luiz Marinho de Freitas e Amaro Theot Castor Brasil. Nos anos de 1889 e 90, o vigário Bezerra, como era chamado, regeu a freguesia de Caraúbas, Depois de um longo paroquiato, o padre vigário Manoel Bezerra, faleceu na Vila de Triunfo, no dia 17 de dezembro de 1894, contando 81 anos de idade e 53 de sacerdote, todo esse tempo, vigário de Campo Grande. No ano de seu falecimento, o jornal "A República" publicou esta notícia, dizendo assim:

"No dia 16 de dezembro de 1894, na Vila Triunfo, em idade avançada faleceu o venerando padre Manoel Bezerra

Cavalcante que como pároco regeu, desde a sua mocidade, aquela freguesia, onde foi sempre muito estimado, considerado e respeitado por seu caráter distintíssimo. Era homem de bem a toda prova e o mais antigo vigário colado neste Estado. Todos os que o conheceram lamentaram a sua falta".

PADRE dr. MANOEL CAETANO DE ALMEIDA E ALBUQUERQUE

O padre dr. Manoel Caetano é norte-riograndense, nascido aqui mesmo em Natal, a 15 de junho de 1827, sendo seus pais José Paulino de Almeida e Albuquerque e Maria Álvares de Almeida e Albuquerque. José Paulino de Almeida, foi presidente da Província do Rio Grande do Norte e deputado geral pela mesma Província. Morreu assassinado no Recife em fins de 1830. O padre Manoel Caetano foi batizado na casa de residência do Presidente, a 29 de julho de 1827, pelo padre Manoel Pinto de Castro, irmão do padre Miguelinho. Estudou as primeiras letras em Natal e os estudos eclesiásticos fez no Seminário do Maranhão, onde foi ordenado sacerdote, pelo bispo diocesano dom Manoel Joaquim da Silveira. A data da ordenação é ignorada, é provável que tenha sido na década de 1850. Tempo depois de ordenado o padre Manoel Caetano se transferiu para Pernambuco e aí cursou a Faculdade de Direito do Recife onde em 1849 colou grau em ciências jurídicas e sociais. Era o padre Manoel Caetano dotado de ilustração teológica e profana, grande orador e poeta inspirado e de costumes muito regulares, de ilustre família potiguar. Finou-se no Rio de Janeiro a 13 de janeiro de 1855 em consequência de fratura no crâneo produzida por queda de cavalo. Contava 27 anos de idade.

No arquivo da paróquia d'Apresentação-Catedral, encontra-se o termo de batismo do padre dr. Manoel Caetano, que diz o seguinte:

"Aos vinte e nove de julho de mil oitocentos e vinte e sete em casa de residência do exmo. sr. Presidente desta Província o padre Manoel Pinto de Castro, de minha licença batizou e pôs os Santos Óleos a Manoel, branco, nascido nesta freguesia, aos quinze de junho de mil oitocentos e vinte sete, filho legítimo do exmo. sr. Presidente, José Paulino de Almeida e Albuquerque, natural da freguesia da vila do

Recife e da exma. sra. d. Maria Álvares de Almeida e Albuquerque, natural da cidade do Rio de Janeiro. Padrinhos exmo. sr. Marquez de Recife Francisco Pais Barreto de Albuquerque por procuração que apresentou do exmo. Sr. Governador das Armas desta Província Coronel Venceslau de Oliveira Belo e d. Tereza Lins Barreto por seu procurador e Ouvidor e a Comarca Cipriano José Veloso. E para constar fiz este termo que assino, Feliciano José Dornelas — Vigário Colado".

Em uma publicação do escritor dr. Raimundo Nonato com o título "Bacharéis de Olinda e Recife de 1832 a 1932", faz menção dentre os norte-rio-grandenses formados, o padre dr. Manoel Caetano de Almeida e Albuquerque.

PADRE MANOEL FERREIRA BORGES

Padre Manoel Ferreira Borges era pernambucano, sendo ignorado por falta de documentação as datas de seu nascimento, ordenação e morte. Foi ordenado por Dom João da Purificação Marques Perdigão, bispo de Pernambuco. O seu primeiro cargo na Igreja, foi o de capelão da Serra de São Bento, no Rio Grande do Norte, onde esteve nos anos de 1838 e 39. A Capela da Serra de São Bento, na época, era jurisdicionada pela paróquia de Goianinha. No fim de 1839 o padre Borges passou a coadjutor pró-pároco de Goianinha, em razão do vigário desta paróquia, padre Antonio de Albuquerque Montenegro não poder mais exercer o ministério paroquial, por motivo de saúde. Com o falecimento do padre Montenegro, em 1840, no mês de dezembro, o padre Borges assumiu interinamente o cargo de vigário encomendado e aí, nessa interinidade chegou ao ano de 1842 quando então se submeteu ao concurso de vigário da mesma paróquia, tornando-se de março de 1842 em diante Vigário colado. O padre Borges não ficou longe da política partidária, passando a ser partícipe do Partido Liberal, que lhe deu assento na Assembléia Legislativa Provincial, exercendo o mandato em duas legislaturas, nos anos seguintes: 1852 e 53: 1860 e 61. Como Deputado provincial o padre Borges trabalhou pela criação do ensino de primeiras letras em Santa Cruz, para meninos e em Apodi, para meninas; uma cadeira de genética latina, em Goianinha; pelo aumento das côngruas dos padres coadjutores, para duzentos mil réis

anuais; pela criação das freguesias de Macau e Nova Cruz, pela restauração da freguesia de Arês; pela transferência da sede paroquial de Extremoz para a povoação de Boca da Mata, atual Ceará Mirim. Pela sua cultura e zelo paroquial, mereceu do bispo diocesano, D. João da Purificação, o cargo de Arcebispo, melhor conhecido pelo título de Visitador diocesano, cuja nomeação foi a 13 de novembro de 1868, não se afastando, do vigário de Goianinha, como Visitador diocesano esteve em Touros, Santa Cruz, Ceará Mirim e outras paróquias, não ultrapassando os limites de sua jurisdição. Era severo no cumprimento das leis canônicas, assim, tendo conhecimento por denúncia que na capela do Melão, da paróqüia de Santa Cruz, lugar atualmente chamado Coronel Ezequiel, o padre Crispiniano vinha mensalmente celebrar missas ai, como a capela não tinha patrimônio, mandou suspender a celebração das Missas, até que, os interessados fizessem doação do patrimônio, que não demorou ser feito, tornando a capela do Melão na lei canônica. O povoado com o nome de Salto da Onça, pertencente a paróquia de Goianinha, em 1863 por iniciativa do Vigário Borges, teve o nome mudado para Santo Antonio, o povo não quis perder o nome tradicional e ficou chamando Santo Antonio do Salto da Onça. Foi dono de escravos que os tratava como cristãos, mesmo quando acontecia fugir algum e que era recuperado, ele o recebia bem, não castigando pelo ato que fez. O seu paroquiato em Goianinha foi de muitos anos, somem-se 42 anos de trabalho numa paróquia de grande extensão territorial, de população numerosa e foi nesse tempo de vigário que surgiu a questão religiosa, da maçonaria contra o bispo de Pernambuco, Dom Vital Gonçalves de Oliveira e que muito preocupou o padre Borges, o qual se manteve com dignidade e, fiel as leis da Igreja. O seu paroquiato chegou até o ano de 1882, quando por motivo desconhecido, foi causa de sua retirada definitiva da paróquia, indo para a sede do bispado em Olinda, onde anos depois extinguiu-se a luz de seus olhos e mais tarde fecharam-se para a eternidade. Desconhecemos a data do seu falecimento.

PADRE MANOEL MARCELINO DE BRITO

O Padre Manoel Marcelino de Brito, também é da região do Seridó. Nasceu em São João do Sabugí a 22 de julho

de 1875 e foram seus pais Manoel Marcelino de Brito e Maria Paulina de Brito. Foi batizado pelo vigário Padre Manoel Salviano de Medeiros a 13 de agosto do mesmo 1875, na igreja local. Teve os seus primeiros estudos na sua terra e depois se matriculou no Seminário da Paraíba. No Seminário fez o curso de preparatórios e nos anos seguintes estudou filosofia e teologia, materias do curso eclesiástico. Desde a primeira Tonsura até a ordem de presbítero teve como oficiante o bispo diocesano Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques. A Tonsura clerical recebeu a 5 de novembro de 1899 e foi ordenado sacerdote a 15 de novembro de 1903. Somente teve cargo paroquial em 1906 quando se tornou vigário encomendado da paróquia de Serra Negra, em cuja paróquia pertence a sua terra natal — São João do Sabugi. Apenas vigário no espaço de três anos, deixando o cargo em 1909. Deixando a paróquia de Serra Negra, resolveu viajar para o norte do país e é assim que seguiu para o Amazonas chegando até o Rio Negro. Foi no Rio Negro que a 9 de janeiro de 1910, o padre Marcelino de Brito, longe de sua terra e dos de sua família, veio a falecer, contando 35 anos de idade e apenas 7 de sacerdote.

PADRE Dr. MANOEL GONÇALVES SOARES DE AMORIM

Filho do Açú, onde nasceu a 2 de novembro de 1851, filho do português Capitão José Gomes de Amorim, natural de Povoa do Varzim e de d. Ana Clarinda Soares de Amorim, natural do Açu. Em 1864, o menino Manoel, com 13 anos de idade foi para o Recife, em cujo comércio se colocou e obedecendo aos desejos da família se transportou a 22 de janeiro de 1865 para a cidade do Porto, em Portugal, iniciando ali, no Colégio Podestá os seus estudos eclesiásticos. Em 1866 voltou para Recife, quando ingressou no Seminário de Olinda, a 16 de julho de 1867. Em agosto de 1869 recebeu as duas primeiras ordens menores. Deixou o Seminário de Fortaleza, por motivo de ser contra o celibato, não foi bem recebido pelos seus superiores, razão porque a família o fez voltar a Europa, matriculando-se no colégio Pio Latino em Roma, doutorando-se na Universidade Gregoriana, em Direito Canônico em 1876, em Roma, na Basílica de São João de Latrão e celebrou a sua primeira Missa na Basilica de Santa Maria Maior. Antes de regressar ao Brasil, no fim de 1876,

fez uma visita à Terra Santa e no altar da Stabat Mater, na Basílica do Santo Sepulcro, celebrou uma missa, com autorização da autoridade competente. De volta ao Brasil, chegou em Recife a 6 de novembro de 1876 e aí ficou quando foi nomeado professor do Seminário de Olinda. Não se esqueceu de sua terra natal — o Açu e a 8 de dezembro de 1876 celebrou na Matriz de São João Batista, a sua primeira missa cantada no Brasil. Em 1879, veio para o Rio Grande do Norte e foi nomeado vigário de Santana do Matos. Voltou a trabalhar em Recife fixando residência definitiva, sendo então capelão do Arsenal de Aprendizes Marinheiros. Em 1882 esteve no Estado do Rio, onde foi vigário da paróquia de Cantagalo. Um ano depois em 1883. já em Pernambuco foi designado para Vigário de Itambé, em cuja paróquia passou muitos anos, onde foi benquisto dos seus paroquianos. A 9 de novembro de 1889, colou grau de Bacharel em Direito civil, pela Faculdade do Recife. Por duas vezes, foi eleito Deputado da Assembléia Legislativa de Pernambuco, nas 26a. e 27a. legislaturas. Orador sacro notável, advogado brilhante, historiador, escreveu e publicou interessante monografia em 1922 provando que Felipe Camarão, era natural do Rio Grande do Norte. De vasta cultura filosófica. Fez a 4 de março de 1884, a oração congratulatória na posse do bispo da Paraíba, dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques. Desde 1903 que era sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. A lei n. 52 de 8 de setembro de 1893 criando o município de Itambé, Pernambuco, foi o padre Amorim o seu primeiro Prefeito. Como advogado, na Tribuna forense, suscitava aplausos pela beleza da linguagem. Faleceu em Recife, a 22 de maio de 1935, com 84 anos de idade e 59 de sacerdote. No Arquivo paroquial do Açu está o seu termo de batismo, nos dizeres: "Liv. fls. 22 — Manoel, branco, filho de José Gomes de Amorim e Ana Clarinda Soares de Amorim, nasceu a 2 de novembro de 1851, foi batizado por mim, na Matriz, a 21 de novembro; seus padrinhos Luiz Soares de Araújo Picado e Ana Quitéria Soares de Macedo, solteiros e para constar fiz este termo que assino.

Padre Elias Barbalho Bezerra

Coadjutor pró-pároco do Açu.

CÔNEGO MANOEL JOSÉ FERNANDES

Cônego Manoel José Fernandes, nasceu em 1800, na fazenda Pedra Liza, que pertencia a paróquia do Açu e que no presente está situada no município de Augusto Severo, antigo Campo Grande. O seu batismo foi no Açu. Filho de André José Fernandes e Luíza Maria de Jesus ou melhor Luiza de Brito Guerra, era irmã do padre Francisco de Brito Guerra. O pai do Cônego Manoel José Fernandes, também se assinava por André Fernandes Pimenta. Os seus estudos primários foram feitos em Caicó porque ainda jovem, tendo falecido o seu pai, veio então residir com o seu tio, o padre Guerra, no Caicó, onde continuou os seus estudos, matriculando-se na escola de Latim do padre Guerra e já com algum preparo, foi para o Seminário de Olinda, provavelmente no ano de 1820, quando se lê no livro de matrícula daquele estabelecimento de ensino eclesiástico, o nome do Cônego Manoel José Fernandes, até 1822. Não se tem a data certa de sua ordenação sacerdotal, mesmo em Olinda, nada consta. É mais certo ter sido antes de 1825, quando aparece o seu nome como Padre, em uma função em Jardim de Piranhas. De 1819 a 23 o bispado de Olinda estava sem bispo. Durante 20 anos, foi coadjutor do padre Guerra, no Caicó; foi pró-pároco em 1831 e vice-vigário em 1834. Com o falecimento do seu tio o padre Guerra ficou como substito no cargo de vigário de Caicó, no ano de 1858, tomou posse a 24 de agosto, tornando no mesmo ano vigário colado. O bispo dom João da Purificação Marques Perdigão, nomeou o Cônego Manoel José Fernandes, em maio de 1845 para o cargo de Visitador diosecano, nas Províncias da Paraíba e Rio Grande do Norte e que por ter demorado muitos anos nesse cargo, ficou mais conhecido pelo nome de Visitador Fernandes. Nos documentos feitos como visitador, no início do papel tinha esses dizeres: Presbítero secular, Cavaleiro da Ordem de Cristo, Cônego Honorário da Imperial Capela, vigário colado na freguesia de Santa Ana do Seridó, Visitador Geral e Delegado do Crisma nas Províncias da Paraíba e Rio Grande do Norte. Cônego Imperial em 1849. Ocupando cargo civil, foi suplente do Conselho, não assumindo por motivo de doença. Na primeira eleição para a Assembléia Legislativa Provincial, foi eleito com 23 votos. Foi Presidente da Assembléia Legislativa nos anos de 1838, 39, 40, 44 e 46. Deputado Provincial no período de biênios: 1835-37, 38-39, 42-43, 46-47,

48-49, 50-51 e 54-55. No cargo de vigário no Caicó, o padre Luiz Marinho de Freitas, foi seu coadjutor. O padre Luiz Marinho era seu primo e foi quem assistiu o falecimento do Cônego vigário e disse no termo de Óbito que ele morreu sem sacramentos por não haver tempo. O falecimento do Cônego Manoel José Fernandes, foi repentino, de apoplexia, na manhã do dia 10 de fevereiro de 1858, no Caicó, com 57 anos de idade e foi sepultado na capela-mor da Matriz de Santana, atual catedral de Santana da diocese de Caicó. Não foi muito afeiçoado à política, mas, sim, pelo ministério sacerdotal foi onde se dedicou grandemente entregando-se ao bem das almas com um verdadeiro heroísmo. Ajudou a construção da Igreja do Rosário. Em seu testamento pediu que logo após a sua morte, se dê cartas de liberdade aos seus cinco escravos. Os bens que possuia foram todos licitamente adquiridos pelo exercício de suas ordens.

PADRE MANOEL PINHEIRO TEIXEIRA

O padre Manoel Pinheiro Teixeira, era português, da região de Penafiel, bispado de Porto, onde nasceu no ano de 1673. Já era ordenado sacerdote quando veio para o Brasil em companhia de dois irmãos chamados José e Francisco, sendo o padre o mais velho dos três. Chegando no Brasil, fixaram residência em Natal, que na época já era cidade e paróquia. José e Francisco, em Natal, se casaram e constituiram famílias, donde provém o início da família do padre Miguelinho. Dedicando-se os irmãos ao trabalho de agricultura e criação de gado, adquiriram terras de sesmarias. Com os anos de permanência os irmãos do padre morreram em Natal. O padre Manoel Pinheiro também teve posse de terras por sesmarias, desde 1706, quando requereu terras de Umarí, Catolé, Mãe d'água; em 1711 terra no Pitimbu e em 1739, no rio Maxaranguape, terras apropriadas para agricultura e criação. Não consta que o padre Manoel Teixeira Pinheiro tivesse ocupado cargo de vigário. Em Natal só tinha a paróquia de N. S. da Apresentação e esta era pequena, habitada apenas a pequena cidade do Natal. Desde algum tempo vinha no cargo de capelão da Fortaleza dos Santos Reis Magos, onde havia presos sob guarda militar. Em 1727 o padre Manoel Pinheiro, em petição como capelão da Fortaleza, se dirigia ao Rei de Portugal, pedindo um ordenado igual ao que se dava aos Vigários das igrejas de Pernambuco e tam-

bém, para ser por Sua Majestade confirmado no posto. O seu pedido fora aceito, quando em 1732 por carta de Provisão passada por Dom Manoel Rolim de Moura é confirmado no posto de capelão da Fortaleza dos Santos Reis Magos. Ainda em 1746, o padre Manoel Pinheiro no posto de capelão da Fortaleza dos Santos Reis Magos da Barra da Cidade do Natal, endereça nova petição pedindo aumento de saldo. O padre Manoel Pinheiro foi nomeado Capelão da Fortaleza dos Santos Reis, em 1727 quando substituiu ao padre Antonio Rodrigues Fontes, que aí exerceu a capelania até o ano de 1726.

A 16 de março de 1732 o Capitão Mor da Capitania do Rio Grande — de nome João de Barros Braga faz ver a Sua Majestade a falta de paramentos e outros ornamentos para a Capela da Fortaleza dos Santos Reis Magos e a 11 de março de 1733, o Provedor do Conselho Ultramarino, escreve sobre os ornamentos e imagens necessários para a Capela da Fortaleza dos Santos Reis Magos, anexando o rol no qual diz a medida da Capela e os ornamentos e paramentos precisos.

PADRE MANOEL JANUÁRIO BEZERRA CAVALCANTE

Padre Manoel Januário Cavalcante é filho do Açu, onde nasceu no ano de 1815. Na sua terra natal fez os estudos das primeiras letras, continuando depois no Seminário de Olinda e ai estudou as matérias necessárias para o curso eclesiástico. Em Olinda, o bispo diocesano dom João da Purificação Marques Perdigão, ordenou sacerdote a Manoel Januário a 26 de março de 1838. Em primeiro lugar foi vigário interino do Açu de 1838 a 44 quando por concurso se tornou vigário colado da mesma, ai permanecendo até 1859, quando fez permuta da paróquia com a de Canguaretama, onde era vigário o padre José de Matos. Sendo vigário no Açu, teve ocasião de atender à freguesia de Angicos nos anos de 1839 a 43 e teve também um auxiliar com o título de coadjutor na pessoa do padre Antonio Freire de Carvalho, filho do Açu. Não faltou a sua presença na Assembléia Provincial legislativa, onde foi deputado no período de 1852 a 59, três legislaturas bienais. Foi vice-presidente da Assembléia Legislativa, na presidência do padre José de Matos. Como deputado deu seu voto favorável pela criação das paróquias Caraúbas, Pa-

tu e Serra Negra. Votou em 1858, pela inclusão no orçamento da quantia de 300$000 trezentos mil réis para melhora da capela do Senhor dos Passos, na Matriz d'Apresentação. Era vigário no Açu, em 1839 quando teve ai a visita pastoral do bispo dom João da Purificação e na de Canguaretama, onde exerceu o ministério paroquial de 1860 a 94, teve a visita pastoral do bispo diocesano de Olinda, dom José Pereira da Silva Barros. O padre Manoel Januário, foi fiel no cumprimento dos seus deveres no serviço paroquial, não deixando de atender aos enfermos. Conta-se que era a cavalo o seu modo de levar o sagrado viático e se acompanhava do sacristão, este vestido de ópa tocando a campanhia. Faleceu à tarde do dia 19 de junho de 1894, com 79 anos de idade e mais de 50 de sacerdote. O jornal "A República" noticiando a morte do padre Manoel Januário, escreveu o seguinte: "... foi sempre um exemplo vivo de paz e candura, uma alma generosa sempre aberta às ações mais nobres e edificantes. Morre pobre deixando sem arrimo três sobrinhos órfãos além de outras pessoas de sua família.

PADRE MANOEL PINTO DE CASTRO

Padre Manoel Pinto de Castro. mais conhecido por Padre Pinto, irmão do padre Miguelinho, nasceu em Natal a 30 de agosto de 1774 e foi batizado na Matriz da Apresentação, no dia 22 de setembro do mesmo ano, pelo padre Coadjutor, Bonifácio da Rocha Vieira, sendo seus padrinhos Luiz José Rodrigues Pinheiro, solteiro e Joana de Melo Andrade, casada com o capitão João de Moura de Melo. Seus pais Manoel Pinto de Castro e Francisca Antonia Teixeira. Era o padre Pinto de estatura pequena, gordo, andava depressa, gostando de ouvir histórias e achava graça nas anedotas. O seu escravo Zeferino que na hora da ceia vinha chamar o padre que estava debaixo da gameleira, na praça da Alegria. O padre Pinto era de hábitos simples, popular, mas, intolerante para os adversários políticos. Não se sabe quando, nem onde foi ordenado sacerdote, que deve ter sido em Olinda. Pró-Pároco da Apresentação em outubro a dezembro de 1830. Ocupou importante cargos públicos na Província: primeiro Presidente do Conselho Geral da Província em 1830; secretário do governo de 1810 a 1818. Vice-Presidente da Assembléia Legislativa Provincial de 1836 a 37. Administrou a Província de 2 a 24 de setembro de 1832 e de 8 de dezembro de

1832 a 23 de janeiro de 1833. Presidiu a junta do Governo, empossada a 18 de março de 1822. Coube ao padre Pinto promover os festejos e jurar fidelidade ao Imperador. Há uma história bem interessante que se conta referente ao seu escravo, Zeferino: uma tarde o padre Pinto ia sair quando Zeferino disse que vai chover e foi interrogado pelo padre: "chuva nesse tempo Zeferino? Sim senhor, meu amo, eu já mandei os moleques com as bacias, jarros e potes para as goteiras. Quem te disse isto Zeferino? Meus cálculos, meu senhor. Padre Pinto não saiu, nem uma gota de chuva molhou as vasilhas aparadoras. Pela manhã depois do café, padre Pinto perguntou a Zeferino: então Zeferino, a chuva? Ele respondeu o onipotente zombou dos meus cálculos. O onipotente zombou de teus cálculos, Zeferino? Eu também vou zombar deles. Vá buscar a palmatória... Meu senhor... Vá buscar a palmatória, moleque mentiroso e deu uns bolos no escravo. Eu não quero Físicos, astrólogos, advinhos em minha casa. Fora de casa. na calçada com as mãos vermelhas dos bolos, os vizinhos perguntaram Zeferino quem estava apanhando? Esta cambada de moleques que não quer ir direito, que não obedece nem a mão de Deus Padre. Não quer ir por bem o jeito é a palmatória. Comigo é assim. Padre Pinto residiu muito tempo na Rua do Fogo e depois passou para à Rua Santo Antônio n.º 716, onde faleceu a 2 de agosto de 1850. Morreu com 76 anos de idade e foi sepultado na Matriz e tempo depois os seus restos mortais foram levados para o Cemitério Público colocados num túmulo de alvenaria, sem nome. A rua do Fogo tem atualmente o nome "Rua Padre Pinto". No arquivo paroquial da Apresentação está o termo de óbito do padre Pinto deste modo:

"Aos dois de agosto de mil oitocentos e cincoenta, faleceu da vida presente com o Sacramento da Extrema Unção o Padre Manoel Pinto de Castro, com idade de setenta e seis anos; foi sepultado nesta Matriz e encomendado por mim. E para constar fiz este assento em que assinei (a)

Bartolomeu da Rocha Fagundes, Vigário Colado".

PADRE MANOEL SALVIANO DE MEDEIROS

O português Rodrigo de Medeiros Rocha casado com Apolonia Barbosa Valcacer, residente na fazenda Curral

Queimado, situada no atual município de São João do Sabugi, antes conhecido por São João do Príncipe contava dez filhos, dentre estes o Alferes Antonio Medeiros, o fundador de São João do Sabugi e Manoel que era o Padre Manoel Salviano de Medeiros, netos de Antonio de Medeiros Filho e Inácia Nóbrega de Medeiros e bisnetos de Antonio de Medeiros e Maria Garcia do Amaral. Nasceu o Padre na mesma região do Seridó, na fazenda Curral Queimado, no ano de 1824. Fez os estudos das primeiras letras em escola particular, seguindo depois para o Seminário onde cursou teologia e matérias outras do curso eclesiástico. Foi ordenado sacerdote em Olinda, a 28 de junho de 1851, pelo bispo diocesano dom João da Purificação Marques Perdigão. Nomeado vigário de Serra Negra em 1860, fez sua permanência em São João do Sabugí, por estar mais perto da sua família, indo sempre à sede da Paróquia, em Serra Negra. Vigário encomendado da referida Serra Negra, por três vezes, tendo sido o segundo vigário. A sua primeira vez que assumiu o cargo foi de 1860 a 71. Segunda vez de 1875 a 76 e a terceira de 1877 a 1902. Foi o padre Manoel Salviano muito benquisto de seus paroquianos e também conterrâneos, mesmo sem ter se situado na sede da paróquia. Na idade de 78 anos e 51 de vida sacerdotal, o padre Manoel Salviano de Medeiros, terminou a sua vida terrena, que muito serviu a igreja e ao povo de Deus, a 17 de dezembro de 1902. Em São João do Sabugi, na sua capela, dedicada a São João Batista, estão os restos mortais do Padre Manoel Salviano de Medeiros.

PADRE MANOEL JOAQUIM DA SILVA CHACON

Padre Manoel Joaquim Chacon, nasceu a 21 de agosto de 1824, sendo seus pais Manoel Fernandes da Silva e Inês Maria de Jesus. Há uma incerteza referente ao lugar de seu nascimento, julga-se ter sido em Olinda, Pernambuco, ou em Goianinha no Rio Grande do Norte. Manoel Fernandes da Silva, o pai do padre era Coronel da Milícia. Por informação dada, diz-se que o padre Chacon, antes de ser ordenado sacerdote, fora casado com Antonia Umbelina de Carvalho e que chegando ao estado de viúvo resolveu ser padre, o que veio acontecer a 21 de outubro de 1848, em Olinda, pelo bispo diocesano dom João da Purificação Mar-

ques *Perdigão*. Depois de ordenado ficou algum tempo servindo na cidade sede do bispado e só chegou para trabalhar no Rio Grande do Norte em 1853, localizando-se na freguesia de Goianinha, onde esteve como auxiliar do vigário colado e arcipreste padre Manoel Ferreira Borges. Padre Manoel Joaquim teve permanência na freguesia de Goianinha de 1853 até 1863. Nos anos de 1864 a 68 serviu de coadjutor em Nova Cruz, e sobretudo de pró-pároco, na sede da freguesia que era na Serra de São Bento; e sendo no Seridó, criada por lei do Legislativo, no ano de 1884 a freguesia de Currais Novos, foi o padre Manoel Joaquim Chacon, nomeado o seu primeiro vigário, fazendo a instalação canônica da paróquia, dia de sua padroeira, Santana, a 26 de julho de 1885. A igreja de Currais Novos era uma simples capela, o vigário padre Manoel Joaquim fez uma nova igreja, maior, para melhor acomodação do povo e teve início o trabalho a 4 de outubro de 1889. Como vigário de Currais Novos, o padre Manoel Joaquim Chacon, permaneceu até 22 de maio de 1890, quando faleceu. A igreja Matriz de Currais Novos guarda, em lugar preparado os ossos do seu primeiro vigário.

PADRE MANOEL TEIXEIRA DA FONSECA DE LIMA

Padre Manoel Teixeira era natural do Seridó, onde nascera em 1773, filho de Luiz Teixeira da Fonseca, que era português e de Joana Batista da Encarnação. Seus estudos foram feitos no Recife e o curso superior foi no Seminário de Olinda e não se tem bem certa a data de sua ordenação sacerdotal, mas julga-se ter sido no ano de 1795. Voltando depois de ordenado para o Rio Grande do Norte, foi servir à igreja do Caicó, onde era vigário colado o padre Francisco de Brito Guerra e aí permaneceu por muito tempo, servindo aos vigários sucessores do padre Guerra. Sendo o padre Francisco Justino, vigário do Jardim do Seridó, aí esteve como seu coadjutor, o padre Manoel Teixeira e nessa freguesia veio findar os seus dias de vida. Nesse período de tempo que padre Manoel Teixeira trabalhou, o atual Jardim do Seridó, ainda era chamado Conceição do Azevedo, nome primitivo do lugar na sua fundação. Além de Caicó e Jardim, serviu também no Acari e Currais Novos. Estava residindo em Jardim do Seridó quando se deu o seu faleci-

mento, no dia 18 de julho de 1864, com 91 anos de idade e 69 anos de ordenado. Não ocupou em tempo algum o cargo de vigário, foi por tempo capelão e depois o de auxiliar ou coadjutor. Está sepultado no Cemitério do Jardim do Seridó.

PADRE MATIAS CABRAL DE MACEDO

Padre Matias Cabral nasceu no Açu no ano de 1745, filho do Coronel Jerônimo Cabral de Macedo e Maria do Ó de Faria. Neto do Capitão-Mor José Ribeiro de Faria e Joana Martins. Ordenado sacerdote em 1773. Faleceu em 1777, o padre Matias, com 32 anos de idade e apenas 4 de sacerdote. Não consta ter sido vigário.

PADRE SALVADOR MARIA DA TRINDADE

Padre Salvador nasceu em 1783, em Natal e foi ordenado sacerdote em 1821, em Olinda. Exerceu em todo tempo o cargo de auxiliar da paróquia de N. S. da Apresentação, com função nas capelas de São Gonçalo, Ferreiro Torto, Utinga e mais capelas da paróquia. Padre Salvador faleceu em 1851, com 68 anos de idade e 30 de sacerdote. Foi sepultado na Matriz da Apresentação.

CÔNEGO MARCOS APRÍGIO DE SOUZA SANTIAGO

Nasceu em Natal, no dia 7 de outubro de 1869, o Cônego Aprígio de Souza Santiago, batizado na Matriz de Nossa Senhora da Apresentação pelo vigário colado Bartolomeu da Rocha Fagundes a 24 do mesmo mês e ano e filho de Pompeu Ezequiel de Souza e Isabel Emerita de Caldas Santiago. Fez os seus estudos primários em escolas de Natal, como também, o curso secundário ou preparatórios e em seguida passou a estudar no Seminário de Olinda, onde deu início e terminou o curso de filosofia, teologia moral e dogma, com o direito canônico. Terminado o curso superior foi então ordenado sacerdote a 28 de outubro de 1894, pelo bispo diocesano dom Manoel dos Santos Pereira. No ano seguinte 1895, teve a sua primeira nomeação no ministério paroquial, para

vigário interino de Macaíba, tornando-se efetivo no cargo, como vigário ecônomo da mesma paróquia, no ano de 1896 e aí permaneceu exercendo o paroquiato até fevereiro de 1900, estando nesse ano de 1900 na paróquia de Ceará Mirim. Saindo do Rio G. do Norte, procurou a região do norte, do país, chegando até Belém do Pará e aí se demorou alguns anos, ocupando o cargo de vigário em paróquias daquela Arquidiocese, até que em 1919, deixou definitivamente o Pará e tomou a direção do sul, no Rio de Janeiro conseguiu ser vigário em algumas paróquias, notadamente a de Nossa Senhora da Ajuda, fora do Rio, na ilha do Governador. Foi o seu último lugar de trabalho no ministério paroquial, a de Nossa Senhora da Ajuda, no lugar referido, aí findou também, a sua vida terrena, falecendo a 26 de maio de 1929, sepultado no Cemitério da mesma Ilha. Cônego Cabido do Pará e ao falecer contava a idade de 60 anos e 35 de sacerdócio, todo dedicado a Cura das Almas, num contínuo trabalho em paróquias, em região diversa. O Cônego Marcos era da família, na época passada se distinguia em Natal, ocupando cargos de posição notada. No arquivo da igreja Catedral no livro 13, fls. 104v encontra-se este termo: "Aos vinte e quatro de outubro de mil oitocentos e sessenta e nove, na Matriz, batizei solenemente a Marcos, nascido a sete de outubro de mil oitocentos e sessenta e nove, filho de Pompeu Ezequiel de Souza Santiago e Izabel Emerita de Caldas Santiago, brancos, moradores nesta freguesia, foi padrinho José Antonio de Souza Caldas Júnior e para constar fiz este assento, que assinei. Bartolomeu da Rocha Fagundes, vigário colado."

PADRE MIZAEL JUSTINIANO DE CARVALHO

Sua cidade, Nísia Floresta, antiga Papari, nasceu o padre Mizael a 25 de outubro de 1875, filho de Manoel Joaquim de Carvalho e Silva e Umbelina Olímpia de Carvalho e Silva. Nas escolas de sua terra fez os estudos de primeiras letras e em seguida o curso secundário e o superior de filosofia, direito canônico e teologia, no Seminário da Paraíba, onde também, os estudos concluídos recebeu todas as ordens menores, inclusive a tonsura que o marcou membro do clero, isto em 1898. Nos anos seguintes foram chegando as ordens; menores em 1899; subdiaconato em 1901 e também o

diaconato; por fim o presbiterato a 9 de novembro de 1902. Foi na Matriz de Canguaretama, na festa de sua padroeira, Nossa Senhora da Conceição, que a 8 de dezembro de 1902, o padre Mizael celebrou a sua primeira Missa. Começou a trabalhar na freguesia de Nova Cruz, de janeiro de 1903 indo até 04 quando se transferiu para Touros e aí esteve todo o ano de 1904. Em 1905 já está em Natal como coadjutor do padre João Maria. Foi de meses a sua permanência em Natal, estando em fins de 1905 e chega até 1908 como vigário de Martins; antes do fim de 1908 e todo 909 em Canguaretama e outra vez no oeste do Estado, de 1910 a 12 como vigário de São Miguel e antes de 1910 por pouco tempo, esteve na freguesia de Conde, na Paraíba. Apodi de 1912 a 13 com o encargo de Portalegre e no fim de 13 e 14, esteve em Serra Negra do Norte, na região do Seridó. Volta ao oeste, em Caraúbas, em 1914; torna a Martins com a regência de Patu. Vigário de sua terra Papari, no espaço de dez anos, 1919 a 29 e com esta, regeu a freguesia de Arês, e só por cinco meses teve a direção da freguesia de Goianinha, em 1924. Em São Gonçalo do Amarante de 1930 ao fim do ano. Outra vez em Papari de 1931 a 34, em Jardim do Seridó no ano de 1934 lá esteve apenas de fevereiro a outubro. Nesse mesmo ano de 1934, esteve em João Câmara e que foi a sua última paróquia e é assim que por motivo de saúde e de idade já adiantada, deixou definitivamente a vida de vigário em 1936 e passou a viver tempo em São José de Mipibu e tempo em Nísia Floresta, assim depois de anos, resolveu fixar-se de uma vez, na sua cidade — Nísia Floresta e foi aí que a 28 de janeiro de 1943, de modo repentino, foi por Deus chamado para a eternidade. Sepultado em um túmulo da Família, jazem os seus restos mortais no cemitério de Nísia Floresta. O padre Mizael quando veio a falecer tinha 68 anos de idade e 41 de sacerdote, todos estes anos dedicados ao serviço pastoral, no interior da diocese. Era de físico forte, de boa estatura, alvo e muito benquisto no trato social, pelos que lhe procuravam.

PADRE MIGUEL JOAQUIM DE ALMEIDA E CASTRO

Padre Miguelinho, como é conhecido, nasceu em Natal a 17 de novembro de 1768, filho legítimo de Manoel Pinto de Castro, natural de São Veríssimo de Valbon, bispado do Porto, Portugal e de d. Francisca Antonia Teixeira, natural de

Natal. Batizado na Matriz da Apresentação pelo padre Coadjutor Bonifácio da Rocha Vieira, no dia 3 de dezembro de 1768, sendo vigário da paróquia o padre Pantaleão da Costa de Araújo. Padre Miguelinho tinha três irmãos: Inácio, que foi vigário de Jaboatão, em Pernambuco; Manoel Pinto, vigário de Natal e José Joaquim, que exercera o paroquiato no Maranhão. Com 16 anos de idade foi para o Recife e lá ingressou na Ordem Carmelita da reforma de Pernambuco, professorado a 4 de novembro de 1784 com o nome de Frei Miguel de São Bonifácio fazendo ai regularmente seus estudos. Conquistou pelo talento e brilhantes predicados morais a predileção dos mestres e a estima dos confrades. Como era de pequena estatura, chamavam-no Frei Miguelinho. Terminado o curso com a necessária licença da Metrópolis, viajou a Lisboa, na companhia do Procurador da sua Ordem. Esta viagem a Lisboa teve influência decisiva na vida de Frei Miguelinho, onde fez grandes amizades com os maiores sábios e homens de pensamento. Frequentou as sociedades literárias, quando se fazia admirar pelo brilho de sua inteligência e elevado nível cultural. Dessas importantes amizades feitas por Frei Miguelinho, em Portugal, tem especial relevo a que manteve com Dom José Joaquim de Azevedo Coutinho, bispo eleito de Pernambuco. Não desejando mais a vida claustral, para a qual não tinha pendor e se diz que professou para cumprir tão somente um voto que sua mãe fizera. Pediu e alcançou a secularização, que lhe foi concedida por Brevê da Santa Sé, daí então não mais Frei Miguelinho, mas Padre Miguelinho. Em 1800 regressou a Pernambuco, sendo recebido com grande entusiasmo por seus amigos e admiradores, que o reconheciam como um sábio, teólogo, profundo filósofo e orador insigne, sendo considerado e respeitado pelo seu valor e extraordinária cultura, de modo que o Bispo Azevedo Coutinho, inaugurando em 1800, o Seminário de Olinda, convidou o padre Miguelinho para a cadeira de Retórica. Na Revolução de março de 1817, distinguiu-se pelo seu entusiasmo, sendo meio de propaganda a Academia Suassuna. Motivos vários deu origem a dissabores surgidos entre o padre Miguelinho e o Bispo de Olinda. Foi o padre nomeado Secretário do Governo Revolucionário de 1817, cargo que desempenhou com dignidade, dizendo "sem ele, nada se fazia", fez os decretos, as proclamações, ordens, ofícios e todos os mais trabalhos de Gabinete. A 21 de maio de 1817 o padre Miguelinho foi preso, quando o movimento foi vencido, sendo le-

vado para o navio o Carrasco com 71 companheiros, conduzidos para a Bahia. onde debaixo de guilhões desembarcaram a 9 de junho, e no mesmo dia padre Miguelinho e seus companheiros foram entregues ao julgamento da comissão militar. No interrogatório, perguntou-lhe o Conde dos Arcos: "O padre não tem inimigos, não seria possível que eles lhe falsificassem a firma, e com ela subscrevessem todos ou parte dos papéis que estão presentes?" Resposta: Não, Senhor, não são contrafeitas: as minhas firmas nesses papéis são todas autênticas; por sinal que num deles o "o" do meu último sobrenome — Castro — ficou metade por acabar, porque faltou papel". E calou-se. A 11 de junho de 1817, em Salvador, lavrou a sentença de condenação do Padre Miguel Joaquim de Almeida Castro. Ajoelhou-se diante do crucifixo e começou a rezar o Salmo Misere Mei Deus, debulhado em lágrimas, Revestido de alva, corda ao pescoço, algemado, pés descalços, cabeça descoberta, no meio de uma escolta de soldados, caminhou com a tranquilidade de um inocente ao campo da Pólvora, onde com dois companheiros, foi arcabuzado.

PADRE MIGUEL PINHEIRO TEIXEIRA

Padre Miguel Pinheiro, nasceu em Natal, no ano de 1725, filho do português Francisco Pinheiro Teixeira e da natalense Maria da Conceição de Barros. Era irmão legítimo do padre José Rodrigues Pinheiro e sobrinho do padre Manoel Pinheiro Teixeira. Não é conhecida a data de sua ordenação sacerdotal, mas sabe-se que exerceu o ministério paroquial, nos anos de 1763 a 64, na paróquia de Nossa Senhora da Apresentação, em Natal, no título de pró-vigário, na ausência do vigário colado, padre dr. Manoel Correia Gomes. Foi este o único cargo eclesial ocupado pelo padre Miguel Pinheiro Teixeira. Tinha cerca de 15 anos de sacerdócio, quando faleceu em Natal, no dia 8 de agosto de 1778 com 53 anos de idade.

> Em um dos livros de óbitos do arquivo da Catedral, está este termo.*"Aos oito de agosto de mil setecentos e setenta e oito, faleceu da vida presente o Padre Miguel Pinheiro Teixeira, de idade cincoenta e três anos, com todos os sacramentos e foi sepultado nesta Matriz envolto nos paramentos sacerdotais, com enterro solene, encomendado pelo Reverendo Vigário de Extre-

mo̊z Francisco de Souza Nunes, do que mandei lançar este assento em que por ausência do Reverendo Vigário me assino.

Bonifácio da Roxa Vieira

Coadjutor do Rio Grande".

CÔNEGO MIGUEL DOS REIS MELO

Cônego Miguel dos Reis, filho de João dos Reis Guilherme de Melo Filho e Tereza de Freitas Reis, nasceu em Mossoró a 3 de abril de 1883. Os seus primeiros estudos foram feitos em Mossoró, sua terra natal. O curso superior de filosofia e teologia foram começados no Seminário da Paraíba. Em 1906 seguiu para Teresina, no Piauí, em companhia de dom Joaquim de Almeida, primeiro bispo dessa Diocese e no Seminário diocesano, Miguel dos Reis, terminou seus estudos, quando então foi ordenado sacerdote a 30 de maio de 1909 pelo bispo diocesano dom Joaquim de Almeida, na Catedral de Teresina, tendo por companheiro de ordenação o Cônego Amâncio Ramalho. Depois de ordenado o Con. Miguel dos Reis ficou no Piauí exercendo o ministério, até que em 1928 deixou o Piauí e veio trabalhar no Rio Grande do Norte, fazendo-se presente na diocese de Natal, quando lhe foi dado a paróquia de São Gonçalo, na qual permaneceu de 1928 a 30. Mudado para o Ceará Mirim, aí foi vigário de 1930 a 31, regendo também Taipu, em 1930. Retirando-se da diocese de Natal viajou para o sul do país, parando em São Paulo e daí foi para a paróquia de Dourado em 1936 onde se tornou vigário, pertencente essa paróquia a diocese de São Carlos. De Dourado foi em 1947 para a diocese de Campos, no Estado do Rio de Janeiro. e aí foi nomeado vigário de Natividade. No governo diocesano de Campos, o Cônego Miguel dos Reis ocupou o lugar de membro do Conselho de Consultores diocesanos da diocese de residência. Durante a sua permanência nessas três dioceses, onde exerceu cargos Ministeriais em paróquias, ficou sempre incardinado à sua diocese, Teresina. O Cônego Miguel dos Reis, por motivo de saúde não pode mais voltar para a sua diocese, no Piauí, vindo terminar a sua missão sacerdotal, na diocese de Campos, na sede diocesana, a 13 de junho de 1954, com 71 anos de idade e 45 de sacerdote.

PADRE MOISÉS FERREIRA DO NASCIMENTO

O lugar do nascimento do padre Moisés Ferreira, é um sítio com o nome de Baixa Verde, do município de São Bento do Trairi e que na época do seu nascimento, era do município de Santa Cruz, foi a 20 de abril de 1878, filho de Vicente Ferreira do Nascimento e Josefa Maria do Espírito Santo. Foi aluno do Seminário da Paraíba e nesse estabelecimento de ensino eclesiástico fez o curso secundário e o curso superior de filosofia, direito canônico e teologia, chegando no tempo marcado para receber as ordens que haviam de o conduzir ao sacerdócio. O bispo diocesano da Paraíba, dom Adauto Aurélio de Miranda Enriques, promoveu Moisés Ferreira às ordens Menores e Maiores, iniciando pela Tonsura clerical e terminou pelo presbiterato a 9 de novembro de 1902. Foi no Rio G. do Norte, que o padre Moisés deu começo a sua ação de trabalho no serviço da Igreja, indo primeiro para a freguesia do Apodi em 1903, transferindo-se no ano seguinte, 1904 para Mossoró. Aí ficou até 1906. Deixando a região oeste do Estado, veio para Natal, servir na paróquia de Nossa Senhora da Apresentação de fevereiro de 1906 a janeiro de 1910 e desta para Ceará Mirim. Vigário de Goianinha de 1912 a 16, ficando ao seu cargo a freguesia de Canguaretama até 1922. Ausentando-se da diocese de Natal em 1923, tomou o rumo do sul, chegando a São Paulo e aí pouco se demorou, regressando ao norte, ficou em Aracajú, Sergipe, assumindo aí a direção do jornal católico da diocese e ao mesmo tempo é vigário da paróquia de São José, na capital. De Sergipe se dirige a Paraíba e aí tem Pirpirituba para o lugar de vigário, onde se demora muitos anos, até que no ano de 1948, no mês de julho, veio para Natal e sentindo-se doente e sem esperança de recuperar-se, recolheu-se ao leito de enfermo, na sua residência, no bairro do Alecrim, na rua Presidente Quaresma, n. 517, às 12 e 30, do dia 24 de abril de 1949, contando 71 anos de idade e 47 de sacerdote, faleceu de um colapso cardíaco. Foi um bom sacerdote no cumprimento de seus deveres, merecedor de estima dos seus colegas e dos Pastores das dioceses que trabalhou. Nos primeiros anos de sacerdote, sobretudo em Goianinha, se dedicou ao ensino da juventude, com escola por ele mesmo dirigida. Sacerdote de cultura, tido como um grande orador sacro.

Antes mesmo de ser vigário de Pirpirituba, já era residente nessa cidade paraibana em companhia de seus pais, que haviam deixado São Bento, para melhoras de condição.

CÔNEGO NICODEMOS NICANOR DA COSTA NEVES

O Cônego Nicodemos Neves, como era conhecido no meio eclesiástico, nasceu no Rio Grande do Norte, em Canguaretama, a 12 de março de 1884, sendo seus pais José Rufino da Costa e Maria Querubina dos Anjos Neves. Na sua cidade Natal, fez os primeiros estudos e transferido de residência para a capital da Paraíba, passou então a fazer parte da banda de Música da Polícia do Estado e em 1908 foi matriculado no Seminário diocesano daquela Capital e aí fez todo o curso eclesiástico. Todas as Ordens e Tonsura clerical lhe foram conferidas pelo bispo diocesano — Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques, na Catedral, da Paraíba, nestas datas: Tonsura, a 20 de fevereiro de 1910; Ordens Menores, a 12 de novembro de 1911; subdiaconato, a 17 de novembro de 1912; diaconato, a 18 de novembro de 1913 e por fim o Presbiterato, a 30 de novembro de 1913. Como sacerdote do clero paraibano, exerceu os cargos seguintes: professor de música, no Seminário diocesano; Capelão do Hospital e da Santa Casa de Misericórdia; professor do Colégio Pio X e da Escola Normal, onde também foi diretor. Professor do Liceu Paraibano. No ministério paroquial, foi vigário interino na freguesia de Conde. Em 1922 escreveu uma plaquete com o nome "A Inquisição na Paraíba". A 5 de novembro de 1925, o padre Nicodemos se tornou membro do Cabído da Catedral, sendo-lhe conferido o título de Cônego Honorário. Na Capital da Paraíba, onde sempre residiu, o Cônego Nicodemos Neves, terminou os seus dias terrenos, a 9 de janeiro de 1957, com 73 anos de idade e 44 de sacerdote.

CÔNEGO PEDRO PAULINO DUARTE DA SILVA

É também nascido em São José de Mipibu, a 29 de junho de 1877, filho de José Paulino da Silva e Francisca Joaquim da Silva. Estudou primeiramente nas escolas de sua cidade, São José de Mipibu e depois foi aluno do Colé-

gio diocesano de Olinda e terminado esse tempo do Colégio de Olinda, então foi para o Seminário fez todos os estudos necessários, inclusive o superior constando de filosofia, direito canônico e teologia moral e dogmática, acrescentando-se a liturgia. Na Paraíba, recebeu a Tonsura clerical, a 14 de novembro de 1897 e todas as ordens menores e sacras, inclusive o presbiterato a 26 de fevereiro de 1901, todas conferidas pelo bispo diocesano dom Adauto Aurélio de Miranda Enriques e na igreja Catedral de Nossa Senhora das Neves, celebrou a sua primeira Missa no dia 15 de março de 1901. No mesmo ano de sua ordenação foi para Mossoró e nessa cidade assumiu a direção do Colégio Diocesano Santa Luzia; de Mossoró foi para Touros, sendo aí vigário de 1903 a 04, quando veio para Natal a fim de ser o vice-diretor do Colégio Santo Antonio e também coadjutor do padre João Maria, na paróquia da Apresentação. Pouco se demorou em Natal, porque em 1905, já está vigário de Angicos e do mesmo modo, em 1906, é vice-diretor do Colégio Diocesano Pio X da Paraíba e professor no Seminário. Volta a Mossoró, onde começou e nessa cidade do oeste, torna a diretor do Colégio Santa Luzia de 1907 a 914. Deixou o Rio Grande do Norte, nesse mesmo 1914 e foi para Sergipe, onde era bispo diocesano, o nosso conterrâneo dom José Tomaz Gomes da Silva e nessa diocese permaneceu até 1918, de regresso a Natal, já no governo diocesano de dom Antonio dos Santos Cabral, foi assumir a paróquia de Ceará Mirim e aí foi vigário de 1918 a 24. Vigário de Currais Novos quando deixou Ceará Mirim, ficando na paróquia do Seridó, até 1928. Vigário em Santana do Matos e São Rafael de 1928 a 30; Nova Cruz de 1930 a 33; daí para o Seridó novamente, com a paróquia do Acari e em 1934 é Macaíba o lugar de seu apostolado e em 1938 vigário de sua terra natal, o São José de Mipibu de 1938 a 45, com a regência de Goianinha por poucos meses e transferiu-se para a antiga Papari, atual Nísia Floresta, em 1945 com Arês. Em 1952 era vigário só de Arês e então sentindo-se doente, sem mais força para o paroquiato foi exonerado do cargo e se tornou daí em diante sacerdote avulso, com residência na cidade de São José de Mipibu. Cônego Honorário, do Cabido da Catedral de Sergipe, título datado de 19 de março de 1940. Faleceu em São José de Mipibu, a 12 de março de de 1954, sendo sepultado no cemitério da cidade, onde ainda se encontram os seus restos mortais. Contava o Cône-

go Pedro Paulino, quando morreu 77 anos de idade e 53 de sacerdote, quase todo dedicado ao pastoreio das almas. Era o Cônego Pedro, um sacerdote de cultura, grande orador sacro e muito estimado por todos do clero e dos paroquianos das freguesias que muito serviu, com dedicação e zelo.

CÔNEGO PEDRO SOARES DE FREITAS

Cônego Pedro Soares, nasceu na propriedade de seu pai, denominada Barra, situada no atual município de Governador Dix-Sept Rosado, antigo São Sebastião. Filho de Gonçalo Soares de Freitas e Maria Tereza de Jesus, conhecida por todos como dona Maria da Barra. Nasceu o Cônego Pedro Soares no ano de 1833, fez os seus estudos maiores no Seminário de Olinda e ai foi ordenado sacerdote no dia 13 de dezembro de 1863, pelo bispo diocesano dom João da Purificação Marques Perdigão. Há informação certa de um serventuário público, de nome Menescal para o Boletim Bibliográfico, de Governador Dix-Sept Rosado que o Cônego Soares antes de ir para o Seminário de Olinda foi um bom vaqueiro. No ano seguinte da sua ordenação, 1864 tomou posse da paróquia de Caraúbas, em substituição ao padre Luiz Marinho de Freitas, demorando ai 26 anos, quando então por concurso feito, se tornou vigário colado. Nomeado Cônego a 12 de janeiro de 1885. A sua nomeação para Arcipestre da Província do Rio Grande do Norte, foi feita pelo bispo de Pernambuco, Dom José Pereira da Silva Barros, no ano de 1885. Foi possuidor de escravos e a 30 de março de 1887 conseguiu libertá-los, tornando-se abolicionista intransigente. No município de Caraúbas, desempenhou uma grande ação na história da Abolição, extensiva a toda Província do Rio Grande do Norte. Na sua paróquia Caraúbas, foram libertados no ano de 1887, 96 escravos. Teve grande ascendência moral sobre os seus paroquianos. Sendo de índole pacificadora, foram muitas as questões que o Cônego Pedro Soares conseguiu solucionar. Trazendo a paz às famílias. Procurou com muita dedicação dar aos seus paroquianos uma instrução necessária e assim em 1867 fundou o Colégio São Sebastião e ele mesmo com outras pessoas dirigiu o colégio, onde também foi professor. Em 1858 foram iniciadas as obras da Matriz,

quando ao assumir a direção da paróquia, trabalhou para concluir, as quais foram começadas pelos seus antecessores. Fez parte da Assembléia Provincial, no biênio de 1870-71. Era cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa. Pelo povo era considerado, virtuoso, muito calmo, caridoso e bom. Durante 25 anos, esteve à frente dos destinos eclesiásticos da paróquia de Caraúbas, onde desenvolveu a mais benéfica e proveitosa ação em bem dos paroquianos. Faleceu em Caraúbas no dia 3 de abril de 1891, com apenas 58 anos de idade e 28 de sacerdote. Os seus restos mortais se encontram na Igreja Matriz de Caraúbas.

PADRE SATURNINO DE JESUS BEZERRA

Padre Saturnino, apelidado com nome de padre Bararau, era paraibano, nascido no município de Piancó. A data de seu nascimento é ignorada, como também a sua filiação. Seu nascimento deve ter ocorrido na década de quarenta, de 1840 a 48. Os seus estudos eclesiásticos foram feitos no Seminário de Olinda, onde recebeu o presbiterato a 30 de novembro de 1867. Após ordenado sacerdote ficou em Olinda, na ocupação de Capelão do Palácio Episcopal, até 17 de junho de 1869. De Pernambuco, veio para o Rio Grande do Norte, onde exerceu o ministério paroquial em vários lugares: Touros, em outubro de 1882 como pró-páróco; vigário de novembro a agosto de 1883. No Ceará Mirim em 1884; Vigário de Arês de outubro de 1888 a setembro de 1889. Desta data em diante ficou avulso fixando residência em Jardim de Angicos, da paróquia de Angicos, permanecendo aí até o fim de sua vida, com o título de Capelão, onde dava o seu auxílio no serviço paroquial da comunidade, quando necessário. O padre Saturnino, no Jardim, onde residia, por motivo de alteração mòral na sua vida, perdeu muito a confiança e a estima do povo de maneira que, a 6 de abril de 1894, uma grande cheia do rio Ceará Mirim, fez destruição na vila, quando pôs abaixo 21 casas, e parte da capela, o povo então, dava como causa disso, a presença do padre Bararau, como noticiou a imprensa de Natal na época. Marchando no aumento da idade e no precário estado de saúde, pediu para ser sepultado na soleira da porta principal da capela, como sinal de humildade, a fim de ser pisado o seu túmulo pelos que entrassem na capela. O padre Satur-

quando ao assumir a direção da paróquia, trabalhou para concluir, as quais foram começadas pelos seus antecessores. Fez parte da Assembléia Provincial, no biênio de 1870-71. Era cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa. Pelo povo era considerado, virtuoso, muito calmo, caridoso e bom. Durante 25 anos, esteve à frente dos destinos eclesiásticos da paróquia de Caraúbas, onde desenvolveu a mais benéfica e proveitosa ação em bem dos paroquianos. Faleceu em Caraúbas no dia 3 de abril de 1891, com apenas 58 anos de idade e 28 de sacerdote. Os seus restos mortais se encontram na Igreja Matriz de Caraúbas.

PADRE SATURNINO DE JESUS BEZERRA

Padre Saturnino, apelidado com nome de padre Bararau, era paraibano, nascido no município de Piancó. A data de seu nascimento é ignorada, como também a sua filiação. Seu nascimento deve ter ocorrido na década de quarenta, de 1840 a 48. Os seus estudos eclesiásticos foram feitos no Seminário de Olinda, onde recebeu o presbiterato à 30 de novembro de 1867. Após ordenado sacerdote ficou em Olinda, na ocupação de Capelão do Palácio Episcopal, até 17 de junho de 1869. De Pernambuco, veio para o Rio Grande do Norte, onde exerceu o ministério paroquial em vários lugares: Touros, em outubro de 1882 como pró-pároco; vigário de novembro a agosto de 1883. No Ceará Mirim em 1884; Vigário de Arês de outubro de 1888 a setembro de 1889. Desta data em diante ficou avulso fixando residência em Jardim de Angicos, da paróquia de Angicos, permanecendo aí até o fim de sua vida, com o título de Capelão, onde dava o seu auxílio no serviço paroquial da comunidade, quando necessário. O padre Saturnino, no Jardim, onde residia, por motivo de alteração moral na sua vida, perdeu muito a confiança e a estima do povo de maneira que, a 6 de abril de 1894, uma grande cheia do rio Ceará Mirim, fez destruição na vila, quando pôs abaixo 21 casas, e parte da capela, o povo então, dava como causa disso, a presença do padre Bararau, como noticiou a imprensa de Natal na época. Marchando no aumento da idade e no precário estado de saúde, pediu para ser sepultado na soleira da porta principal da capela, como sinal de humildade, a fim de ser pisado o seu túmulo pelos que entrassem na capela. O padre Satur-

nino faleceu a 31 de maio de 1895 e para o seu sepultamento houve prós e contras o lugar de seu pedido em vida, vencendo a maioria e lá está na entrada da capela, uma pedra, já gasta, pelo piso dos fiéis, indicando o local. Não obstante em vida ter o padre perdido um pouco da amizade do povo, mas, foi recuperada com o seu desaparecimento, escrevendo-se na pedra "Homenagem do povo de Jardim".

PADRE SEVERINO LEITE RAMALHO

Era paraibano, de Conceição do Piancó, nasceu a 2 de março de 1873. Iniciou seus estudos em Piancó, sua terra onde residiam seus pais. Aluno do Seminário de João Pessoa, chamada Paraíba, capital do Estado, aí fez todos os cursos, secundário e o de filosofia e teologia. Foi o senhor bispo Dom Adauto de Miranda Henriques que lhe conferiu todas as ordens, menores e maiores, sobretudo o diaconato em 1897 e o presbiterato a 14 de novembro de 1897, celebrando a sua primeira Missa na cidade de Itaporanga, na Paraíba, que tinha o nome antigo de Misericórdia, a 8 de dezembro e aí ficou por todo o ano de 1898, na qualidade de vigário e no fim desse ano foi nomeado vigário do Piancó permanecendo nessa paróquia até 1902, sendo nesse mesmo tempo com o encargo de outras paróquias tais como Misericórdia, Conceição e Princesa, todas na Paraíba. Coadjutor de Bananeiras de 1903 a 4, auxiliando o seu tio padre José Eufrosino de Maria Ramalho, vigário dessa paróquia do Brejo paraibano. Vigário de Pilar de 905 a 11, quando então mudou-se o seu trabalho ministerial para o Rio G. do Norte. Diretor do Colégio Santo Antonio em 1911 e em 1912 vigário de São Gonçalo, em 913 em Canguaretama. Convidado pelo bispo de Ilhéus, na Bahia, foi em 1915, ocupar cargos que lhe foi oferecido e em 1922 volta para Natal e no espaço de 1922 a 937 foi vigário de São Gonçalo, Macaíba, Nova Cruz e Santo Antonio. Sendo vigário de Nova Cruz, sentiu-se atacado de diabete e recolhendo-se ao Hospital das Clínicas, antes chamado Miguel Couto e aí não melhorando na saúde, faleceu a 31 de julho de 1937, sendo sepultado no Cemitério do Alecrim. Sacerdote de ilustração intelectual, sendo orador sacro e sobretudo grande jornalista, usando nos seus escritos um pseudônimo. Como jornalista os seus artigos eram bem aparecidos, de assuntos variados. Como vigário exerceu o cargo com muita dignidade. Quando faleceu tinha 64 anos de idade e 40 de sacerdote.

PADRE SIMÃO JUDAS TADEU PEREIRA

Não se tem documento algum dando a data certa do nascimento do padre Simão Judas Tadeu. Julga-se ter nascido em 1772 ou 73 porque a certidão de Óbito diz que ele tinha mais de sessenta anos em 1838 quando faleceu. Também é incerta a data de sua ordenação sacerdotal, que deve ter sido pelos anos de 1802 ou 03, porque em 1804 já fazia batizados em São Gonçalo, no mês de abril. A ordenação, deve ter sido em Olinda. Depois de ordenado sacerdote veio para Natal e aqui sem nomeação alguma da Diocese ia ajudando os vigários nas capelas, até que em 1808, é provido no cargo de coadjutor da paróquia de Nossa Senhora da Apresentação, cujo vigário era o padre Feliciano José Dornelas. Como coadjutor, esteve até 1817 e chegou no ano de 1818 a tomar por tempo o lugar de coadjutor pró-pároco, na ausência do vigário. Era coadjutor quando há 20 de abril de 1817, fez na Matriz da Apresentação a cerimônia litúrgica na encomendação do cadáver de André de Albuquerque, que foi sepultado na mesma igreja. Em 1822, fez concurso para vigário em São José de Mipibu, que sendo aprovado e nomeado passou a ser o primeiro vigário Colado da paróquia de São José. Permaneceu como vigário de São José por espaço de 14 anos - de 1822 a 36. O padre vigário Simão Judas, não foi feliz no seu paroquiato em São José, por que entendeu de ingressar na política partidária do Município e sua ação de de tal modo, que em pouco tempo caiu no desagrado dos seus paroquianos e o seu rebanho se dividiu em prós e contra o pastor. O povo não podia suportar semelhante coisa, de maneira que o primeiro arranco contra a pessoa do vigário foi em 1824. Diante do perigo que corria a sua própria vida, o padre comunica os acontecimentos ao Imperador, como também ao Cabido da Diocese de Olinda e recebe esta resposta assinada pelos cônegos Patrício José de Oliveira e Francisco Xavier da Cunha. Atento o estado político e comoção dos povos e ter V. Mercê dado já conta ao Augustíssimo Imperador a prudência dita que procure fazer a paz com os seus fregueses ou que então indique um sacerdote que o substitua. O padre Tadeu retirou-se para Natal e substituiu o padre Davi Martins Delgado. Pouco se demorou em Natal, e por ordem do bispo Dom Tomaz de Noronha, regressou a São José e em 1834 novo movimento surge e dessa vez com mais

vigor. Em perigo a sua vida o padre Tadeu se recorre do presidente da Província, Dr. Manuel Teixeira Barbosa, e lhe faz ciente que é violentado por furioso séquito de muitos de seus paroquianos que por via de força quiseram expulsar da sua paróquia e o presidente responde "Se V. Revdma. teme, o remédio é óbvio, fuja para esta capital que o farei suceder muito breve por sacerdote pacificador e aqui o Governo o defenderá". Uma carta do bispo de Pernambuco, Dom João da Purificação, ao vigário aconselha que ele fuja, recolhendo-se à Capital. Deixando a paróquia, o pe. Tadeu foi substituído provisoriamente pelo padre Braz de Melo Muniz e nunca mais voltou à sua paróquia. Foi assim o paroquiato do padre Tadeu, de lutas e desavenças com os seus paroquianos, por motivo político. A 25 de setembro de 1838, em Natal, o padre Tadeu terminou a sua vida terrena; diz o termo de óbitos da Catedral de Natal o seguinte. "Aos vinte e cinco de setembro de mil oitocentos e trinta e oito, da vida presente, faleceu o padre Simão Judas Tadeu com idade de sessenta e tantos anos, tendo recebido somente o Sacramento da unção e foi sepultado nesta Matriz, envolto nos paramentos sacerdotais, depois de encomendado solenemente pelo reverendo Manuel José Fernandes e para contar mandei fazer este termo em que assinei. Cândido José Coelho vigário interino".

PADRE TERTULIANO FERNANDES DE QUEIROZ

Na fazenda "Jatobá", no município de Pau dos Ferros, nasceu o padre Tertuliano Fernandes de Queiroz, mais conhecido pelo nome de padre Terto, a 27 de abril de 1867, sendo batizado em princípio de junho do mesmo ano, na capela de Santo Antonio de Vitória, atual Panatis, pelo Cônego Bernardino José de Queiroz. Filho de Raimundo Fernandes de Queiroz e Maria José de Queiroz. Concluído o curso primário, em 1882, seguiu para o Seminário de Olinda, onde fez o curso secundário e o curso superior de filosofia, direito canônico e teologia moral e dogmática. Terminado todos os estudos foi para Fortaleza, no Ceará, com demissórias do Governador do bispado de Olinda Cônego Jerônimo Tomé de Souza, futuro arcebispo da Bahia, na ausência do bispo diocesano dom José Pereira da Silva Barros, para receber todas as ordens menores e maiores, inclusive o presbiterato, que foi a 15 de dezembro de 1889. Foi ordenan-

te das ordens, simples e sacras, o bispo diocesano, dom Joaquim José Vieira. Voltando para sua terra, — Pau dos Ferros, onde celebrou a sua primeira Missa, ai ficou com a nomeação de coadjutor, auxiliando o vigário padre Manoel Rodrigues Campos e se demorou nesse cargo de janeiro de 1890 a março de 91. Transferido para vigário de Catolé do Rocha, na Paraíba, nomeação feita pelo vigário Geral de Olinda, Mons. Antonio Fabrício de Araújo, sendo sua permanência até outubro de 1897. Vigário de Martins, no Rio G. do Norte, nos anos de 1897 a 98, ficando com a regência de Catolé do Rocha e Patu. Em 1898 retorna a vigário de Catolé do Rocha e daí só saiu em 1904. No cargo de vigário de Catolé do Rocha, passou em 1895, também a se encarregar da freguesia de Brejo da Cruz, na Paraíba. Vigário de Pau dos Ferros a começar de março de 1905 e só deixou em 1913 e nesse tempo, em 1910 regeu a freguesia de Portalegre. Com o falecimento do padre Cosme Leite, em 1910 passou também a reger a freguesia de São Miguel, até que em 1912, assumiu definitivamente o cargo de vigário de São Miguel, deixando Pau dos Ferros. Foi auxiliar do padre Angelo Fernandes, no Ceará Mirim, um ano e cinco meses. Teve uma cadeira de deputado em duas legislaturas em 1913 e 1916. Foi prefeito de São Miguel, na revolução de 1930, ocupando o cargo por poucos meses. Era vigário de São Miguel, quando faleceu na sede sua paróquia a 27 de abril de 1935, no dia do seu aniversário natalício, contando 68 anos de idade, 46 de sacerdote e 25 de vigário de São Miguel. Foi sepultado no cemitério de São Miguel, onde jazem os seus restos mortais, em um túmulo da Família. No período de vigário foi sempre benquisto pelos seus paroquianos de todas as paróquias que esteve na missão paroquial. No livro n. 42, do arquivo paroquial de Pau dos Ferros, consta este termo de batismo:

> "Tertuliano, branco, filho legítimo de Raimundo Fernandes de Queiroz e de Maria José de Queiroz, nasceu a vinte e sete de abril de mil oitocentos e sessenta e sete e foi batizado de minha licença na capela de Santo Antonio, pelo padre Bernardino José de Queiroz no princípio de junho do mesmo ano, padrinhos Antonio Fernandes de Queiroz e sua mulher Joana Gomes de Amorim.
>
> Pró-pároco Joaquim Manoel de Oliveira".

PADRE TOMAZ ANTONIO DE MORAIS CASTRO

Padre Tomaz de Morais Castro, nasceu em São Gonçalo do Amarante, no ano de 1825, filho de Manoel Alves de Morais Castro e Francisca Antonia Teixeira, esta ainda descendente da família do padre Miguelinho. O padre Tomaz foi batizado a 20 de fevereiro de 1827, na capela de Santo Antonio do Potengi, pelo padre coadjutor José Gabriel Rodrigues, de licença do vigário Dornellas. Matriculado no Seminário de Olinda, aí fez os seus estudos e foi ordenado pelo bispo diocesano dom João da Purificacão Marques Perdigão. A data certa de sua ordenação sacerdotal não é conhecida, mas, que deve ter sido na década de quarenta, porque no ano de 1839 ele ainda não estava ordenado. Nos anos de 1853 e 54, o padre Tomaz serviu de coadjutor na paróquia de Goianinha. A 10 de dezembro de 1856 foi nomeado Alferes Capelão para servir na Fortaleza dos Reis Magos. Padre Capelão, com a patente de Alferes, pertenceu a Companhia de Cacadores que seguiu do Natal a 31 de marco de 1865 para a guerra do Paraguai. Embarcaram na Bahia. O padre Tomaz era da Repartição Eclesiástica do Exército. Seguiu para a guerra do Paraguai com o 18.º Batalhão de Infantaria para Montevideu com 79 praças pertencentes a várias unidades: bahianas, sergipanas e voluntários da Pátria. Depois da guerra voltou ao Rio Grande do Norte onde o Bispo de Olinda o suspendeu de ordens por julgá-lo ter celebrado uma Missa sem licenca, na enfermaria de Natal, de corporação militar, isto em 1874. Dessa suspensão de ordens, o padre Tomaz fez sua defesa requerendo o cancelamento da medida punitiva do Diocesano. No tempo, que esteve suspenso de ordens, o presidente da Província do Rio Grande do Norte, João Capistrano Bandeira de Melo Filho, o nomeou diretor da Escola Regimental da Polícia. O padre Tomaz serviu no Ceará, no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Norte, no período da guerra. Foi sustento de sua mãe enferma e de duas irmãs solteiras. Sofria o padre de beriberi, vindo a falecer na povoação de Santo Antonio do Potengi, do município de São Gonçalo do Amarante, a 7 de dezembro de 1887, com 62 anos de idade e mais de quarenta de sacerdote. No livro I C. fls. 63v n. 28 do arquivo da Catedral de Natal, está este termo:

"Aos vinte de fevereiro de mil oitocentos e vinte e sete, na capela de Santo Antonio do Potengi, o Reverendo Coadjutor José Gabriel Rodrigues, de minha licen-

ça, batizou e pôs os Santos óleos a Tomaz branco, nascido nesta freguesia, filho legítimo de Manoel Alves de Morais Castro e Francisca Antonia Teixeira naturais desta Freguesia. Foram padrinhos Francisco Pinheiro Teixeira, viúvo e Joaquina Xavier de Almeida, solteira, e para constar fiz este Termo que assinei. Feliciano José Dornellas. Vigário Colado".

No arquivo paroquial de São Gonçalo do Amarante, no livro de Óbitos I — fls. 139, tem este termo:

"Aos sete de dezembro de mil oitocentos e oitenta e sete, faleceu de constipação, com sessenta e dois anos de idade, o Padre Tomaz Antonio de Morais Castro, filho de Manoel Alves de Morais Castro, foi sepultado no Cemitério de São Gonçalo, sendo encomendado, do que fiz este termo.

O Vigário Interino.

Padre José Esteves Viana".

PADRE TOMAZ FERREIRA DE ARAÚJO

Padre Tomaz de Araújo, nasceu a 14 de janeiro de 1809, e foi batizado a 16 do mesmo mês e ano. Neto paterno de João Damasceno Pereira e Maria dos Santos Medeiros; neto materno de Tomaz de Araújo Pereira e Teresa de Jesus. Matriculou-se no Seminário de Olinda em 1826, onde pagou em um ano a importância de quarenta e cinco mil e quinhentos reis. Foi bom estudante, aprovado em todas as matérias: latim, filosofia, geografia, história sagrada, moral sacramental, teologia, moral prática. Ordenado sacerdote a 6 de maio de 1832, no Seminário de Salvador, na Bahia, pelo arcebispo dom Romualdo Antonio de Seixas. Ignora-se o motivo de sua ordenação ter sido na Bahia, porquanto a sede de Olinda, tinha Bispo na pessoa de dom João Perdigão. Regressando depois de ordenado, foi exercer o cargo de capelão no Acari e a 17 de março de 1836 foi pelo Visitador padre Brito Guerra, nomeado como primeiro vigário do Acari, três dias depois da criação da freguesia e ainda no mesmo ano foi nomeado para reger a paróquia de Cuité, na Paraíba. Fez concurso para vigário de Acari e com documentos de vida e atos, requereu

ao Bispo autorização para assinar o termo de Oposição da referida freguesia. Informado da conduta por Manoel Cassiano da Costa Pereira, Manoel Batista dos Santos, Joaquim Manoel Dantas, José Bezerra Galvão e João Araújo Pinheiro, foi autorizado pelo Bispo a opor-se para o Acari, a 26 de janeiro de 1836 e a 30 de março do mesmo ano, foi nomeado Primeiro e último vigário colado do Acari. Posse no cargo de vigário a 18 de maio de 1839, que se verificou o ato de colação, em Recife, na Igreja do Corpo Santo, sendo o Barrete imposto em nome do bispo dom João da Purificação Marques Perdigão, pelo diácono Francisco Jorge de Souza. O padre Tomaz de Araújo foi deputado na Assembléia Legislativa Provincial, de 1835 a 41; 1848 a 49; 1860 a 61. A Matriz do Acari foi construída pelo esfôrço do vigário pe. Tomaz e foram as despesas elevadas a cem contos de reis. A Matriz mede 44 metros e 37 de comprimento por 19 de largura, a segunda do Rio Grande do Norte. O trabalhou durou de 1859 a 1863. Fundou em 1875, uma Casa de Caridade, que fechou na seca de 1877. No seu livro "Homens de outrora" conta o dr. Manoel Dantas. que ouviu do próprio vigário, o seguinte: "rapaz um pouco endiabrado, incorreu, muita vez nas iras do avô que depois de uma duzia de bolos, trancava-o na cafúa, tortura maior que a da palmatória. Quando em 1833 o padre Tomaz tirou. em concurso, a freguesia do Acari; o velho Tomaz de Araújo, já cego, começou a exigir que o ouvisse de confissão. O padre relutava, alegando o respeito filial, mas o velho replicava: o Senhor, como vigário da freguesia, não é meu neto é o meu pastor que tem a obrigação de atender a todos os penitentes que o procurarem. Não houve de evitar a confissão e o padre, lembrado talvez do castigo um tanto desumano, deu ao postulante a penitência de passar meia hora trancado na cafúa. Tomaz de Araújo cumpriu a pena e, ao sair da cafúa, mandou chamar um pedreiro e demoliu-a". O padre Tomaz, no cargo de Administrador da capela de N.S. da Guia, do Acari, foi nomeado pelo bispo dom José da Cunha Azeredo Coutinho, a 10 de junho de 1800, sendo morador no Melengue da freguesia do Príncipe. O governo da Monarquia distinguiu com a comenda de Cristo e da Ordem da Rosa. Vigário do Acari soube implantar nos seus paroquianos o respeito a sua pessoa. O padre Tomaz de Araújo faleceu no Acari a 13 de dezembro de 1893, com a idade de 84 anos e 61 de sacerdote. Está sepultado na igreja Matriz do Acari.

CÔNEGO VICENTE FERRER PIMENTEL

O Cônego Vicente Pimentel, morreu em Guarabira, na Paraíba, onde era vigário. Era natural do Açu, nascido a 8 de novembro de 1872, filho de Manoel Cassiano Lins Pimentel e de Maria Juvenia Pimentel. O pai do padre Vicente era irmão de Francisco de Souza Caldas, o fundador da família "Caldas", do Açu, filho de João de Souza Pimentel e Josefa Lins Wanderley, avós do padre Vicente Pimentel. Os seus estudos foram iniciados no Açu e depois continuados e terminados no Seminário da Paraíba. O bispo diocesano, dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques, foi quem lhe conferiu todas as ordens Menores e Sacras, inclusive a Tonsura Clerical, todas na igreja Catedral de Nossa Senhora das Neves. As ordens maiores e sacras do Diaconato, a 15 de novembro de 1903 e o Presbiterato, a 13 de novembro de 1904. A primeira nomeação foi para coadjutor da Catedral de N.S. das Neves, na capital, em 1905, sendo que em 1906 passou ao cargo de vigário da mesma paróquia e aí permaneceu até 1911. Quando vigário na Paraíba recebeu o título de Cônego, em 1905, passando então, a membro efetivo do Cabido da Catedral. Transferido em 1912 para Guarabira como pró-pároco até 1915. Em Guarabira esteve quatro anos, quando faleceu a 6 de junho de 1915. Na época de seu falecimento contava 43 anos de idade e 11 de sacerdote. Em Guarabira o Cônego Pimentel trabalhou sem cessar em benefício da igreja Matriz, indo ele mesmo as feiras da cidade, para angariar dos negociantes e feirantes pequenas esmolas que serviam para a sua Matriz. Era de estatura alta, magro, porém revestido de grande zelo, coragem para o trabalho e de piedade sacerdotal. Amigo de seus paroquianos a quem os servia nas suas necessidades espirituais, de forma que a sua morte foi bem sentida por todos, por ter sido muito estimado do povo. Na Matriz de Guarabira, dedicada a Nossa Senhora da Luz, na capela-mor uma pedra mármore com dizeres indica onde estão os restos mortais do Cônego Vicente Ferrer Pimentel.